3 1761 07041780 3

MYSTERIOS DE LISBOA.

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/mysteriosdelisbo00cast

MYSTERIOS DE LISBOA

POR

CAMILLO CASTELLO-BRANCO.

PORTO:

TYPOGRAPHIA DE J. J. G. BASTO,
Largo do Corpo da Guarda n.° 106.

1854.

PQ
1861
C3M64
V.3

LIBRARY
DEC 28 1967
UNIVERSITY OF TORONTO

MYSTERIOS DE LISBOA.

LIVRO SEGUNDO.

I.

A' portaria do real convento de Odivellas parára uma carruagem. As madres, affeitas á concorrencia dos melhores trens de Lisboa no seu espaçoso atrio, vieram pressurosas ás janellas, como a buscarem estimulo que as desanojasse da ociosidade fastienta em que viviam.

Não conheceram a libré da carruagem, que parára. Não era o primo conde, nem a tia marqueza, nem o Mon-Senhor. A duvida mortificava-as, em quanto não ouviram o guincho da moça-porteira repercutir na extensão dos claustros: *Sancta Barbora!*

O leitor, ignorante dos usos monasticos, ima-

gina que a desconhecida carruagem conduzira alguma trovoada! Pelo contrario. A tarde de 15 de Setembro de 1832, era bella, o ceu transparente, o sol a descahir purpureava o horisonte, e as folhas murchas dos flores tão gratas aos disvellos das bernardas, em horas vagas d'outros disvellos mais gratos ainda, apenas ciciavam roladas pela tepida viração.

O grito repinicado da moça-porteira, aquelle nome, que socegara meia-curiosidade das freiras ara o apellido por que a creada da confessa de Santa Barbora vinha ao palratorio. Todas as madres, cujo instituto lhes permitte serem servidas, dão o seu apellido á creada, que responde sempre com agudo *sim*, de longa distancia, ao brado que lhe vem da portaria em agudissimo falsete.

Veio, pois, á portaria a creada grave da condessa de Santa Barbora, e conduziu para sua ama um bilhete de visita com este nome: *Alberto de Magalhães*.

Breve, a creada voltou, dizendo que a senhora condessa mandava subir o cavalheiro para a grade, numero cinco.

O desconhecido apeou. Então é que as esposas do Senhor, descuidadas do seu marido como as celebres esposas da parabola, convergiram sobre o cavalheiro todos os raios negros, castanhos, e verdes dos bellos olhos, olhos que não eram para alli, ou, se o eram, em pouco se occupavam do que era de lá. Viram-no, e, quando o não conheceram, a cu-

riosidade desatinou-as de tal modo, que pouco lhes faltou que não lhe perguntassem — quem era, e a que vinha.

Alberto cortejou-as, com aria de cortesão amestrado, que poucos sabem remedar, quando a educação lh'o não ensinou.

As lisongeadas senhoras deram-lhe unanimemente diploma de fidalgo, e convieram em que fosse algum dos poucos titulares de provincia, que praticaram na corte, ou leram a *corte* de Rodrigues Lobo.

Foi esta a opinião de Soror Thomazia do Ceu, a mais lida em classicos, que se occupava então de refutar uma obra de sua tia-avó Maria do Ceu, intitulada: *Aves illustradas em avisos para as religiosas servirem os officios dos seus mosteiros.* Com quanto a refutação, por desnecessaria, não viesse a lume, o influxo das suas doutrinas, expendidas lá dentro em sessão secreta, era tal, e tão revulsivo, que em 1832 não havia de suas companheiras uma só que não mostrasse, na pratica, que detestava cordeal e scientificamente as theorias da devota Maria do Ceu, triumphantemente refutada por sua sobrinha.

E, seja dito de passagem, não podiam ellas transigir com as restricções seraficas da religiosissima abbadessa do mosteiro da Esperança, no que era do fôro do coração, que principiava então, como dizem, *a palpitar de actualidade.* E refutavam-na com as proprias armas, repetindo, em chacaras de

piano, as seguintes quadras da muito ascetica authora da *Vida de Sancta Catharina Virgem*, que era ella, e de outras muitas obras, como a *Fenix renascida*, e a *Preciosa*.

As quadras eram estas, extrahidas das « Aves Ilustradas » e do *Discurso XII*, intitulado: *A pomba á enfermeira.*

El que de amor no adolece
Nó diga que enfermo está,
Que la dolencia es melindre,
Quando no es amor el mal.

Del enfermo, que nó ama,
Innocente el pulso está,
Por que con coraçon tibio
Ardiente pulso no ay.

El que muere, y no es de amor,
Quando en passamiento está,
No sabe lo que es morir
Aunque se veya espirar.

Aquel, que sin amor geme
Delinquente llega a estar,
Pues para dar un suspiro
El amor le roba un ay.

Era isto, justamente, o que se repetia no grupo das mais incendiarias, quando a carruagem en-

tornou a erudição fecunda de Soror Thomazia do Ceu, que poderemos, sem escrupulo, appellidar um Luthero de tôca e escapulario.

Alberto de Magalhães entrou na grade, e esperou alguns minutos. A confessa de Sancta Barbora appareceu com D. Antonia. O cavalheiro problematico tinha um aspecto que inspirava confiança. Era um homem, como poucos, em sangue frio. Esperava a condessa como quem esperaria uma pessoa familiar. Tinha o que se chama consciencia de superioridade, ou indifferença natural para tudo, em que os outros homens, mais ou menos, se sentem embaraçados e surpresos.

A condessa nunca o vira. Vinha, coacta pela delicadeza, áquella grade, tractar, face a face, um homem célebre pelo incognito, e pelo mysterioso nascimento que lhe attribuiam.

Entrou acanhada como uma educanda.

Alberto não sabia os logares communs. Sentava-se, olhava, fallava, sorria, e até jogava as armas, como se viu, excepcionalmente. Eis-aqui a sua resposta á saudação da tremula condessa:

« Já vê v. exc.ª que sou um homem muito natural... Falle-me com toda a tranquillidade e tenha a benevolencia de dizer-me se estas freirinhas, que me pareciam canarios a quererem partir os arames do viveiro, são boas companheiras.

' Eu mal as conheço — disse D. Angela sorrindo, contrafeita — mas tenho-as em muito boa conta... Nestas casas ha excellentes senhoras...

« Assim me pareceram. Na solidão fazem-se os bons corações, e familiarisa-se o espirito com o silencio, em que a consciencia diz o melhor, e ignora o que é o mundo, donde v. exc.ª fugiu...

' É verdade... e que mundo!...

« Eu sei-o por todas as faces... Deixal-o... Fallemos de v. exc.ª, e da sua amiga, que não tenho a honra de conhecer.

' É mana d'um meu bom amigo.

« Sei... o padre Diniz Ramalho...

' Conhece-o?

« De tradicção... É um homem extraordinario... V. exc.ª dizem-me que lhe deve muito...

' Tudo.

« E tudo se sabe... Ha desejos immensos de conhecel-o, e eu não quero ser dos ultimos que o admirem.

' Darei a v. exc.ª a sua morada, se quizer encontral-o.

« Acceito, senhora condessa. A mana de padre Diniz deve ser amiga de v exc.ª...

' Intima.

« E, por tanto, podemos fallar como irmãos...

' Decerto.. Mas...

« Diga, minha senhora...

' Vae fallar-me d'um assumpto...

« Que lhe é penoso tractar... Não fallarei.

' Padre Diniz pode...

« Responder-me?! Bem... procural-o-hei.

' Rua da Junqueira n.º 44.

Alberto escreveu n'uma carteira, e ao fechal-a, perguntou familiarmente:

« É feliz, senhora condessa?

' Quanto posso sel-o... na minha triste condição de mulher, fadada para soffrer.

« E, aqui, não ha uma esperança que ensurdece o coração ás saudades do mundo?

' Não as tenho... as saudades... Não sei se lhe falto á verdade... Tenho-as, e profundas, e insupportaveis...

« Eu sabia o...

' Sabia-o?...

' Sim, minha senhora... Disseram-me que a imagem do anjo que v. exc.ª perdeu, ha quinze annos, existe na terra...

' Disseram-lh'o... quem?!...

« Os meus pressentimentos... Eu tenho a historia do seu coração, senhora condessa.

' Devo acreditál-o, senhor Alberto?

« Deve... e, se não me acreditar, fará de mim uma triste idéa... Pois não viu v. exc.ª que o homem, que, ha um anno lhe escreveu, era um reflexo da sua consciencia, um forasteiro, que lhe vivia na alma? Como pode sêr-se o que eu fui, sem ser muito verdadeiro?

' É a primeira vez que o vejo, senhor Alberto de Magalhães?

« Não, minha senhora; já me viu...

' Quando?!

« Ha quinze, ha dezoito, ha vinte annos.

Onde ?!

« No mundo, neste valle de lagrimas, nesta miscellanea de grandezae miseria, onde as fysionomias se perdem, e as remeniscencias se vão... Não se cance que me não conhece. Aqui, do homem passado, não está nem uma linha...

' Que mysterio, meu Deus!

«É verdade... que mysterio !...

' E não me diz?...

« O que?... quem sou?

' Sim...

« Não, minha senhora... Permitta-me esta grosseria... não digo...

' E sabe tudo?!

« Absolutamente.

' Não devo instar mais... O que eu sei é que he devo muito...

' A mim?... nada, nada... desgraçadamente.

« Muito... Ainda ha pouco arriscou a sua vida...

Alberto sorriu-se, e continuou :

« V. exc.ª não sabe o que é arriscar a vida... O que ouve não é gloria de nada... defendi-me d'um homem pequeno na alma e na coragem... Nem elle aprendeu, nem eu me glorio de o ter ensinado... O que se deu, não se refere a v. exc.ª. Foi uma questão toda minha, um desforço pessoal.... Não fallemos disto mais... V. exc.ª ordena-me?...

' Retira-se?

« Anoitece, e ouvi uma voz que manda retirar

d'aqui, se me não engano... Ver-nos-hemos, senhora condessa... Não perca a noite a martyrisar a memoria... Digo-lhe que me não conhecerá, por que me não conhece...

' Deixa-me um vivo interesse... E' pena ignorar o nome da pessoa, que tão intima nos é, e tão credora de gratidão...

« Já lhe disse, minha senhora, que eu sou o homem, a quem v. exc.ª menos deve...

' Não comprehendo isto...

« Tanto melhor para ambos... Boas noites, minhas senhoras...

' Senhor Alberto de Magalhães — disse a condessa anciosa de interesse por aquelle homem original, ou pelo segredo extraordinario de tal apparição — não se esqueça... peço-lhe eu... de fallar a padre Diniz...

« Amanhã, senhora condessa.

Alberto, entrando na carruagem, reparou e viu, a postos, os canarios, como elle definia as curiosas filhas de S. Bernardo, que faziam das respectivas cabeças um lindo grupo em algumas janellas. A carruagem rodou. D. Angela de Lima seguia com o ouvido o rumor, que se esvahia na distancia. E' desculpavel a curiosidade, que lhe não deixou, em toda a noite, um minuto de descanço. Ao amanhecer tinha escripto todo o dealogo, que remetteu a padre Diniz.

II.

O cigano de 1817, e Sebastião de Mello na sociedade d'essa epoca, escrevia no seu *livro* confidente a ultima palavra do dealogo, que lhe fora enviado pela secular de Odivellas, quando uma carruagem parou á sua porta.

Quando lhe annunciaram Alberto de Magalhães, estremeceu. Este nome parecia-lhe associado a algum segredo de consequencias más. Porque? O presentimento assustava-o; mas os temores eram confusos.

Entrou na salla em que o cavalheiro mysterioso o esperava. Ao verem-se, aquellas duas fysionomias paralisaram. Alberto com os labios meio abertos, e a vista cravada nos olhos do padre, dava ares de idiotismo. O padre, menos estupefacto, participava d'aquelle pasmo, e não saberia resolver a causa da sua surpresa. « Aqui ha fascinação no olhar deste homem! » dizia se elle, quando Alberto lhe perguntou em voz reconcentrada:

« Conhece-me? »

' Não o conheço... pelo menos, já, não me recordo. '

« Vou fazer-lhe uma pergunta, que deve acabar com as minhas suspeitas... Diga-me, senhor padre Diniz, em 1817 conheceu um cigano chamado Sabino Cabra? »

' Essa pergunta — respondeu o padre balbuci-

ando — so dous homens... podiam fazer-ma... Um morreu... o outro..'

« E' *Come-facas*.. »

' Justamente ! — ' exclamou alvoroçado o padre com a anciedade nos olhos , e a respiração accelerada.

« Conhece-me? » repetiu Alberto com sereno sorriso, e a mão estendida para o padre...

' O senhor !.. — disse aturdido o sacerdote — O senhor !.. Eu creio que imaginei agora uma loucura ... Não entendi bem.... Ainda não sei com quem fallo ... v. exc.ª conheceu-me... ou conheceu o *Come-facas* ?..

« Conheci o cigano, que hoje se chama padre Diniz... Sabino Cabra é um desmemoriado... *Come-facas* leva-lhe grande vantagem nesta faculdade da alma...

' O senhor atordôa-me !... Em uma palavra... é...

« Sou...

' *Come-facas* .... um homem...

« Encarregado de matar um recem-nascido.

' Zomba de mim!... Nessa fysionomia não ha traços desse homem...

« Todos , e outros que então não existiam. Estas rugas vieram depois de quinze annos... Estes bigodes escondem metade do homem ; a outra metade desfigurou-a o ouro... Não concebe que o ouro desfigure?... Tambem o Sabino Cabra não tinha cabellos brancos , nem os olhos amortecidos , nem

uma coroa no alto da cabeça, nem uma batina, a esconder-lhe as bellas fórmas, que lhe iam maravilhosamente com uma jaqueta de veludilho azul, e uma faxa de seda vermelha... Nem a minha voz lhe falla pelo som do antigo confidente do marquez de Montezellos?...

' Agora, sim!... — exclamou o padre, sem adiantar-se um passo para o capitalista, a cuja porta, como elle escreveu, *as filhas dos grandes deixavam seus nomes gravados em laminas d'ouro*... — Agora, sim! vejo-o todo... qual foi... Creio-o... Era impossivel que eu não viesse a conhecel-o... Como é isto possivel?!..

« Isto quê?... o ouro?

' Não... o espirito, a intelligencia, a sciencia de appresentar-se no grande mundo, onde sei que o reputam grande na alma, no talento...

« Grande na alma... fui-o desde que me conheci... A indigencia converteu-me a grandeza em coragem para o crime... As propensões nobres morrem entaladas na gonilha do infortunio... O talento? nasceu com a altivez do espirito. O ouro approximou-me das fontes da sciencia. Tratei os grandes homens da Europa... Não me forcei por imital-os... Em sete annos de viagens adivinhei tudo, que faz o homem distincto n'uma sociedade de frivolos... Os vicios, consubstanciados á força na minha organisação até aos 25 annos em que me conheceu, padre, não me violentei para os expelir... Bastou-me uma vez envergonhar-me do meu passado, e a-

creditar que o espirito se rehabilita... Quer saber? A minha alma reage tanto contra o que fui, que, muitas vezes, chego a imaginar-me sempre o que estou sendo agora...

' Parece, nesse caso, que devia esconder o seu passado aos meus proprios olhos.

« Não quiz; procurei-o, por que lhe devo o que sou...

' A mim?!

« A si... Sem o cigano, que comprou por quarenta peças uma creança a um assassino, *Come-facas* seria hoje um perverso saturado no sangue, ou um nome que recordaria uma grande atrocidade e um cadafalso... Da minha vida digo lhe só duas palavras, por que detesto a curiosidade, e não intendo que padre Diniz aproveite com a minha biographia de quinze annos... Com o seu dinheiro, sahi de Portugal. Sem esse dinheiro eu não seria o rival dos mais opulentos em Lisboa. Toda a minha fortuna nasceu dessa mercancia que fizemos... Basta... Tambem lhe não pergunto como o cigano se transfigurou em padre... O que eu não me dispenso de saber é se existe o filho de D. Angela de Lima e de D. Pedro da Silva.'

' Existe.

« Aqui?

' Aqui.

« Desejava vêl o.

' Póde!

Fui chamado. Vi um homem de bello aspecto,

que me estendeu a mão, e me chegou á sua cadeira. Fitou-me, sem dizer-me uma palavra. Senti que a sua mão queimava e o seu olhar apertava o coração. Sympatisei, não obstante, com os seus bigodes grandes, e negros como os olhos...

« Eil-o aqui!... » Foram as unicas palavras, que lhe ouvi, murmuradas como um segredo. Depois, a um aceno do mestre, retirei-me.

Na minha sahida, Alberto de Magalhães, levantou-se, tomou o chapeu, e, já com a mão do padre apertada na despedida, disse :

« Este menino é pobre?

' Necessariamente Seu pae era-o; sua mãe sacrifica-o á honra. Da herança de seu marido... não lhe dá umas sopas, nem ella recebe mais que uma subsistencia muito parca.

« Ahi está a virtude de braço dado com o crime. São os extremos a tocarem-se. Deixal-a ser virtuosa a seu modo... Padre Diniz, receberá hoje quarenta contos de réis. Será o administrador desse capital, que entregará ao filho de D. Pedro da Silva, no dia em que elle completar vinte e cinco annos. D'isto, um religioso sygillo para a confessa de Sancta Barbora. O que eu fui é um segredo de nós ambos. Quando um terceiro o souber, tratarei padre Diniz como um inimigo . . . . . .

No dia immediato, disse-me o mestre :

« Escreva a sua mãe uma carta de despedida.

' Pois para onde vou?

« Para Pariz. Vae entrar n'um collegio. Isto

aqui é muito estreito para quem póde respirar mais puros ares. Tudo vae levar um tombo, em Portugal... Vem perto o dia em que a vida aqui para muitos será aborrecida e enojada. Os principios desorganisam-se, a guerra civil não se accommoda com um pequeno tributo de sangue, não ha vencidos nem vencedores, a anarchia depois da guerra, entrará no governo, qualquer que elle seja, e os alicerces do edificio novo serão cadaveres, e as ruinas de muitas fortunas. Felizes os que podem vêr de longe a patria nas garras do abutre...

O padre parecia dizer-se a si proprio esta melancolica prefecia. A guerra, que devia ser n'essa época o movel de todas as conversações, foi assumpto raras vezes tratado pelo padre. Aquelle espirito era alto de mais para pascer-se na lucta de sordidas ambições em que o timbre das bandeiras era o sangue, que esperdiçavam uns como reses levadas ao açougue do «patriotismo» e outros, como aventureiros devorados d'uma fome, que legitima quaesquer principios, quando a vida é o mais que póde perder-se em comparação ao muito que póde ganhar-se. O padre tinha razão...

Minha mãe, recolhendo-se a Odivellas, despediu-se de mim por muito tempo. Era o mesmo que prohibir-me visital-a. D'aquelle adeus, recordo hoje os menores incidentes, e concebo, experimentado no que é soffrer, as apperturas do coração d'aquella pobre mulher! Sanctificada pela morte do seu marido, tomou da mão do cadaver os es-

pinhos que faltavam na sua coroa de martyr, e recebeu como sanctos os flagellos e violencias, que devia infligir-se para que o conceito, que o conde, na hora final, fizera della, não fosse desmentido.

Na sua presença erguiam-se duas sombras, a de D. Pedro da Silva, que se perdera, amando-a; e a do conde de Sancta Barbora, que morrera, supplicando-lhe perdão, e respeito ás suas cinzas. Eu, amado pela condessa, como filho, era um insulto ás cinzas do marido. Affastado de minha mãe era um quasi perjurio ás derradeiras supplicas de D. Pedro da Silva.

Venceu o marido. O christianismo continua a fazer martyres. Os leões do circo foram se; mas os casuistas vieram. . . . . .

. . . . . .

Escrevi a minha mãe. A resposta foi simplicissima — « Vai, meu filho. Não dês um passo que te lance fora da estrada da honra. Não digo que consulties o meu espirito nas tuas emprezas juvenis... Sou mulher... e cahida da primitiva grandeza, expiando o lapso da primeira mulher... Fita os olhos no ceu, meu filho. Caminha sempre, elevando-te para lá. Isto aqui é um dia... e o meu vai no fim... Se Deus quer que eu mais te não veja, recebe a minha benção agora, todos os dias, e á hora da minha morte.

Angela. »

Padre Diniz, poucas horas antes da minha en-

trada a bordo d'uma escuna ingleza, chamou-me ao seu quarto. Fui encontral-o com os cotovelos sobre a mesa, e as mãos entrelaçadas sobre o rosto. Esperei alguns minutos. Não quiz accordal-o d'aquelle dormir da vida exterior. O excesso de vida intima, muitas vezes, obrigava-o áquella posição, dolorosa fadiga do pensamento, em que as dores embaralhadas atordoam, e embrutecem.

Como assaltado por uma idea inesperada, o mestre encara-me, de improviso, com o olhar penetrante da estupefação, e demora-se neste silencioso pasmo alguns minutos. Eu estranhava-o, e queria-me longe d'ali. Depois, desfranzindo a fisionomia assombrada, com um ligeiro sorriso, parecido á alternativa da demencia para a lucidez, apontou-me uma cadeira. Senti-me sempre receoso d'aquella extraordinaria manifestação d'uma cousa nova no homem, com quem me conhecia, desde que eu tivera conhecimento de mim.

« Senhor D. Pedro da Silva.. — disse elle solemnisando o entono da palavra com ares dyplomaticos — Acabou-se o *Joãosinho*, que castigava os detractores do seu prozaico nome com as espinhas do cato. Agora... logar ao direito. Tenho diante de mim a vergontea de troncos illustres! D. Pedro da Silva deixou de ser o meu educando. A flor sahe da estufa, onde a esconderam, para rescender em clima proprio. A obscuridade até aqui não lhe tolhia o muito que é, e virá a ser por ventura. D'hora á vante, o homem quer outro mun-

do, a alma quer outra nutrição, e o neophito da sociedade precisa d'outro mestre. Antes, porem, de entregal-o ao mundo, preciso, e devo, e quero, deixe-me assim fallar, ler-lhe o prologo do segundo acto do drama em que v. exc.ª entra, por que o primeiro termina aqui neste pobre theatro do padre Diniz.

« Eu sou o depositario dos seus bens. Aqui está um enigma. V. exc.ª não sabia que tinha bens Tem quarenta contos de reis, nesta gaveta. D'onde elles lhe vieram, não me pessa que lh'o diga. O juro deste capital hade alimental-o até aos vinte e cinco annos. D'hoje a dez annos, v. exc.ª é o depositario desta herança... chamemo-lhes assim, para não inventar palavras. Eu terei morrido... diz-me o coração que sim. Accreditemos o meu coração, que nunca me foi desleal. Deixe-me antecipar-lhe algumas reflexões, que não poderei reservar para então. Attenda:

« Em Lisboa quarenta contos de reis é uma fortuna menos que mediocre. Posta ao serviço da ostentação, exhaure-se em tres dias. D. Pedro da Silva, estimulado pelo orgulho do seu nascimento e levado de invejas e vaidades, pode empobrecer no meio da sua carreira, e d'ahi para o fim arrastar uma vida de ignominia, ou metter uma bala n'um ouvido.

« A suprema desgraça é o coração grande, a riquesa dos brios, o instincto do sublime, quando

estes generosos sentimentos, esterilisados no embrião pela pobresa, são como se não existissem.

« Vem ahi um tempo em que a vaidade de jerarchia será uma irrisão. Os louros, preciosos aos netos dos conquistadores, tocaram o seu outono, ao cabo de seculos. As folhas murchas, como o ultimo braço da arvore secular, que veio a terra, irão, pisadas por todos, sumir-se no abysmo da historia, e lá mesmo cobertas da lama do improperio. Virão filosofos que zombem de seus avós. D. Pedro da Silva, porque seus avós eram sanguinarios, talavam a ferro e sangue o ninho de povos inoffensivos, e vinham depois acolher-se aos seus paços feudaes comendo e esperdiçando o espolio dos indios. Esses filosofos, desgraçado arremedo d'outros que passaram apupados pelos discipulos, rirão de v. exc.ª se o virem com uma casaca velha celebrisar o arnez de seus avós. Ser pobre, por tanto, será uma infamia.

« Esqueça-se do seu nascimento. Appareça na sociedade, sem appellido eufonico, sem alianças que lhe imponham o fausto como condicional de bom acolhimento. Engrandeça-se materialmente. Se não poder subjugar o instincto vicioso, seja ao menos rico. Se o não for, o seu peccado não terá perdão na terra.

« O seu coração é bom. Hão de perverter-lh'o necessariamente em Pariz, em Lisboa, em Constantinopla, ou em Pekim. A serpente da desmoralisação abraçou o globo com as suas roscas. Res-

pira-se a morte da alma em toda a parte. O mosteiro podia dar ao coração do homem um pouco de ar sem veneno ; mas a corrupção entrou no claustro, e o mosteiro cahirá. A epoca que vem é outra. Principia a virtude da cabeça; a do espirito passou, porque o homem será difinido « materia, que pensa. »

« Quem decide do futuro do homem, fora do commum das massas que se mechem como machinas, é a primeira mulher que se ama.

« Não sei que diga neste lance mais imprevisto da sua vida. O que posso é vaticinar-lhe que a mulher das suas primeiras affeições ha de salval-o ou perdel-o. Ha de fazel-o recuar á innocencia dos seus primeiros annos, ao suave perfume dos seus desejos immaculados, ou, d'um lance d'olhos, mostrar-lhe todas as torpesas, e, d'um so impulso, atiral-o a todos os abysmos. Penso que lhe digo uma cousa nova. Não encontrei ainda quem assim pensasse. E' moda sanctificar os primeiros amores. O homem gasto, que é sempre o mais immoral, fatigado d'amores, incapaz de espiritualisar-se, não diz quem o cansa, quem o materialisa, e quem o emergiu no charco dos baixos apetites.

« Abra-me o seu coração: quero gravar ahi uma supplica. Recompense-me tudo que fui para si, não a esquecendo. Seja orgulhoso na renuncia da sua alma. O amor d'um homem é um incenso que desce para o chão, quando o idolo é de barro. Não o prostitua. A primeira mulher do seu amor

procure-a com a resignação d'uma pobresa honrada, sem uma nodoa, sem o rubor de uma vergonha. Seja pobre, seja obscura, seja humilde, e tenha sempre diante dos olhos a felicidade, que v. exc.ª lhe dá, como a recompensa da virtude em que vivera antes de a mandarem entrar no seio da abundancia. A sua casa seja como um sanctuario impenetravel. Se o apetite invencivel o impellir á communhão dos manjares, que a sociedade digere, á custa d'um penoso trabalho do coração, vá, mas deixe-a a ella no segredo da sua vida, como anjo depositario do balsamo das feridas com que v. ex.ª refugirá do tumulto de paixões degeneradas para o abrigo da amizade intima, sem a qual o amor é impossivel.

« Eu fallo a uma creança, mas o homem desta época é muito cedo homem. Aos quinze annos, adivinha-se tudo pelos livros, e, aos dezoito, principia o magisterio do ensino, diz-se tudo, que ha, a uma geração que capricha de tudo saber.

« Meu amigo. E' a hora da partida. Abrace-me... Não me esconda a sua vida. Fuja de me dar o desgosto de ter creado um ingrato. Pouco me deve; mas a ninguem deve mais... Vê esta lagrima? E' o mais que póde dar-se em um homem como eu... Não tenho outra, talvez, para tudo o mais que está sobre a terra... Basta... O homem é de barro, quando lhe toca a mão pesada do soffrimento... Não posso... »

Eu suffoquei todas as palavras com soluços.

Sahimos silenciosos. O que eu pensei e senti d'alli a bordo do navio, era o que ha de mais triste, de mais apertado no doer do coração, de mais escuro, e incomportavel no que é saudade, no que é apartar-se uma creança, só, entregue a estranhos, do homem, que lhe fôra tudo.

O navio fez-se ao mar. Procurei padre Diniz ao pé de mim, para lhe pedir por Deus, por tudo, que me não deixasse. Não o vi. Olhei para o Tejo, e reconheci-o, sentado á pôpa d'um bote, com as costas volladas para o navio, curvada a cabeça entre as mãos. Então, sim! Provei todas as amarguras n'um instante... Segui aquelle bote com os olhos turvos de lagrimas, chamei padre Diniz no silencio do meu coração, pedi a Deus que me restituisse aquelle homem, pedi ao espirito de minha mãe que me désse alma para tamanha dôr... Desejei a morte, e consultei os meios que eu tinha para acabar comigo aquella saudade, que me endoudecia.

E em roda de mim eram tudo indifferentes... Pareciam-no... E não eram. Ao sahir da barra, uma senhora portugueza travou-me da mão, e disse-me ao ouvido:

« E' chorar de mais... O coração está desafogado... Agora, coragem varonil, e esperança, que é o melhor que tem o mundo, e o thesouro mais querido do infortunio. Venha conversar comigo, e com meus filhos, que vão ser seus companheiros de collegio.

III.

A condessa de Sancta Barbora vivia na sua cella, quasi retirada do tracto das freiras. Segundo a primorosa civilidade usada nos mosteiros, a secular foi visitada pela communidade. D. Angela, porém, apenas pagou a visita á prelada, e desculpou-se com as outras religiosas. Ressentidas no seu apuradissimo melindre, deixaram-na como selvagem, e vingaram-se seraficamente picando-a com os alfinetes d'uma arguciosa mordacidade, em que era mestra encartada a muito espirituosa, e litterata, e antiquaria, a sobrinha de Soror Maria do Ceus authora dos vilhancetes hespanhoes, capazes de mortificar de inveja o sensualissimo Anacreonte.

Um dia annunciaram á condessa que uma religiosa, que a não visitara por estar fóra do convento a ares, pedia licença para cumprir os seus deveres.

Entrou, e lançou-se nos braços da secular com estranha cordialidade D. Angela recebeu aquella effusão com pasmo e receio.

« Não me conheces, Angela? Eu tambem te não conheceria, se não tivesse a certeza de que eras tu!...

« Não conheço... » — balbuciou a condessa.

« Era mos, ha dezoito annos, tão amigas... tão irmãs!...

« Ai! — exclamou D. Angela, apertando-a nos braços com anciedade!... — Tu aqui, Adelaide... tu, minha querida Adelaide!... aqui!...

« Não sabes que sou freira?!

« Sei ; mas o teu convento não era este...

‘ Não... O meu convento era em Santa Apolonia. Vivi lá pouco tempo. No anno em que te casaste vim para Odivellas. Ha quinze, não é verdade?

« E‘... Mas disseram-me que eras tão feliz, que vivias tão amiga da Francisquinha Valladares que não tinhas ambição que não satisfesses com Deus e com ella...

‘ Assim foi... mas Francisquinha...

« Morreu, bem o sei... e tu choras ainda assim por ella... Que amisade lhe tinhas...

‘ Muita... Morri, quando ella morreu. Envelheci deste modo... Tenho trinta e cinco annos, e os cabellos brancos.. Angela, só por milagre se vivem dezeseis annos, com a saudade no coração, queimando, devorando, em sonhos, e accordada, sempre, e a toda a hora.. E sem esperança... chamando-a todos os instantes; pedindo-lhe um signal de que me ouve, e ouvindo apenas os meus gemidos, e a minha saudade, que nem o amor de Deus me alivia ... E vivo, Angela !..

« Como soffres... Adelaide..! Falla-me d‘ella··. Talvez que o silencio te tenha feito mal... Talvez !.. Não tens aqui amigas?

‘ Não... não me comprehenderiam... Temo-as. São muito superficiaes em tudo... Para a leviandade não ha dor que valha a pena de pensar muito... E eu queria quem chorasse comigo, e me dissesse

— essa pobre menina é digna das nossas lagrimas...

« Morreu tysica, não foi ?..

' Não sei, minha filha... Morreu , como se deseja morrer, quando se é infeliz...

« E ella era infeliz ... não foi freira por sua livre vontade?

' Não... arrastaram-na pelos cabellos... Quando pronunciou os votos sahiam-lhe do peito golfadas de sangue... E viveu dous annos ainda... para a purificação do martyrio..

« E, assim que ella morreu , não podeste viver n'aquelle convento , não podias ver os logares onde a viras, a sepultura da tua querida amiga, a imagem d'ella em tudo, que te fora alegre n'outro tempo, e fugiste d'ali para este convento, não foi assim ?

' Fugi ... Não podia presenciar o quadro mais attribulado , o soffrimento mais despedaçador que pode imaginar-se... Quero contart'o, minha Angela, mas a ti só, só a ti... tenho-o escondido no coração ha tanto tempo , não quero profanal-o... Ái digo-t'o.. Soffres, sabes o que é atormentar-se a gente ... hasde ouvir-me com todo o sentimento , e chorar comigo .. sim ?... Fecha-me esta porta... Ninguem virá aqui, pois não?

« Ninguem, menina... Diz tudo... soffremos ambas , e que ninguem nos veja... Basta-nos aquelle cruxifixo, ipor testemunha .. O que vamos dizer não será de desagrado de Deus..?

' Ai!.. penso que não... Deus é bom... o que eu temo é o mundo, que faz da justiça divina um cilicio violento... Escuta, minha filha. A Francisquinha Valladares amava com todo o amor de creança um cavalheiro de provincia, que vivia entre os grandes, supposto que apparecesse raras vezes. Tinha viajado até aos trinta annos; era independente, fascinava, tinha uma sina extraordinaria, escravisara-lhe á pobre menina o espirito com bem poucas palavras, bem poucos d'aquelles seus olhares, que pediam mais do que pode dar o coração d'uma mulher.

« Quem era elle? — interrompeu a condessa.

' Talvez te não recordes, menina... Chamava-se... não te digo o nome... tu não o conheces de certo...

« Talvez conhecesse...

' Creio que não... Francisquinha, até ao momento de sua perdição por aquelle homem, queria ser freira, esperava anciosamente os quinze annos para entrar no mosteiro, e assim satisfazia a vontade do pai, que desejava dotar o filho segundo com a legitima d'ella. Chegada a suspirada occasião da entrada, conheceram a frieza, e a melancolia de Francisca. O pai suspeitou a mudança d'aquella vontade de alguns mezes antes, e consultou-a. Francisca respondeu que seria uma filha obediente, mas não poderia ser nunca uma boa religiosa. Isto não fez impressão naquelle homem! Como pai, fez os seus calculos sobre a humildade

da filha, e não os alterava por motivo nenhum...

« E esse cavalheiro por que a não pedia?

' Por que ella nunca lhe disse que o fizesse, penso eu, e elle nunca tentou um passo, que poderia abater-lhe o seu orgulho.

« Pois elle não era nobre, e rico?

' Rico.. parecia-o; nobre, não sei... Elle não dizia de quem era filho; corriam uns boatos de nascimento muito distincto; mas, ao certo, ninguem dizia cousa nenhuma. Apessoa, que o apresentara em algumas casas, não decifrava o enigma, se é que o sabia. O incognito, por si, mostrava-se tão pouco interessado nas relações, que lhe davam, que nem as procurava, nem se deixava approximar por ellas. Tudo isto era mau para Franciscquinha, que não ousou nunca revelar o segredo do seu amor a seu pai, ou a alguma amiga, que lhe fosse esta desgraçada, que tu encontras a chorar, depois de as perder ha dezesseis annos...

« Mas... como era essa paixão? Não se correspondiam, não sacrificavam um ao outro a obediencia e o orgulho, que os separava para sempre?

' Correspondiam-se... era eu a desventurada confidente d'aquella infeliz paixão... E perguntas como era essa paixão! Ai, Angela! era muito nobre, cheia de sublime resignação, de sentimentos elevados, de sacrificios della e delle, que só eu os avaliei, e só elles, talvez, eram capazes de os fazer... Não era paixão de cegar a razão, e morrer,

ou matar em poucos momentos de febre ... Não era assim... D'aquelle amor morre-se sempre, mas de vagar, sentimento a sentimento, lagrima a lagrima... primeiro começa a morte pela esperança, depois o coração appertado, sem ar, sem desabafo...

« Morre... eu seio-o, Adelaide... sei o que é morrer a esperança...

" Mas a fé... não o sabes, Angela... Soffrer tormentos a que o cego accaso nos condemna... pensar que hade aqui forçosamente penar-se, sem recurso para Deus, com os olhos na pedra do claustro, que tem de esconder a historia dos nossos padecimentos suffocados aqui ... sem ecco...

« E ella morreu assim?.. sem fé!..

" Sem remorso... sem transigir com a tyrannia que a matou, sem perdoar... por que... dizia ella... perdoar... para que?.. Se a justiça de Deus não fosse uma chimera, eu não soffria assim...

« Meu Deus!.. que blasfemia!.. Ella disse-a?!.

" Nunca foste desgraçada, Angela!.. Não te espantarias tanto...

« Se o tivesse sido?.. Fui, Adelaide... fui, e blasfemei... e o remorso veio, depois...

" Por que foste depois menos desgaçada?

« Sim..

" E ella não... Foi desgraçada cada hora mais, e até ao fim... Não teve tempo de arrepender-se...

« E nunca mais se viram?, nem se corresponderam?..

Não se viram um anno... escreviam-se; mas

as cartas d'elle, durante o noviciado, levaram-na a tal ponto de desalento e paixão, que, já te disse, creio eu, na cerimonia da profissão, a infeliz lançou muito sangue pela boca, e veio em braços para a cella da prelada... Esta religiosa era um anjo... recordou-se do seu coração, sem vergonha do escapulario que vestia... Comprehendeu a dor da pobre menina, e fechou-se com ella, dias e noites...

« Para que?.. dissuadil-a?..

' Não ... isso era matal-a...

« Então..? os votos estavam feitos...

' Estavam; mas o coração não tinha nada com as palavras, que o ouvido recebera dos labios da mestra de noviças, e a cabeça decorara da regra do Patriarcha...

« Disse-lhe que annulasse os votos?

' Era impossivel... Disse-lhe que amasse o homem que a prepotencia lhe roubou ...

« Mas não a salvaram, com isso...

' Não por que era tarde... A flor tinha a morte na raiz... nada poderia reverdecel-a. O mais que poderiam era suavisar-lhe o fim da vida...

« Como?

' A prelada aconselhou-a, como amiga... Disse-lhe que repartisse entre o ceo e a terra o immenso amor da sua alma... que recebesse, como se recebe um irmão, na grade, esse homem. que nascera para lhe dar a felicidade, assim como o claustro se fizera para a felicidade d'outras almas, de

outros genios, e d'outras organisações, para as quaes o mundo seria um supplicio... Francisca chorava, de gratidão, nos braços da virtuosa religiosa, que talvez, ali escondera, n'aquella cella, torturas semelhantes... Desde esse dia, o cavalheiro vinha todos os dias ao convento. Para elle e para ella, não havia outra existencia, outra ambição, nem outro dever a cumprir. Francisca, deixa-me confessar-t'o, não podia cumprir os conselhos da prelada. Os encargos divinos da sua profissão não lh'os exigiam, nem ella os cumpriria. Cheio de fel e de amor, o seu coração não serenara com a presença do amante todos os dias. Com a paixão impotente, esteril, e reprimida n'aquelles varões de ferro, crescia a desesperação, e o desconforto. Eu sei que elle, contrafazendo a sua propria dor, inventava todos os recursos do talento e do coração para lhe persuadir a ella que os soffrimentos neste mundo eram d'um dia, que os esponsorios de dous martyres, á beira do tumulo, eram o consorcio de dous anjos para a eternidade... A desgraça parece que mata o poder destas elevações para o infinito, que se não conhece... O positivo, o certo, é o tormentoso n'esta vida... Francisca sahia sempre da grade com os olhos arrazados de lagrimas... Um viver assim devia durar pouco... E duron dous annos...

« E o pai não a prohibia de receber o cavalheiro?

' Tentou-o, mas retirou-se envergonhado da sua empresa. Francisca recebeu-o uma vez, e nunca

mais. Respondeu-lhe que não era do mundo, que não tinha familia, que comprára com a sua liberdade uma cella, e uma sepultura, que não tinha responsabilidade perante a sociedade, e que apenas podia encarar seu pai como author d'uma existencia que lhe não agradecia... Ameaçaram-no, mas elle não era homem de se intimidar. Olhou com silencioso escarneo para o pai de Francisca, e desde esse dia visitou-a de manhã, e de tarde... Por fim, a minha desgraçada amiga ja não podia vir da sua cella á grade. Escrevia cartas que cortavam o coração... e elle, não sei se mais lastimavel que ella, lia-as na grade, e ahi ficava absorto em que tormentos, meu Deus! dez horas que costumava passar com ella... Um dia, nos fins de Setembro, disse Franciscquinha que estava tão boa que se julgava salva. Ergueu-se, e foi á grade... Demorou-se ahi algumas horas, e retirou nos braços das criadas. No dia seguinte, ao amanhecer, mandou-me chamar porque eu sahira da cella quando vi entrar o padre para lhe assistir na agonia... Fui, chamou-me muito ao pé... o seu halito era de fogo, as mãos estavam de neve, os olhos vidrados, e todas aquellas feições, tão bellas, ressequidas e esbranquiçadas... Cheguei o ouvido aos seus labios, ouvi estas suas palavras, que foram as ultimas... « diz-lhe que se conforte... que me não esqueça... que viva da saudade... que me perdoe, se o fiz desgraçado... se o mattei... » 'E mais nada... Depois...'

A benedictina, suffocada pelos gemidos, não ar-

ticulou a ultima palavra. A condessa chorava com ella, e orava no fundo do seu coração por alma de Francisca Valladares. Aquelle espirito, subordinado á austera devoção do confessor, que escolhera, não podia condoer-se das tribulações temporarias daquella freira, sem recear a vida eterna na presença de Deus.

Adelaide, desafogada da maior dor da sua inconsolavel saudade, continuou:

'O desgraçado ouviu-me a recommendação da agonisante... quando ella acabava de expirar... Não me disse uma unica palavra... Estava de pé, com os braços cruzados, e os olhos no chão... assim permaneceu... Que magestade na dor aquelle homem tinha, Angela! Parecia que os cabellos lhe branqueavam, e as rugas da velhice lhe vinham ao rosto... Tive de lhe dizer que se retirasse, porque eram prohibidas as grades, em quanto se faziam os officios á defunta. Sahiu d'alli, machinalmente... nem uma palavra lhe ouvi... Fez-me compaixão! Esqueci-me de mim, e della, para espeitar a maior das dores... O mais desgraçado dos homens deve ter aquella maceração, aquelle andar, tudo que se via naquelle homem, no instante em que lhe dei as derradeiras palavras de Francisca.

'Passaram-se seis meses. Estava eu no coro com a cummunidade esperando um padre que devia dizer uma missa por alma de Francisca Valladares, e pedira a concorrencia das religiosas.

Vi-o entrar. Ao mesmo tempo entre nós levantou-se um murmurio. Eu fui a primeira que soltei um grito de espanto, de surpresa, e não sei quê de sublime terror!.. O padre era elle!.. Não te posso fazer sentir os lances daquella missa! Ouviram-na todos com as lagrimas na face, e com as mãos erguidas a tremerem de fervorosa devoção e enthusiasmo, que não tem nome fora do espirito. Elle, umas poucas de veses, suspendeu o sacrificio, e ficou suspenso com os olhos no crucifixo... Na elevação do calix, ajoelhou, como forçado, lentamente, n'um tremor que se via de longe, e esteve minutos n'um extasis, em que todas nos enlevavamos, em que muitas se sentiram fracas para tamanha emoção, e encostaram a cabeça esvahecida ás grades do coro. Junta a tudo isto, minha querida Angela, o orgão, tocado pela dorida inspiração d'uma extremosa amiga de Francisca, ai! filha, que tristesa, que nuvem no coração, que saudade alli vinha cheia de desenganos, como a voz da que morrera, a dizer-nos que a nossa existencia não era melhor do que fôra a sua!..

'No fim da missa, seguiamos o padre com os olhos, e o coração... queriamos vel-o, e ouvil-o. Eu, mais que todas, que nunca podera alcançar novas delle, eu, a sua confidente, queria ouvir dos labios daquelle martyr palavras de consolação... Elle so poderia dizer-me se aquelle anjo estava no ceo... Pedi licença á prelada para o mandar chamar a uma grade... « Não necessita — disse ella — dessa

licença. O padre vem á minha grade, e deve vir ahi todos os dias por particular mandado seguir o capellão nesta casa! »

' Conhece-o? ' perguntei eu. « Perfeitamente » me respondeu ella. E' um justo, um exemplo para os que soffrem, um predestinado, que faz honra á humanidade, e que nasceu n'um seculo, em que o não comprehenderão. »

' Estava transfigurado: cabellos brancos, pouco brilho nos olhos, quasi perdida a mobilidade ardente das feições, até parece que o metal da voz insinuante se lhe mudara!.. Não se fallou nem o mais ligeiramente em Francisca Valladares. As palavras delle eram poucas, e essas arrancadas pelas perguntas da prelada.

' Agora, Angela, comprehende esta grande lucta em que vais ver este padre... O capellão entrava, duas vezes por semana, no convento... Depois, hia ao claustro... ajoelhava aos pés da sepultura de Francisca... cruzava os braços sobre o peito, fixava os olhos na parede... '

« E orava? »

' Não sei... Estava assim uma hora, duas, e mais... Durante esse tempo, ninguem o perturbava. Aquella dor era sagrada para todas. De longe, quem quer que o via, orava tambem... Depois, entrava na egreja, dizia missa por alma daquelle anjo, assistiamos a todas com a mesma emoção que nos causara a primeira... Mas, filha, o que eu soffria era insuportavel... Não podia viver alli... A imagem

da minha querida amiga, e d'aquelle homem, alli, sempre, todos os dias... eu não podia com tanto...

Soror Adelaide foi interrompida por uma criado que disse, fora da cella:

— Senhora condessa, está na portaria o senhor padre Diniz.

' Padre Diniz!' — exclamou Adelaide.

« Sim, padre Diniz... que é?.. que espanto é esse, Adelaide!?

« Padre Diniz Ramalho e Sousa... é este Angela?!!

« Este!.. quem?.. »

' Sebastião de Mello!..'

« Que dizes, Adelaide!.. pois padre Diniz é esse homem de quem me fallas?! »

' Sim, sim!.. deixa que eu o veja da janella do dormitorio...'

D. Angela acompanhou a religiosa, que, ao primeiro lance d'olhos, voltou-se para a condessa, e murmurou alvoroçada:

' E' elle... d'onde conheces este homem?....

.....

IV.

A condessa de Sancta Barbora ia passada de espanto, quando entrou na grade, onde encontrou padre Diniz. Aquelle homem apresentava-se-lhe outro, agora. A grandesa do seu passado, as mysteriosas desventuras da sua vida, o heroismo dosa-

cerdote ungido pelas lagrimas d'uma paixão eterna, gravada sempre naquella fysionomia macerada, o mysterio, em fim, acobertado no silencio de dezeseis annos, era o que faltava naquelle homem para impor-se prestigiosamente a D. Angela de Lima.

O padre, mais triste que o seu costume, olhos fixos na vista reflexiva da condessa, percebeu uma inquietação extraordinaria, que a não deixava fallar com a segurança e placidez do costume.

« Que tem, senhora condessa?... sempre triste... mas, hoje, de mais a mais, parece-me sobresaltada... Cuidados por seu filho?

' Saudades... sim.

« A saudade pelos vivos é dôr suave... Saudade insoffrivel, sem desabafo, ha uma só... a sem esperança, a saudade que lhe falla, ha quinze annos... Não avivemos... Umas poucas de dores reunidas enfraquecem a força de cada uma. Todos estes desgostos, que vieram em tumulto, ha menos de um mez, parece que lhe paralisaram a sensibilidade, senhora condessa... Mercê de Deus!

' Senhor padre Diniz, a saudade não paralisa assim... Que outro m'o dissesse... mas quem sabe tudo... quem provou o fel de todas as paixões... Eu não estou insensivel... essa mercê espero devel-a a Deus... perto vem o dia; mas por ora sinto, sinto muito, e sinto mais ainda por que o homem, que mais devera conhecer a minha alma, é aquelle que parece condemnar friamente a minha insensibilidade...

« Eu não a condemno, senhora condessa de Santa Barbora... Observo-a, e vejo-a mais corajosa do que a suppunha para obrigar-se ás condições, que a razão lhe impõe. Isto é muito; é mais do que póde o coração da mulher; faz-se, quando não ha seiva de paixões, quando a alma parece envelhecer com a materia, quando se recebem todas as dores com a cabeça, e ha força para constranger o coração, que reage...

' Que faço eu ?! — interrompeu D. Angela com anciedade.

« Suicida-se. O amor de Deus não é o quebrantamento de todos os laços, que nos prendem ao mundo. A verdadeira religião é serena como a paz da consciencia; tem jubilos, e não se nutre só do ermo e da oração; apparece nos olhos em lagrimas, quando o remorso é entranhado, e rebelde á contricção; vem aos labios, em sorrisos d'amor para o genero humano, quando a alma está gosando a quietação da virtude. V. exc.ª procurou com avidez um confessor, que lhe apertasse os cilicios. Achou-o entre os capuchinhos, que passam por santos, mas não gosam tão bom conceito, a respeito da sua instrucção. Senhora condessa, duvide da santidade, que se lhe appresenta a fazer santos, desfazendo o barro de que sahiu o homem de entre as mãos do Creador. Se o seu ministro da consciencia lhe diz que v. exc.ª deve ser o que está sendo, não se preste a mortificações, que mais tarde são fatigantes, e o espirito, violentado por ellas, con-

• arco do Evangelista, estala, e inutilisa-se por demasia de compressão. A graça de Deus é alegre, expansiva, e vem á luz do dia, e á publicidade dos homens mostrar-se qual ella é...

' Que quer que eu faça, senhor padre Diniz?... que me retire do convento?

« Sim, se não ha outro meio de a fazer comprehender a virtude.

' Não me aconselhou a vinda para esta casa?

« Aconselhei, como remanso em que descançasse dos trabalhos em que a sua nobre alma tem sido provada. Fui mau conselheiro... é o que se segue... Suppuz que v. exc.ª encontrava desafogo, entre pessoas, que a receberam carinhosamente; e em parte nenhuma, como nestas casas, o balsamo dos soffrimentos é prompto, e a vontade de alivial-os sincera. Deu-se o contrario. V. exc.ª reconcentrou-se e affastou de si...

' Pessoas, que não conhecia, e que o meu confessor...

« Lhe disse que não devia conhecer: porque?

' Porque a verdadeira virtude é tão rara no mundo, como no claustro...

« O frade tinha razão... — atalhou o padre, sorrindo — A verdadeira virtude, pelos modos, nem entre os capuchinhos se encontra. Sincero e legitimo franciscano é o seu confessor, senhora condessa!

' Mas, se até aqui tenho vivido sósinha com sua irmã, hoje encontrei aqui uma amiga de infancia, religiosa... de Santa Apolonia...

« Sua amiga de infancia?! — atalhou o padre com agitação.

' Decerto... é a Adelaide Maldonado...

« Essa! — exclamou o padre.

' Sim, senhor — disse a condessa com ar de simplicidade mal fingida.

Padre Diniz, habil em dominar as suas commoções, perguntou tranquillamente:

« Teem convivido muito?

' Pouco... Ella elegeu hontem do campo, onde esteve a ares. Conhece-a, senhor padre Diniz?

' Sim, minha senhora... Tenho idéas de a ter visto...

O padre não podia esconder a perturbação. D. Angela não sabia representar um papel, que estivera violentamente ajustando ao seu caracter. Escrupulisava em fingir-se ignorante, mentindo á boa fé do seu amigo, que adoptára como pae. As ancias reveações inconsideradas, que fizera, causavam-lhe remorso. Para remedial-as, era tarde; para suspendel-as alli, era reserva indigna da sua sincera alma para com tal homem, para com o anjo bom, que, desde a juventude, a não abandonára nas mais angustiosas crises. O padre lia-lhe nos olhos o temor do coração. Em si, sentia-se tranzido de dôr; por ella, fallava-lhe uma especie de compaixão, e um receio de a deixar atormentada com o desgosto de não saber calar o que, talvez, lhe não foi dito como segredo.

« Fallou em padre Diniz á sua amiga ? — disse elle, sorrindo.

« Não, senhor; foi ella que me fallou...

« E' admiravel!

« Quando me contava a razão por que viera do mosteiro de Sancta Apolonia para aqui...

« Basta... eu concebo tudo...

« Soffre, senhor padre Diniz?

« Se soffro?...

« Sim... soffre por que eu involuntariamente entrei no segredo da sua vida?

« Não, senhora condessa... O meu egoismo na dôr não vae tão longe... Se tivesse vindo um momento em que eu por necessidade lhe devesse contar o que fui, para v. exc.ª comprehender o que sou, não lhe esconderia esse segredo... Contar-lh'o sem motivo, seria uma frivolidade, inutil para ambos...

« Seria sempre um exemplo de resignação, um estimulo para receber o soffrimento com animo.

« Pois bem... fallemos da sua amiga Adelaide... Não a vi ha bons quinze annos... Era nesse tempo muito triste... Tinha a formosura d'um anjo, e o coração tambem. E hoje?

« O coração parece-me bom, como era; a tristeza é de lagrimas incessantes, uma saudade de tantos annos sem allivio!... A face está mudada; não tem nada da Adelaide que conhecemos!... O mais dos cabellos são brancos, e, quem lhe n

souber a edade, dirá que a pobre Adelaide é velha.

« Pois não é... Ha quinze annos, ultima vez que a vi, tinha dezoito... Envelheceu... devia ser assim; mas não se explica como isto foi...

' Tal foi a paixão... a saudade...

« A saudade... por ella?

' Sim... por aquella infeliz...

« Não lhe chame infeliz!... — disse o padre com os olhos cheios de lagrimas, e um suave sorriso de indefinivel sentimento — Francisca Valladares não foi infeliz. Morreu? Abençoados são os que morrem assim!... Grande na alma, grande no sacrificio de todas as suas ambições! Infeliz é a mulher, que transige com a perseguição, humilhando-se. Ella não. Feriram-na, sem a ultrajarem. Mataram lhe o corpo, sem lhe tocarem na alma. E, depois, aquelle anjo poderia despenhar-se, e não se despenhou. Purificou-se pela agonia surda, submissa, e confortadora para os que soffrem. Subiu sempre para a sua origem. Quando morreu, ao cabo da attribulada noite da sua curta existencia, já tinha na face a luz do crepusculo da bemaventurança... Senhora... quando se amou... assim... uma vez, e se perdeu tudo n'um momento... o coração fica vinculado ao tumulo... cheio de saudades e de vida até á decrepitude... Adelaide tem razão.. devia envelhecer... Quando embranquecem os cabellos do homem em quinze dias, ao cabo de quinze annos, a mulher, que foi *verdadeira* amiga, deve

ter envelhecido... Diga-lhe que a sua dôr é sagrada... e que a sua alma se sanctifica pelo martyrio nobre da saudade... Choramos ambos, senhora condessa... Por que não? V. exc.ª vê um velho a chorar. Compadece-se do pobre, por que sabe o coração que elle tem. Neste instante, recapitula os aturados tormentos de tantos annos, que me reduzirain a isto!... Vêr nascer o sol de cada dia, como um novo signal de que o meu captiveiro se prolonga... entrar no silencio de cada noite, com ella, sempre aqui... e as palavras d'ella, as ultimas, o convulsivo adeus da moribunda... é um peso, que verga toda a valentia moral, senhora! Sem a fé, esta existencia era um ludibrio do Creador...

Os soluços abafaram-no. Levantou-se subitamente, chegou á janella, que se abria para a cerca, e respirou a fundos sorvos o ar, que parecia reanimal-o da suffocação com que exprimira aquella enlevada reminiscencia de todas as horas, mas pela primeira vez denunciada pelos labios. A condessa, incapaz de inventar lenitivos para a magua inconsolavel, chamava-o com ternura, pedia-lhe que se não reprimisse assim, que expandisse em franco desafogo a sua paixão... O padre ouvil-a-hia? talvez, não! Com os olhos, lá em baixo, nos horisontes, com as mãos enlaçadas sobre o peito, aquelle homem de negro, com as vestes magestosas do levita, era grande, alli naquella lucta de paixões terrenas, era maior que a magnificencia do seu ministerio ungido

entre o barro quebradiço do amor mundano, e o perpetuo amor de Deus!'

« Senhora condessa — disse elle, assumindo o habitual caracter de fria austeridade, como se as paixões, subjugadas pela sua vontade de ferro, lhe não deixassem leve traço de commoção — senhora condessa, seu filho sahiu hontem. Confiei-o á viuva do general Alguada, que foi levar seus filhos a Londres. Ella será como sua mãe, e elles como seu filho.

' Mas, senhor padre Diniz, meu filho, na sua carta, não me diz os meios que hãode sustental-o no collegio...

« Seu filho não podia dizer-lhe o que não sabe. A Providencia deparou-lh'os...

' Sempre um segredo...

« Pedido á minha honra. Os meios não lh'os dou eu... Appresso-me a despersuadil-a dessa conjectura...

' Pois quem?

« Desculpo a sua curiosidade; mas eu não posso dizer-lhe mais que seu filho.

' Não sabe?!

« Sei, senhora condessa.

' Não devo a tal respeito, perguntar mais nada?

« Dê me essa prova de estima... Os legados de seu marido foram cumpridos, á excepção da esmola deixada a Eugenia sua creada.

' Porque?

« Ella não quiz acceital-a : repelliu-a , dizendo, que se não vendera ao conde de Sancta Barbora vivo, e menos se vendera ao conde morto. Dous dias depois, encontrei-a n'uma carruagem. Fez parar os cavallos, chamou-me á portinhola, e offereceu-me a sua casa na praça da Alegria n.º 19. Hei-de visital-a um dia... O mysterio é provocador... Outra cousa... A'manhã parto para Santarem. O confessor do senhor conde de Sancta Barbora pediu-me uma visita d'amigo. Não sei que tempo me demorarei. Não me despeço de minha irmã...

' Sua irmã ?

« D. Antonia...

' É sua irmã ?

« Que pergunta !... por que m'a faz, senhora condessa ?

' Não me disseram que Sebastião de Mello tivesse uma irmã...

« Senhora condessa... mais tarde responderei... Por em quanto, consideremol-a minha irmã, e boa amiga de v. exc.ª

V.

Padre Diniz annunciara-se a frei Balthasar da Encarnação, á portaria do mosteiro de dominicanos, em Santarem, e foi conduzido à cella do frade, que o recebeu nos braços, como quem abraçava suspirado amigo de muitos annos, e com extremos

do coração esperado. A enrugada face do monge parece que o jubilo a remoçara. O sorriso naquelle aspecto venerando, se lhe vinha do coração, e do presentimento como em verdade vinha, bem podera dizer-se que era um dos raros sorrisos que se abriram nos labios do septuagenario.

Alli, no claustro, onde a terra lhe escondera quantos elle encontrara, e quantos comsigo foram noviços, por mais de cincoenta annos, ninguem lhe vira um raio de alegria nas sombras eternas do rosto.

A melancolia imperturbavel, a abstracção profunda, a solidão escura daquella alma, reputavamna o effeito do cilicio, da disciplina, e da maceração moral, em que a devoção, e, para muitos, o fanatismo trazia aquelle espirito avexado.

Fr. Balthasar era um sabio dos velhos tempos, em que o erudito, aos cincoenta annos de fadigas estudiosas, recebia esse titulo, que os netos daquelles homens, na sua raiva pueril pelo passado, não ousam negar-lhes.

A ordem de S. Domingos acatava-o como oraculo em todas as sciencias, e denominava-o, sem deshonra para o termo de comparação, o S. Thomaz da egreja lusitana, o sustentaculo da boa sciencia, a ultima vergontea do tronco venerando de fr. Luiz de Sousa.

Em grande elogio á sua capacidade, dizia-se que o illustrado bispo de Vizeu, então secretario do estado, não se dedignava de consultal-o em mui-

drosos casos de politica. E supposto que, por esta especialidade, fr. Balthasar soffresse injusta censura d'alguns escrupulosos, que não apoiavam a interferencia do ministro do ceu nos negocios da terra, o dominicano, cheio de humildade, apontava aos seus detractores um tractado in-folio *De re politica*, producção d'um jesuita, que o sancto padre canonisara. Era, por tanto, invulneravel a virtude do monge ás arguciosas insinuações do beaterio, primo-cormão da má fé, e, pelo menos, amigo intimo da ignorancia audaciosa. Bastam as poucas linhas escriptas para esboçar os traços, que, mais á superficie, os olhos dos que veem apenas a crusta exterior encontravam na fysionomia impenetravel do frade.

Com fundadas razões, padre Diniz, vira-o por outro prisma, e definira-o de diverso modo. Fr. Balthasar pareceu-lhe um homem, com dous homens em si, diversos, que o punham em dilacerante antagonismo de consciencia. Reputava-o sabio, mas curtido no espirito de lições amargas da experiencia, com que viera do mundo acolher-se no extremo refugio do desgraçado. Julgara-o bom dessa bondade, que não vem ingenita com o coração, mas que se faz, e se adquire como um fructo bom de arvore má, que, sem rega de muitas lagrimas, não vingaria. Padre Diniz não accreditava nos cilicios e disciplinas e jejuns como machinas de fabricar sanctos. Fr. Balthasar inspirava-lhe da sua illustração um conceito muito elevado. A fama das suas peni-

tencias, flagellos, e mortificações, na fé do antigo Sebastião de Mello, era uma crendice popular, que o dominicano desmentia com os seus setenta e sete annos. O espirito poderia extenuar-se em reconditas amarguras, mas a carne, senão opilada e suculenta como um frade de Alcobaça, estava sadia e vigorosa, *quantum satis*, e o mais e melhor que podia, naquella edade, ambicionar-se.

Dito isto, observemol-os na approximação do melhor se avaliarem.

« Esperava-vos com anciedade e soffreguidão — disse o frade abraçado com o hospede — Vai não vai, estive para escrever á senhora condessa de Sancta Barbora, pedindo-lhe que vos dispensasse algumas horas em beneficio do velho frade de Santarem... Agora sois meu; vou mandar trancar a portaria, e pedir uma ração vitalicia para vós... Rides? Vereis... Heide encantar-vos com bruxarias de frade, que são peores que as de velha. Eu herdei a nigromancia do veneravel Gil, que os pagãos do christianismo beatificaram em honra dos seus feitiços... Parece que me estaes chamando herege!... Ora sentai-vos, e entremos, como bons christãos, em sancta harmonia no ágape d'um jantar de dominicano, que vos não será indigesto, por que o nosso padre S. Domingos é melhor advogado contra indigestões que os beatissimos patriarchas Bento e Bernardo...

Como veem, fr. Balthasar era chistosamente satyrico, sem maledicencia. Os assumptos celebr-

dos por graves pensadores do seculo anterior, e pela tradicção veneranda do povo, como S. Gil, com quem o senhor Garrett brincou depois, eram objecto de mofa para o frade fylosofo, não da negativa fylosofica da eschola franceza do seculo XVIII, mas da crytica pensadora, desprevenida, em que os abusos são joeirados, e o facto indestructivel é acrisolado das fezes, que lhe apoucam o quilate.

Padre Diniz, sympatisando cada vez mais com aquelle caracter especialissimo no mosteiro, sentia-se impellido para aquelle homem, com toda a effusão de franqueza que, em poucos minutos, ata em vinculo apertado duas indoles semelhantes. Liga maravilhosa! O padre aborreceu sempre o frade!... Durante o jantar, na cella do nosso velho, que, pela sua authoridade, se exentara das condições do refeitorio, fallaram em politica, materia fastienta e abstrusa, que, trazida para aqui, seria uma ingloria usurpação ao jornalismo, calamidade imprevista por Guttemberg, quando inventou a imprensa.

Findo o frugal repasto, fr. Balthasar indicou a padre Diniz um quarto para descanso, e entrou no seu. Em uma hora, dormiu, orou, e pensou.

Padre Diniz escrevia, quando o incredulo chronista de S. Gil lhe echoou pela fechadura um *benedicite*, em lugubre clave. Sahiram juntos a passear na cerca; ampliaram a questão do jantar; concordaram em graves cousas sobre legitimidades dynasticas; duvidaram ambos das cortes de Lamego, sem as desauthorisarem da sancção juridica, disse-

ram outras muitas cousas rotundas e salobras, e recolheram, em fim, á cella, quando o signal de vesporas os mandou recolher. Abriram os breviarios, murmuraram os versiculos em monotona toada, e resaram ambos, de joelhos, a *Salve-Rainha* do costume. A sua illustração não era, pois, tão illustrada que os desquitasse das obrigações de orarem:

Sentaram-se, depois. Padre Diniz encetava uma nova conversação sobre qualquer assumpto trivial, quando fr. Balthasar, por um aceno cheio de magestade, lhe impoz silencio.

«O assumpto é outro — disse elle, e sobreesteve n'um recolhimento de minutos, como quem procura d'um lance de alma recapitular os toques essenciaes d'um discurso estudado. Não era isso. O improviso vinha-lhe prompto aos labios; mas o coração parecia retrahir-se repêso d'uma expansão, que tão cara lhe devia ser.

«Meu amigo — disse elle apertando a mão do hospede — o meu coração tem muita vida... Estes tecidos de setenta e sete annos não se relaxaram ainda... Eu sinto aqui uma oppressão... parece-me um temor de profeta... Estou constrangido... Ter-me-hei enganado com o homem, que escolhi para o segredo da minha consciencia?

«Não ouso responder-lhe... — disse o padre com ressentida dignidade. — Eu sou o que sou.

«Nunca me responderam assim! Vós sois o homem, que eu imaginei... Não me illudi... Agora,

ouvi-me. Eu nasci no Minho. Meu pai era um fidalgo mais antigo que os reis desta terra. Sem os patriarchas da minha familia, Portugal seria hoje uma nesga de Hespanha, e Affonso VI de Castella sepultaria em Guimarães a rebeldia do conde Henrique, e Jesus Christo não viria no Campo d'Ourique profetisar a derrota dos cinco reis mouros. Bem vedes, que a ironia salva-me da imputação, que fariels á balofa vaidade do meu nascimento.

« Eu fui educado livremente. Nasci com máos instinctos, e franquearam-me carta branca para dispor á larga do ouro com que servia prodigamente as minhas immoralidades.

« Tive tedio de mim, quando cheguei aos vinte e tres annos sem o estimulo d'uma paixão nobre, sem uma affeição pura por uma só de tantas mulheres, que atirei á deshonra, como fardos insuportaveis, supposto que na consciencia me não pesassem nada.

« Por esses tempos o conde de Viso... reparai que vos não escondo circumstancia nenhuma... se vos não disse ainda o meu nome, logo vol o direi... o conde do Viso veio viver na casa de sua mulher, com quem casou no Minho A condessa fora educada em Lisboa. Via a casada; não a conhecera solteira. Esta mulher tinha tudo que perde um homem Era d'uma formosura perigrina, e de um espirito enriquecido por tal arte com os dotes da intelligencia, que, pelo amor de tal mulher, pelos affectos desperdiçados ao homem boçal com quem a

casaram, eu seria um anjo, e um demonio, seria um virtuoso humilhado a tolo o mundo para dominal-a a ella, seria um assassino dos meus amigos, se a condição do meu dominio fosse tal. Um homem, que sente assim, não é seu, nem da virtude, nem do crime, nem de Deus, nem da sociedade... E' della... é o que ella quizer que elle seja.

« O conde de Viso era general. Rustico e aspero da rudeza de soldado, sem trato com as sensações delicadas, e sem artifirios para fingir-se com a mendrosa mulher, que as conveniencias sociaes lhe escravisaram, nunca se lembrou de medir o abysmo que os separava, nem prever as batalhas que se davam no coração da odalisca, que reage contra a desabrida condemnação d'um captiveiro, em posse d'um sultão, authorisado pelo sacramento do divino preceito, segundo dizem os casuistas de boa fé.

« O timbre da sua voz não tinha inflexões. Mandava carregar os esquadrões, como chamava sua mulher para arrolar os alqueires de milho que entravam nas tulhas. Concebera a idea de que ha homens que vieram organisados para generaes; que o seu officio, na guerra, é matar e morrer; e na paz, recordar batalhas, pedir uma commenda para cada ferida, apontar as pareles atraz das quaes os seus collegas se esconderam em tal refrega, e procurar uma mulher, sem a qual não ha outra

machina de crear representantes de glorias, que a patria agradecida jamais esquecerá.

« O conde do Viso era assim, e sua mulher era uma alma anhelante, abrasada, cheia de chimeras, conspirando contra tudo que ha, porque as suas ambições eram tudo que não ha.

« Eu entrei em casa do general como quem vai estudar o terreno d'uma batalha infallivel. O meu orgulho dava me de antemão os emboras do triumpho. As probabilidades eram todas minhas, ainda mesmo que a fama do meu nome entrasse alli, primeiro que eu, a acirrar os grosseiros ciumes do conde, e indispor a fina sensibilidade da condessa.

« A estrategia era torpe. Na presença daquella mulher os meus planos cahiram. Olhou-me d'um modo, que parecia dizer-me: « recua miseravel! » Recuei. Queimava-se-me a cabeça, cheia de fantasias ardentes, e doia-me o coração de maguas nunca sentidas, de esperanças, que me pareciam desenganos ao meu amor proprio... de ancias que não tinham desafogo sem ella, silenciosa e impassivel como um sarcasmo á minha vaidade, uma expiação das baratas vanglorias, que me dera a habil perfidia.

« Era a minha primeira paixão. Alimentei-a com lagrimas generosas. Senti-me outro na alma. Vieram-me subitamente as propensões para o bem. O coração abriu-se-me aos sentimentos ternos, á compaixão pelos pobres, á meditação dolorosa, e prestante para com os infelizes. A naturesa, tudo

isto que nos rodea e nos não captiva um affecto por que o tumulto de paixões sordidas nos separam do bello, pareceu-me formosa e esplendida d'um reflexo d'aquella mulher, que viera, como um anjo de paz, reconciliar-me com a virtude.

« Estranhaes esta linguagem calorosa no velho de setenta e sete annos? A impressão deixou um sulco indelevel. Esta suave reminiscencia, em minha alma, é como a flor de toda a vida, sempre viçosa pelo orvalho de lagrimas. Teria morrido se a paixão succedesse á paixão. Não era possivel. Foi unica ... O corpo envelheceu, mas o espirito nutriu-se para sempre.

« O conde do Viso era rancoroso inimigo do marquez de Pombal. Eu de todo o meu coração o detestava, porque meu pai morrera, onze annos antes, no Castello de S. João da Foz, onde tragou supplicios da invenção carniceira de Sebastião José de Carvalho.

« O desejo de vingança fez-me parecer um homem superior na intelligencia curta do conde. Nasceu d'ahi a sympathia com que elle me acolhia em sua casa, e a confiança inteira, que eu pude hypocritamente captar lhe. Quando eu lhe disse que esperava um momento feliz de sevar o meu rancor no sangue do conde de Oeiras, o general, que fora valente sob as ordens de Lippe, mas que não era capaz de desaffrontar-se, face a face, das affrontas que lhe fisera Pombal nos salões do paço, abra-

çou-me freneticamente, exclamando : « amigos para a vida e para a morte!

« Nesse anno, era em 1777, morreu D. José. A noticia desta desejada morte implicava a queda do valido. O conde delirou de contentamento, e mais ainda quando D. Maria o chamou a assistir á sua acclamação, na qualidade de gentil-homem da sua real camara para que fora nomeado.

« O general partiu para Lisboa A sua paixão unica era aquella. Realisavam-se lhe os sonhos ambiciosos, esqueceu as insignificancias do amor, que o rodeavam, olharia para a mulher como um impecilho ridiculo, se lhe dissessem que a levasse comsigo.

« Foi. D. Silvina despediu-se de seu marido com azedume que elle não conhecia. Doeu-se de uma desconsideração, sem proposito, natural á rudesa do soldado ambicioso, e julgou-se ultrajada na sua vaidade.

« Eu adevinhei-a. Felicitei-me d'um triumpho e desabafei o desespero, que acabara por pintar-me aquella mulher invencivel.

« A condessa sabia... sabia de mais... que eu a adorava... Luctara contra o coração, contrariara-o nos impulsos, que ... a deviam finalmente perder. Viu-me soffrer na humildade... soffrer callado, dando-me voluntario a maiores desenganos, innobrecendo-me até de soffrer por tal mulher... Mas era fraca... sêlo-ha sempre toda a mulher, que combate dous poderosos inimigos... inimigos, sim, a

indifferença do marido, o cansasso imprevidente da posse, os extremos do estranho, e o carinho cada vez mais fervoroso do desejo. Fossem ellas virtuosas até ao martyrio... renegariam, se lhe não fechassem as avenidas á tentação do amante... Renegariam, despojando-se das glorias do seu orgulho esteril, da sua sua consciencia, pura sim, mas incapaz de sanar as feridas da vaidade... Succumbem todas... Succumbem, padre Diniz, quando a paciencia do amante se approveita das impaciencias do marido... Era assim o mundo, é, e sel'o ha sempre... Serão todas como aquella, quando uma verdadeira paixão, fertil de recursos, as inquietar na sua tranquilidade sem sabor, n'aquella sua intima ambição de viver com um outro homem, que lhes saiba colher as flores da alma, e as não apprecie sómente pelas formas exteriores...

VI.

« No fim de onze mezes, o gentil-homem ordena bruscamente á condessa que parta immediatamente para a côrte. Sentimos o effeito d'um raio. O general devia ter sido forçosamente informado por cavalheiros, visinhos meus, reservados em velhos odios, e espiões solicitos da minha intimidade com a condessa. Em todas as cartas para sua mulher, o conde incluia uma para mim, ou uma qualquer recommendação, menos na ultima. A frase desta era selvagem, imperiosa, e semelhante a uma ameaça. A partida da condessa, padre Diniz, era

impossivel. A desgraçada não tinha defesa nenhuma. Occulta, ha tres mezes, aos olhos dos estranhos, como poderia appresentar-se em face de seu marido?!...

« A resposta, que o conde recebeu, escreveu-lh'a o seu mordomo. Participava-lhe o desapparecimento de sua esposa, aggravando o facto com a coincidencia de eu ter desapparecido, com cavallos, creados, e a maior parte da minha fortuna, que realisara n'uma venda repentina.

« Assim fora. Recobrado do torpor em que me deixára a ordem do conde, pedi ao coração um conselho, um lance de coragem com que podesse reanimar Silvina. Foi instantanea a inspiração. Não a teria nunca, se aquella mulher não fosse a minha suprema alegria, a minha paixão nobre, tudo que sobre a terra póde impor-nos o sacrificio da fortuna, do sangue, e da honra.

« Disse-lhe que a sua vontade não podia obedecer ao general: respondeu-me que, antes de obedecer-lhe, tinha o recurso do suicidio. Senti, nesse momento, a melhor emoção da minha vida. Realisara-se a aspiração: um absoluto dominio sobre aquella mulher.

« Dous dias depois, da fronteira de Hespanha davamos a Portugal um adeus para sempre. Do meu patrimonio, tudo que eram bens livres vendi-os por mais de cem mil cruzados. A minha felicidade era ella; mas em qualquer ponto do mun-

do, com aquelle dinheiro, encontraria a felicidade, que se compra.

« Silvina não quinhoava do meu contentamento. Em mim era tudo expansão das intimas alegrias, de quem não tem no coração espaço para ao outros desejos. Nella, uma tristeza sombria, uma reconcentração muda, um' scismar continuo, que parecia distrahil-a de mim, insensibilisal a aos meus extremos de mimo e cuidado pela sua felicidade.

« E, comtudo, eu não podia queixar-me do seu amor. Aquella tristesa era providencial. O grito do pressentimento fallava-lhe mais alto que os meus alentos.

« Chegamos a Veneza, onde imaginei que o ceu influiria na enfermidade moral da condessa. Vivia-mos obscuramente, com apparencias que não excitavam a curiosidade, sem estado, sem um symptoma, que podesse denunciar a qualidade dos forasteiros.

« A melancolia da pobre senhora augmentava. Por fim vieram as lagrimas, e as profecias da sua morte proxima. Abraçava-me convulsivamente, e dizia-me: « Cedo ficarás sem mim. Vou com a gloria de ter sido verdadeiramente amada; e deixo-te na consciencia uma voz eterna, a dizer-te que o mereci... Perd r-me... seria pouco; não me sacrifiquei, por que indemnisaste o que fiz com muito amor. Por este amor, quero dar-te a vida... esta sim, que t a dou... não tardará...

« Padre Diniz, bem vê que fallo, e choro

francamente... Desculpe-me estas lagrimas... Na presença d'outro, acho-as doces... sósinho, como as tenho chorado sempre... queimavam-me...

« Veio o momento da profecia.

« Silvina, alvoroçada por uma dôr que nunca sentira, e reconheceu ser a ultima, que devia sentir, revellou-me um segredo, que os medicos lhe revellaram a ella, quando seus paes a arrastaram ao casamento. Recebi-o cheio de terror! Communiquei o ao primeiro, ao segundo, a uma junta de medicos, que chamei para ao-pé do leito da minha voluntaria victima. Arrefeceram me todas as esperanças, pelo gesto receoso com que me responderam. « Pois é impossivel salval a? » — perguntei-lhes com as mãos erguidas — « Impossivel, não — me disseram elles — A sciencia faz milagres muitas vezes. »

« Agora, padre, compenetre-se desta agonia. Eu estava com os ouvidos collados á fechadura do quarto da minha infeliz amiga. Ouvia-lhe os gritos vibrantes, os gemidos suffocados á custa do peito que lhe estallava, as animadoras consolações d um medico, que ella não ouvia estorcendo-se no leito, que parecia desconjuntar-se... Ouvi tudo, padre Diniz... ouvi o meu nome... o nome, que todos ignoravam . D. Alvaro de Albuquerque!... Julgavam na delirante quando eu entrei... Estendeu para mim os braços, debateu-se pendente do meu pescoço em convulsões freneticas.. Mandaram-me retirar, em favor á salvação daquella senhora... Sahi cheio de

lagrimas e esperanças... Escutei ainda... Conheci, pelo tinido de ferros, que se tentava o derradeiro esforço... Os gritos redobraram mais agudos, e de subito enfraqueceram até se ouvirem como gemidos abafados. Abriram a porta, e um medico me disse: « Faça entrar a mulher, a quem ha de ser entregue a creança que felizmente está viva... » E ella? — interrompi eu — « Morre » — responderam seccamente. Esqueci a recommendação do medico; entrei no quarto; corri ao leito; vi Silvina com o rosto escarlate, banhado de suor frio, e os olhos fechados. Respirava, parecia mesmo que sorria... Chamei-a, respondeu em dilirio, balbuciando o meu nome. Chamei-a de novo, repetiu o meu nome ainda. Bradei com afflicção « Silvina! » ouvi-lhe pela terceira vez pronunciar « Alvaro! » Estremeceu... arrancou um longo gemido, o ultimo, abriu os olhos... cubria os uma nevoa branca... estendeu o braço direito, convulso, e robusto do ultimo accesso de vida... Beijei lhe a mão.. Senti nos labios o frio d'um cadaver... Estava morta.

« Padre Diniz, as minhas crenças religiosas nasceram naquelle instante. Sem Deus, ha punhaladas incuraveis. Não cahi morto!... espantei-me da minha coragem, e reconheci que não podia tel-a sem conforto do ceu. Lembrou-me o suicidio... olhei em redor de mim, como quem procura uma pistola, um abysmo, e vi uma creança, que vagia ao peito d'uma mulher.

« Fallo com um homem de intelligencia, e

coração. Conseba-me e condoa-se, sem que eu lhe conte os meus tormentos minuto por minuto. A desesperação abriu-me um inferno aos pés. Se me dissessem então que desafogasse o aperto da minha alma com orações... responderia com insultos á impotente piedade Trovejavam-me dentro do coração todas as furias. Aquillo era a expiação mais atormentada que póde contar-se desde que a Providencia prepara o abysmo para o criminoso. Foi necessario convencer-me que o dedo de Deus estava alli... Foi necessario convencer-me de que luctava com Deus para retrahir no coração as blasfemias inventadas pela minha desesperação...

« Silvina dormia o somno eterno... Os sinos dobravam por ella, quando me retirei de Veneza. Meu filho vinha alli ao meu lado. Cheguei a Roma. O terror ia comigo. Debaixo daquelle ceu arrastava-me, como reptil esmagado. Não tinha coração para nada, nem intelligencia que divertisse o meu espirito da sua angustia entranhada. Foi ahi, na basilica de Sancta Maria dos Anjos, encostado á pia baptismal, procurando aturdir-me com a funebre toada dos orgãos, foi ahi que me feriu de repente o pensamento de ser frade. Não era o amor á religião, não era adjudicar-me aos cilicios, e á Thebaida mortificada de jejuns e disciplinas... era a necessidade de realisar em mim a derivação da palavra *monge*... TRISTE E SÓ. Isto era maior valentia que o suicidio... Esta mortalha que vesti, ha cincoenta e quatro annos, tem mais heroismo, que

a cobarde anniquilação d'um corpo, incapaz de supportar as tempestades da alma.

« Concebi d'um relance todo este drama de dores escondidas aqui, não sei ha que tempo, ha que seculos... O tempo da minha alma não se conta... Decrepito aos vinte e quatro annos, não sei como tem sido este durar... E' um prodigio de organisação... um milagre, talvez...

« Dominava-me o indomavel desejo de voltar a Portugal... Queria o martyrio aqui no meio dos meus, mas só comigo... Parecia-me mais afflictivo este genero de isolamento... Lembrou-me até bater á porta de Tibães; mas ahi era impossivel. O d'm. abbade era meu tio, conhecia-me, conheciam-me todos; e, a alguns tiros de distancia, estava o palacio do conde do Viso... Vim, sem fixar o tumulo onde devia sepultar-me... Antes de sahir de Roma, procurei, pela primeira vez, um meu primo, encarregado dos negocios de Portugal. Denunciei-lhe a minha alma. Em vez de censuras captei-lhe a commiseração. Encarreguei o de vellar pela creação de meu filho. Deixei-lhe toda a minha fortuna, excepto o patrimonio com que devia entrar no convento. Pedi-lhe inviolavel segredo sobre o meu destino; parti, não direito a Portugal, fui a Veneza, recebi o cadaver meio dilacerado de Silvina, paz a meu lado aquelle cinerario de chumbo, vinha alli como um *memento* implacavel do meu crime... pesava-me no coração... Eil-o alli... é o meu genuflexorio... A lampada que, durante a noi-

te, alumia aquella cruz treme sobre a cobertura d'esse caixão em sombras, que me fazem sentir aqui dentro o frio da morte... E isto todas as noites!... Levanto-me, ajoelho, oro com muita fé, chamo-a, reproduzo-a com todos os traços, vejo-a, quando era bella, quando era virtuosa, quando se contorcia no trespasse suspensa no meu pescoço, quando livida, e regelada, e cerrando para sempre os olhos, em que li o meu perdão... Ha cincoenta e quatro annos assim!... E vive-se, padre Diniz!... Vivo desta vida... Intitulam-me sancto... querem me para tudo que é tribulação de consciencia, invejam-me a sancta paz da alma, pedem-me a sciencia que encaminha ao ceu... A mim, padre Diniz!... E' este o mundo... Sanctificam-se assim os homens...

' Com v. reverencia não se engana o mundo... — interrompeu o padre.

« Engana. A consciencia do justo não é perturba la...

' Pelo pezar de passadas culpas, é... e sempre.

« Aqui não ha so o homem, que foi, a flagellar o que é. Sinto desesperações... e a consciencia do justo espera sempre...

' Com resignação novos tormentos que possam vir experimentar-lhe a coragem.

« Tenho-a para todos; mas não posso soffrear uma ancia toda deste mundo... Por ella esqueço-me de Deus, e do ceu... E' um desejo impotente, impossivel de realisar-se...

' Que deseja?

« O impossivel ... não me adivinha?.. Esqueceu a minha historia... não vê que deixei em Roma ...

' Um filho?..

« Sim, o meu filho, o filho de Silvina...

' Pois não o deixou entregue a um seu primo?...

' Deixei. Correspondi-me com elle durante dous annos, com grandes intervalos... Ao cabo de dous annos, meu primo morreu quasi de repente, e com elle a unica pessoa sobre a terra que sabia da minha existencia. Eu não podia declarar-me, não podia escrever a alguem... e aquem? era frade... morrera para todos... Inventei um escrupulo de consciencia. Sahi desta casa com o bordão de perigrino. Fui a Roma, achei-me enganado nas minhas esperanças, ninguem me conhecia. Fui a Veneza. Procurei a ama, aquem fôra entregue meu filho. A pobre mulher, quando me conheceu, não podia calar os soluços. « Morreu? » perguntei-lhe eu, com a serenidade da resignação. — Não morreu em quanto o eu alimentei ao meu seio — me respondeu ella. « E depois? » Não sei — dizia a chorar a unica pessoa que conhecia um coração de pai a bater debaixo deste habito.

« Não sabe? — lhe tornei eu anciosamente — pois não estava em seu poder meu filho? — Estava, mas, momentos antes de espirar o seu amigo, fui chamada á sua presença. Estava ahi um senhor, que recebeu o menino dos meus braços, e sahiu. Nun-

ca mais os vi... Ainda perguntei ao seu amigo, se o menino me era tirado por eu não ser uma ama digna... Já me não respondeu... Morreu com o segredo do destino que levou o meu querido menino.

« Aqui tem o que é um mysterio afflictivo, insuportavel. Aquem foi entregue meu filho? não sei! Quem me diz o que se ha passado em cincoenta annos, que pesam sobre este segredo? Ninguem, padre Diniz! Nem uma inspiração!.. nem um vislumbre ... nem a mais pequena suspeita!.. Homem extraordinario! podereis levantar-me de sobre o peito esta barra de ferro, que me não deixa elevar a Deus um suspiro bem contricto dos meus crimes?

« Dais-me um longe de esperança, que me conforte até morrer, ainda que nunca se realise? »

No semblante de Sebastião de Mello transparecia o clarão do espirito, que se illumina por força sobrenatural. Se os oraculos fossem verdadeiros; o aruspice, consultado nos grandes conflictos, devera annunciar a resposta por aquelle afogueamento de rosto, como acceso pelo jorro de luz, que lhe vinha do ceo.

Frei Baltazar contemplava-o, e dizia na sua consciencia que o homem de Deus, o profeta, o sancto, ia apontar o ponto do globo em que, a essa hora, se achava o filho de Silvina.

Fixavam-se com não sei que fascinação, que os assimilhava, na penetração dos olhares, a dous ad-

versarios que se medem para arcarem em lucta rancorosa.

Depois da pausa, padre Diniz, com a mão direita na testa, como se os frontaes se lhe partissem, perguntou:

' Conheceu o marquez de Luso?

« Conheci.

' Sabe se esse homem, quando morreu seu primo, estaria em Roma?

« Deixai-me recordar... O marquez de Lusc... estava!.. Sei que estava... Foi enviado extraordinario a S. Santidade para sanar as desintelligencias da Curia com o marquez de Pombal... Porque me fazeis essa pergunta?..

' Sabe que destino teve, depois, o marquez?

« Esperai!.. Sei... Terminadas as negociações foi mandado substituir em França o embaixador que cahira na desgraça da rainha...

' Oh Sancto Deus!.. — murmurou o padre, escondendo, como era costume seu, o rosto entre as mãos.

« Que é? acudiu o dominicano, erguendo-se, e correndo para elle — Não me digaes meias palavras...

' Ainda outra pergunta...

« Dizei... depressa... oh!.. fallai, por piedade...

' Que fortuna me disse v. reverendissima que deixara para ser administrada para seu filho?..

« Cem mil cruzados...

' Era só dinheiro?

« E algumas joias...

' Só ?

« Só... não me recordo de mais nada...

' Não havia ahi um grilhão d'ouro...

« Com um punhal...

' E na lamina — interrompeu padre Diniz com os cabellos eriçados de enthusiasmo — e na lamina não tinha uma legenda esse punhal ?

« Tinha.. — tornou acceleradamente o frade — tinha... de um lado ... *Mucio Scævola*, do outro: *morte a Porsenna..* »

' Senhor ! — exclamou padre Diniz, estendendo-lhe o braço tremulo.

« Dizei... ieis fazer-me outra pergunta..? !

' Bastam... E' tudo o que podia dizer-se , e saber-se...

« Pois que ?! ...— balbuciou o monge , tomando o padre entre os braços — sabeis... conjecturaes que é possivel encontral-o?.. Vive..? uma palavra vossa ... uma só...

Deu-se um fenomeno que o coração não explica. Padre Diniz não respondeu á ultima pergunta do frade. Olhou para a cruz , como a invocar o testemunho de Jesus Christo. Os olhos do dominicano instinctivamente seguiram os do clerigo. Sem se consultarem, ajoelharam ao pe do caixão de chumbo , que formava a peanha do crucifixo.

« Oremos ! — disse o padre... Era um extasis, sem murmurio... Um como quebraram-se o vinculos do corpo para que a alma subisse a Deus... Correram minutos... De improviso, Sebastião de Mello

estremece em convulsões, empallidece debaixo das bagas do suor, cai com a face sobre o tumulo, e exclama:

' Minha mãe!..

VII.

O homem, endurecido pelos desgostos pequenos mas successivos, adquire tempera de coração para vencer a suprema das dores. Não cae por fraqueza d'alma. Pode sentir-se morrer devagar em cada fibra; mas ahi, nesse deslaçar dos vinculos da materia, não ha debilidade de espirito. O que morre é o corpo, cujas condições de vida não subsistem com a maceração incessante da alma. O homem, pois, que muito soffre, e não se furta ás dores, anniquilando-se, é a continuação do filho de Deus sobre a terra: é por ventura o eterno Christo expiando a primeira culpa do tronco verminoso da humanidade.

Na alegria, é que o homem é para pouco. Não tem frieza nem superioridade de alma para abençoar os grandes lances de ventura, que o surprehendem. A dor naturalisou se-lhe na vida, converteu-lhe todas as aspirações em desalento, envenenou-lhe o ar que respirava, e tornou-o invulneravel pelo veneno. De subito, fende um raio de luz as suas trevas. O ar puro de jubilos inesperados expande-lhe o pulmão em sorvos de esperança reanimadora. O homem então é fraco. A dor, que o

não vencera, enervara-lhe o coração, não lhe deixara o orgão do prazer, mata-o, porque o abandona, e por que a seiva, que alimentava esse homem, era o fel da desesperação.

Fr. Balthasar foi assim. Quando o padre inclinado sobre o cofre das cinzas de Silvina, invocava sua mãe, o dominicano ergueu-se como d'um pulo, recuou com o pasmo e o terror nas immoveis pupilas, com as mãos convulsas afastava dos olhos o veo d'aquelle sonho, e dos labios, crispados nervosamente, apenas lhe sahira uma exclamação que tanto poderia exprimir o jubilo como o terror.

Sebastião de Mello, volvendo o rosto a procurar o frade, cujas commoções não percebera logo, viu-o nessa postura. Foi direito a elle, offerecendo-lhe o peito para abraçal-o. O frade recuava. Seguiu-o, pronunciando um nome que devia aquietal-o daquelle delirio, e o frade, encostado á parede da cella, com os braços estendidos, parecia affastar horrorisado o espectro que o perseguia. Padre Diniz assustou-se do resultado da impressão. Cruzou os braços diante de seu pae, esperando uma palavra, que revelasse o contrario de tristes suspeitas. Essa primeira palavra confirmou os desgraçados receios. Passados minutos, o frade soltava uma estridorosa gargalhada, e exclamava, entre frouxos de riso, particulares no idiotismo:

« Padre! vieste zombar do pobre velho!... Ha cincoenta e quatro annos que deixei em Roma uma criancinha, e appareces-me tu, velho de cabellos

brancos, a dizeres que és meu filho!... Impostor!.. O meu filho é uma creança de cabellos louros, olhos negros como os de Silvina, e tinha uns labios que vagiam como sua mãe suspirava. O meu filho.. tu... o meu filho!... Por que te não lembras dizer que és el rei D. Sebastião que volta do encantamento em que o tiveram as fadas do Chryssus?!... Approveita-te do *si vera est fama* do tumulo do rei, em Belem!...

Indondecera. Padre Diniz, em quanto o monge com horriveis esgares acompanhava a zombeteira apostrophe, fixava os olhos na cruz, supplicando-lhe, como de recurso extremo, o remedio para tal conflicto.

Nos dormitorios ouvira-se a exclamação violenta do monge. Pela primeira vez, era assim quebrado o silencio da alta noite. O prelado avisado do extraordinario incidente, veio á porta da cella, e escutou. Dentro, era profundo o silencio. O frade cahira esvahido n'uma cadeira, e padre Diniz, contava-lhe as palpitações do pulso, como quem receia a morte depois da demencia.

O prelado, não querendo recolher-se sem averiguar o estranho successo, murmurou pela fisga da porta:

« Fr. Balthasar sente-se incommodado?

Não lhe respondera. Repetiu, mais alto, a pergunta, e, suspeitoso da continuação do silencio, abriu a porta, como lhe era permittido, e entrou.

Ao mesmo tempo, o dominicano abria os olhos,

e fixava-os pavidamente na fysionomia do padre, e logo depois na do prelado, que parára perplexo deante do grupo.

« Que tem vossa reverencia? — perguntou elle, tomando-lhe carinhosamente a mão, que lhe offerecia.

A resposta foi uma lagrima, e um sorriso.

O prior voltou-se para o desconhecido clerigo, e interrogou-o pelo acontecimento. Padre Diniz respondeu:

' Era necessario que fr. Balthasar estivesse no uso da sua intelligencia para responder... Eu não posso satisfazer á pergunta de vossa reverendissima.

O frade cortou as instancias do prior com uma outra risada, mais significativa que a primeira, por que já não era o delirio d'uma surpresa de felicidade; era a confirmação da loucura.

« Fr. Balthasar está doudo?! — perguntou o prelado a padre Diniz.

' Doudo... eu! — exclamou o frade, saltando para ao pé do caixão dos ossos de Silvina — Doudo... eu!... por querer guardar este thesouro... (e apontava para o cinerario) o sepulcro do meu coração... este penhor que conservo ha cincoenta e quatro annos para legal-o a meu filho!... Chamaes doudo ao velho, que vos póde dar lições na sciencia do soffrimento?!... Doudo!... Chamae-me antes desgraçado... rematae os meus supplicios, cuspindo-me nestas cans... Cuspi... mas olhae que cada

cabello branco, que me vêdes, é uma hora de vida golpeada, triturada, esmagada debaixo do pé d' um demonio!... Cuspi... impios! que aquelles ossos heis de ouvil-os ranger no seio daquelle esquife de chumbo .. Cuspi, farizeus da virtude, que todos os dias chegaes a esponja de fel e vinagre aos labios do manso cordeiro representado pelo homem que soffre... cuspi...

« Fr. Balthasar — atalhou o prelado — olhe que falla com amigos... Não me conhece, não conhece fr. João de Deus, o seu discipulo querido, como me chamava ainda hontem?

' Esse... morreu! ... — balbuciou o dom inicano, soluçando, e passando pelos olhos a manga do habito.

« Não me conhece a mim? — interrogou padre Diniz, levando-lhe a mão ao coração.

' Conheço... Tu és o homem a quem eu contei a minha vida... Promelteste dar-me conta do meu filho, andaste por lá tantos annos, e ao cabo vieste dizer-me que meu filho era um padre de cabellos brancos, com as rugas da velhice na face macilenta, com o lume dos olhos amortecido, e com o aspecto do malvado, que se faz interessante pela hypocrisia...

« Isto é verdade? ! — interrompeu o prior, dirigindo-se ao padre.

— É verdade, senhor, que o filho de fr. Balthasar é esse homem, que elle descreve, mas não

é o malvado, que se faz interessante pela hypocrisia.

« Cada vez estou mais confuso!... — tornou o prelado — preciso que falle-nos, senhor padre.

O frade, extenuado dos violentos combates, não sustéve a postura vertical, que sustentára minutos a-par com o caixão das cinzas. Vir-lhe o sangue arrojado do delirio escoar-se em palidez repentina, as palpebras cahirem, e os braços, como alquebrados, descerem a procurar encosto. Tomaram-o nos braços, transportaram-o á cella onde esperaram encontrar um leito, e viram uma enchergia. Deitaram-o, poseram-lhe uma beigo á cabeceira, sahiram, e recolheram a casa do abbade, onde conversaram vinte minutos.

Voltaram depois. Fr. Balthasar dormia. Tristes visões deveriam povoar-lhe o somno. Conversa, de vez em quando, ressoava palavras ininteligiveis, e soturnas daquelle somno cavo, que altera, quando vem quebrar o profundo silencio da noite. Padre Diniz, com a alma atormentada no marasmo das ideas execrandes que lhe restavam ainda na ultima scena da sua vida, crasava os braços diante do espectaculo, que se lhe afigurava um sonho. A denuncia de seu pae estava justificada pelo estranho abalo que elle, coração alvo de todas as impressões, sofria na razão. Admirava-se de si. Attribuia ao estado de Alvaro d'Albuquerque a presença de espirito, que, por indemnisação, lhe concedera o Altissimo. Padre Diniz succumbiria, a não distra-

hir a sua força moral nos recursos inuteis para salvar seu pae.

Os medicos, chamados a curar o effeito da causa mysteriosa, capitularam de congestão cerebral o accesso. Sangrara-a copiosamente o ancião, que vivia mais pelo espirito que pelo sangue. Ao amanhecer a lanceta, rasgando de novo as veias exhaustas do enfermo, abrira por assim dizer a sepultura ao moribundo.

Fr. Balthasar não dava esperanças. Raro abria os olhos para vêr em redor de si a consternada communidade, que lhe beijava a mão, quasi gelada. As preces, na coro do templo, de hora a hora supplicavam a Deus a vida do alto homem, virtuoso como o primeiro frade. O povo de Santarem aggl'omerava-se na portaria, perguntando pela saude do pae, do bemfeitor, e do apostolo. A ultima preca da communidade foi suspendida pelas bafadadas da agonia. Rolearam o leito do frade moribundo, que, só na insensibilidade dos paroxismos, consentia um leito... para morrer. Acabava de ser ungido. O ministro da extrema uncção entoava: « Senhor Deus, misericordia! » e os circumstantes, afogados em soluços, respondiam: « Senhor Deus, misericordia! » Foi então, que o dominicano abriu os olhos. O seu semblante era sereno. Um clarão da vida, como ella é na robustez da adolescencia, illuminou-lhe o rosto. Por entre os labios, meio-abertos n'um sorriso sairam as palavras: « Senhor Deus, misericordia! »

» Milagre! exclamaram os monges— O moribundo fixou padre Diniz, acenou-lhe para a cabeceira do leito, e murmurou-lhe aos ouvidos estas palavras, tardias, intrecortadas, pela necessidade de repouso em cada uma, que balbuciava :

« Morro... quando devia morrer... Precisava de entregar o meu deposito... Meu filho, herdas de mim os ossos de tua mãe... Aquelle caixão deve, por fim, entrar comigo na mesma sepultura... Cumprirás... não pergunto... sei que cumprirás o legado de teu pai...

Padre Diniz ajoelhou. O frade estendeu-lhe a mão sobre a cabeça... Quando a retiraram, tava fria. . . . . .

. . . . . .

Resavam-se os responsos em volta do athaude de Frei Baltazar da Encarnação. O abbade empenhara-se com os pregadores da casa para recitarem uma oração funebre que solemnisasse as exequias do sancto varão. Não houve um frade, que tivesse animo para sustentar, quinze minutos, em palavras o sentimento, que só as lagrimas exprimiam.

A' hora em que devia surgir no pulpito o orador, que ninguem esperava, convergiram para ali todos os olhos. Viram, magestoso d'incutir terror enthusiasmo e devoção, o levita de vestes negras os raros cabellos eriçados, a maceração no resto e o tremor convulso nos labios. Era padre Diniz.

Antes da palavra, vieram as lagrimas. A's

lagrimas succedeu a eloquencia dos gemidos, o hymno do anjo da dor cantado sobre o tumulo. Tremiam a sesão do fervente enlevo os que, mais corajosos, poderam ouvil-o. Alguns retiraram-se com o lenço nos olhos, e arquejantes no coração. A oração expirava, quando principiou o orgão. O padre demorou-se no pulpito com a fronte pousada no parapeito. Assustaram-se. Foram, e conduziram-o á cella, esvahido, como se, com a ultima lagrima, exhaurisse a derradeira gota do sangue.

VIII.

Na *Praça da Alegria*, á porta de uma caza de tres andares, decorados de persianas verdes, e opulentos cortinados nas janellas, parou uma carruagem.

No mesmo quarteirão, á janela de uma casa de dous andares, com sacadas de páo, muito expressivas da debilidade financeira dos seus locatorios, estavam uma mulher de meia-idade, e um homem de cabellos brancos, com a barba justamente apoiada sobre a cabeça da mulher, que fixava attentamente a pessoa, que apeava da carruagem.

« E' o mesmo das outras vezes... disse a senhora D. Emilia do Loreto, recolhendo-se, ao que parecia, contente de satisfazer a sua innocente curiosidade.

O marido seguiu-a, desceu da testa para

á baze do nariz os seus oculos prodigos de metal, e abaixou continuando silenciosamente a sua tarefa de copiar musica.

— Tomara eu saber — disse elle passados alguns minutos — que nos importa a nos quem entra ou sahe de casa dos visinhos!..

Sua mulher, aparando hostias, que acamava n'um cilindro de lata, não respondeu. O senhor Joaquim dos Reis, ao dobrar a folha do papel pautado, olhando por cima dos oculos para sua mulher, que não erguia a vista do seu trabalho, continuou:

« Sim... dizia eu que me importa a mim ou á ti que n'aquella casa das persianas verdes viva uma bonita rapariga, que é visitada todos os dias por um homem que não sabemos se é pai, se irmão, se marido, se amante?!

E a senhora D. Emilia callada.

« E o caso é — prosseguiu o inexoravel — que me tenho deixado ir comtigo á janella, como se a coisa me desse muito que pensar! Valha-vos Deus, filhas de Eva... Haveis eternamente de convidar os filhos de Adão a comer do pomo prohibido!..

D. Emilia suspirou profundamente.

A leitora, ciosa das suas regalias do *dom*, custa-lhe a conceber a rasão porque aquella mulher que vive de fazer hostias, não hade ser simplesmente a senhora Emilia, casada com o senhor Joaquim dos Reis, obscuro copista de solpha?

E' por motivos que vamos annunciar-lhe.

D. Theotonio de Mascarenhas, Mon-Senhor da patriarchal, e filho segundo de uma das tres mais antigas familias de Lisboa, era o pai de D. Emilia do Loreto, de D. Antonia dos Prazeres, e suppomos que era) de D. Maria Amalia. A mãe destas meninas era uma mulher de baixo nascimento, que principiara vendendo peixe na Ribeira-nova, que passara aos dezoito annos com uma barraca de fruia para a Ribeira velha, e que se estabelecera aos vinte e cinco annos com loja de bacalhau á Conceição velha, na casa que faz esquina para um beco que conduz ao bairro d'Alfama.

O estabelecimento de bacalhau, abundante e accreditado, revellava um rapido impulso, dado por favor estranho, ou milagre de Santo Antonio, aos cabedaes da senhora Anacleta, abaixo de mediocres. E' que, a esse tempo, estava ella adscripta á poderosa fortuna do Mon-Senhor, que a tomara como sua, desquitando-a, á custa de muito dinheiro, da posse de um beneficiado da Sé, que a mudara dos linguados e tainhas da Ribeira-nova para as melancias e castanhas da Ribeira-velha.

Os do seu tempo diziam que a bacalhoeira era uma desenvolta mulher, capaz de encadear n'uma apostrophe nervosa quantas obscenidades inventaram as gerações de peixeiras, que lhe legaram uma barraca na Ribeira. Accrescentam, porem, que não podia conceber-se mulher nem mais formosa, nem mais elegante.

D. Theotonio de Mascarenhas era nivejado e

tinha orgulho de sêl-o. Não escondia a sua paixão, nem sacrificava a vaidade da sua conquista aos brasões de seus avós, nem á dignidade ecclesiastica que exercia.

Só assim se explica a imprudencia, senão impudencia, com que elle perfilhava as filhas, lindas creanças, que a senhora Anacleta lhe dava, como fructos da sua fidelidade, por que, sejamos francos, as duas primeiras eram o pae pintado na finura da organisação, e no bello castanho dos olhos vivos.

Mas eram tres, como já dissemos, as creaturinhas. A terceira (caprichos da natureza!) não tinha nem a delicadesa de fórmas, nem o olho scintillante das outras. Fatalmente, uma desastrada coincidencia veio afrouxar o fervor paternal no coração do Mon-Senhor. Fizeram-lhe indiscretos amigos accreditar que um espadaudo capitão de cavallaria foi visto sahir de madrugada pela porta trazeira da casa da senhora Anacleta. D. Theotonio, apaixonado amante, mas fylosofo reflectido, espreitou umas poucas de madrugadas, e nada viu. O aspide da suspeita, ainda assim, tinha-o mordido. A farpa ficara-lhe na alma, e só o tempo poderia desenevar-lh'a. E' justamente o que elle esperava, quando nasceu a terceira menina, que se não parecia com seu pae.

O prebendado curtiu silencioso a affronta, que poderia, comtudo, não ser affronta. Fallou aos medicos, consultou a sciencia no seu gabinete, interrogou o fenomeno da geração, e quando viu que as

respostas eram equivocas, e que os mais celebres medicos lhe davam como possivel a geração sem rigorosa semelhança de trassos corporeos, o importuno accommodou-se. Ora D. Theotonio, entre as virtudes que tinha, avultava na da imbecil dade moral, virtude austera mantida sempre na longa serie de seus avós.

Como quer que seja, não podia ser inteiramente superior ao dente do ciume. Com bons olhos nunca elle olhou para Maria Amalia, que a extremosa Anacleta lhe fazia dar pulinhos nos joelhos, e dizer *papá*, *chi chi*, e outras muitas meignices, que o celibatario — o peor de todos os homens (isto é o celibatario mais celibatario que o proprio padre) não sabe comprehender.

Maria tinha nove annos, e não fora ainda perfilhada. A senhora Anacleta, como boa mãe e sollicita curadora do futuro de suas filhas, fallou pela primeira vez em perfilhação ao pae das suas fidalguinhas, como ella intitulava o Mon-Senhor da Patriarchal.

A resposta não lhe quadrou. Aquelle sorriso, seguido do silencio peor ainda, irritou-a a ponto de pedir á sua memoria reminiscencias d'uns certos discursos com que ella costumava conter em respeito as suas visinhas, e os seus impertinentes freguezes do bacalhau.

« Então que celebreira é essa? — perguntou ella, cruzando os braços, e afastando uma perna da outra em postura graciosa, mas nada honesta — Te-

mos asneira? Fina vae ella!... Então esta é menos que as outras? Não queres ser o pae desta?

Este interrogatorio vinha perfumado d'um recheio de palavras escolhidas, as quaes antes queremos que o leitor as não usurpe aos amigos exclusivos de D. Theotonio, visto que foram propriedade d'elle.

O fidalgo, ensovalhado pela franca Anacleta, retirou-se calado, como prudente inimigo de escandalos, na presença de suas filhas, a mais velha das quaes tinha quatorze annos, e a outra treze.

Desde esse dia, infausto para a tranquillidade, que reinára, ao menos apparente, durante quinze annos, naquella casa, Anacleta retirou os seus carinhos ás duas filhas perfilhadas, e desvellou-se em mostrar ao Moa-Sinha que a escolhida do seu coração era a mais nova.

Retirados os carinhos, vieram as violencias. As pobres meninas, educadas em mestra fora de casa até aos 11 annos, não conheciam sua mãe, nas feições mais salientes do seu caracter. Descahidas da graça materna, viram-se a luctar com a antiga regateira. Aterraram-se, e não ousavam queixar-se. O pae, supposto que imbecil, era pae, e comprehendeu-as. Lembrou-se de as affastar da influencia da mãe; receou, porém, perder o amor de Anacleta, paixão verdadeira que se enraisára naquelle coração fraco, humilde, e incapaz de se revoltar contra a fascinação, que o agrilhoava á vergonha. Mas — pergunta a logica — por que não perfilhava

elle a terceira filha? Por que não restabelecia a paz domestica, se não tinha provas bastantes da deslealdade da mãe?

Pobre homem! as provas vieram depois. Dous annos antes tinha morrido no hospital dos militares um major de cavallaria, que mandára restituir pelo seu confessor a D. Theotonio de Mascarenhas cem peças que lhe foram dadas por Anacleta, dinheiro que elle conscienciosamente sabia que era delle Mon-Senhor.

Era imbecil ou não era? Tinha ou não tinha razões para engulir a bondinha meçoila que se lhe apresentava, como sua filha?

D. Antonia dos Prazeres, a filha segunda, exhausta de paciencia, queixou-se ao pae. O bemaventurado ouviu-a, e disse-lhe que se resignasse, por que a desobediencia era uma tremenda culpa no juiso de Deus. A pobre menina pediu forças ao Deus dos tremendos juizos, e esperou.

Qualquer das duas podia disputar a belleza de sua mãe. O que a mãe não podia disputar-lhes era a doçura suave das maneiras, o ar aristocratico, as elevadas inclinações daquellas duas almas, que se identificavam nas mesmas lagrimas, no mesmo conforto, e nas mesmas esperanças.

Anacleta era uma furia. A entrada de D. Theotonio era sempre saudada com uma estrondosa salva d'epithetos sonoros desde *pelitrão* até *patife*. O illustre descendente dos Mascarenhas algumas vezes chorou, e muitas outras fugiu. Triste cousa era para

as filhas a fuga do pae! A mãe procurava-as, cuspia-lhe na cara o fel que lhe sobejava, e entre as lisongeiras ameaças que lhes fazia, a mais suave era annunciar-lhes que haviam de vender peixe na Ribeira como ella o vendera, antes de se entregar a um monstro. Em honra da senhora Anacleta, seja dito que não confessou ás filhas que passára pelos braços d'um conego antes de se entregar ao monstro, com a bagagem do conego, segundo diziam, e é provavel.

Deu-se um facto que apressou o desfecho desgraçado que se annunciava, naquella familia. D. Theotonio recolheu-se um dia ao seu quarto, abriu as suas gavetas, vasou sobre uma banca alguns saccos de cruzados-novos, contou os rolos de peças que tinha melhor acondicionados em um cacifro de charão, recolheu tudo, fechou tudo, e principiou a escrever.

Anacleta espreitava-o anciosamente. Se o espirito do clerigo não estivesse tão absorvido naquella operação poderia ouvir as pulsações do coração da bacalhoeira. A mulher suava de afflicção. Duas ideas terriveis a dilaceravam... « Virá elle, movido por alguma nova suspeita, contar o dinheiro, de que eu tirei as peças para o capitão?... Mas o capitão morreu ha dous annos... E' impossivel! .. Então que é isto? Quererá tirar-me de casa o dinheiro, e as filhas que são d'elle?... Então a minha querida Maria fica desgraçada... Não quero... não hade ficar desgraçada... Não hade...

Aqui está o que fazia contorcer-se á porta do quarto a soberana do coração do Mon-Senhor.

Passados quinze minutos. D. Theotonio dobrou o papel em que escrevera, collocou-o na gaveta do seu dinheiro, fechou-a, meditou alguns segundos, e sahiu. Ao passar por Anacleta, estendeu-lhe a mão, e disse-lhe suavemente: « Venho hoje cear comtigo. »

« Como quizer... a panella não se augmenta — respondeu ella, sacudindo as saias como quem se levanta da costura.

Mal o padre voltara para a rua dos Fanqueiros, Anacleta entrou no gabinete, e fechou-se por dentro. Abriu com chave falsa a gaveta, não tocou no dinheiro, e leu soffregamente o papel, que continha o seguinte:

« Apontamentos para o meu testamento.

« Tenho em dinheiro cento e oito mil cruzados, que serão assim devididos: quarenta mil cruzados para cada uma de minhas filhas Emilia, e Antonia, que perfilhei por Mercê Regia de 16 de Agosto de 1792, e 5 de Setembro de 1804. Restam vinte e oito mil cruzados que serão empregados em uma propriedade de casas, cujo uso fructo deixo á senhora Anacleta dos Remedios, mãe de minhas filhas, e a estas por morte d'ella... » Seguiam-se apontamentos sobre suffragios, que a senhora Anacleta não leu.

Ai! pobre D. Theotonio de Mascarenhas!

A gorgona sahiu com meia cara livida, e outra meia açafroada. O papel tremia-lhe nas mãos, e

duas vezes fez uma careta horrivel, e ameaças de rasgal-o. O anjo mansueto-a, e inspirou-lhe uma pouca de fylosofia, e reflexão.

Anacleta entrou no seu quarto. Atirou se a chorar de raiva para cima da cama, mordeu o travesseiro, rasgou a coberta, e arrancou punhados de cabello. A filha a chorar ao pé d'ella, nem essa a distrahia. Depois de furia tornou a ser fylosofa. Meditou, e o quer que foi lhe veio á cabeça, que lhe fez saltar pelos olhos faiscas de alegria feroz. Entrou cautellosamente no gabinete do Mon-senhor, collocou o papel onde o achara, fechou a gaveta, fechou a porta, e veio sentar-se onde o beneficiado a deixara.

As duas meninas maravilharam-se, na sua agua furtada onde trabalhavam, quando sua mãe lhes mandou dizer que lhe viessem fazer um bocadinho de companhia.

Viram a tremer da maldade que se mascarava, e encontraram na risonha e affavel, como nos primeiros tempos da sua volta do collegio.

« Sentem-se, meninas. Vejo-as a fugirem de sua mãe como se foge d'uma madrasta sem entranhas!..

« Nós não fugimos... — balbuciou Antonia.

Maria, a mais nova, ia abraçar-se com suas irmãs, quando a mãe lhe disse colericamente:

« Venha para ali... não va onde não é chamada...

« Deixe a vir, minha mãe!.. — disse Emilia —

que mal fazemos a nossa irmã, ou que mal nos faz ella?

Anacleta conheceu a sua impetuosa indiscrição, e disse á pequena:

« Vai, vai... eu estava a sondar se eram amigas da sua irmã mais nova.

' Por que o não seremos? ! — disseram ambas, e abraçaram-na com sincera ternura

« Pois, filhas, bem mal nos tem feito a todas a desconfiança que eu tinha a seu respeito...

' Qual, minha mãe? — interrompeu meigamente Antonia.

« Pareceu-me que olhavam como de mais nesta casa esta menina...

' Sancto nome de Jesus! — disse Emilia — A nossa irmã, que beijavamos com tanto amor, quando vinhamos do collegio, anciosas por abraçal-a!.. Não se lembra das guerras que eu tinha com a mana Antonia a ver qual de nós andaria com ella ao colo mais tempo!.. A mãe é injusta no seu silencio... responda-me pelo amor de Deus... não se lembra?

A consciencia estava atormentando Anacleta. Aquella alma de tigre, na sua força da attribulação, principiava a arrepender se de ter chamado suas filhas, na vespera de um attentado horroroso Para aquelles olhos não haviam lagrimas; mas, se podessem ver-lh'o, o coração estava negro. O resto de sensibilidade, da pouca com que viera a este mundo, doia-lhe de morte.

« Não fallemos nisso, filhas... Contai-me as

historias dos vossos livros, que eu não tenho tempo de apprender... *Deveis saber cousas muito alegres...*

' E muito tristes, tambem — atalhou Emilia. Ainda ha pouco estavamos lendo uma novella bem triste... A mana chorou bastante, e eu nem pude ler tudo.

« Que era? conta lá, Emilia ... alguns amantes infelizes... ha tantos casos desses..!

' Olhe, mãe... Havia um fidalgo d'uma terra... como era Antonia?..

« Não sei ... é assim a modo de ... não sei... é um nome d'uma terra franceza, muito mau de dizer...

« Isso não importa.. — tornou Emilia — era um fidalgo que encontrou uma rapariga de vinte annos muito bonita, mas muito pobre. Apaixonou-se por ella, e deu-lhe palacios, e brilhantes, e o coração, que valia mais que tudo ...

' Quem te ensinou a dizer essas cousas? — interrompeu Anacleta com azedume.

« E' como ellas la vem no livro... Se a mãe quer, não conto mais nada.

' Conta, conta... e depois?

« Depois, a ingrata esqueceu todos os favores, que devia ao gentil-homem, escarnecia-o na sua ausencia, e de mais a mais dava o seu coração a outro homem... Vê que maldade, mãe?

' E depois? — disse a mãe alinhavando um lenço sem levantar a cabeça.

« A tal Paulina... era Paulina, não era, Antoninha?

' Era, era.

« A tal Paulina tirava tudo que podia ao gentil-homem, e guardava-o... aqui é que nós não entendemos as palavras da novella.

' Como eram? — perguntou a mãe.

« Eu vou buscar o livro. » Emilia voltou com o livro aberto — « Ora escute, mãe... é assim; eu leio : *A prejura sacrificava a fortuna do cego amante, que a arrancára ao abysmo da penuria, em proveito do fructo da sua desleal perversidade que viera á luz do mundo, durante um anno de viagens do gentil-homem.*

« Que quer isto dizer, mãe?

Anacleta estremeceu, e disse:

' Tambem não entendo.

« Que pena! — disse innocentemente Antonia.

' E vae depois... — interrompeu a mãe.

« O fidalgo voltou, e sabendo que a sua amante era ingrata, reprehendeu-a, e lembrou-lhe a vil condição de que a levantara na cegueira do seu amor... Ai que tristeza, mãe!... que horror! ... Nessa mesma noite, estando elle a dormir, ella... cravou-lhe um punhal no coração...

« Calla-te, calla-te! — bradou Anacleta, e fugiu como espavorida de suas filhas. As meninas quizeram seguil-a, e ella fechou a porta do corredor, por onde ellas deviam passar.

Voltaram, olhando-se espantadas.

« Que seria? — perguntou Emilia.

' Talvez compaixão do desgraçado fidalgo —

respondeu Antonia, que era um anno mais nova.

Emilia quiz sorrir-se como quem duvida, e ficou absorta no pasmo de sua irmã.

Pouco depois voltava a mãe com um castiçal. Não tinha um symptoma de lagrimas. Sentou-se tranquillamente a costurar. Emilia, com timidez, perguntou-lhe se estava incommodada.

« Não vês que estou boa? — respondeu ella.

Ouviram-se passos na escada, e na Conceição o toque das Ave-Marias. As duas meninas beijavam a mão de sua mãe, depois da oração, quando seu pae entrou.

IX.

D. Theotonio recebeu uma tão grata como inesperada impressão, quando viu as filhas ao pé da mãe. Desde muito que as não vira trocar uma palavra. Se acontecia jantar ou ceiar o prebendado em casa de Anacleta, as meninas concorriam á mesa, mas não ousavam levantar os olhos do prato para não encontrarem os terriveis olhos de sua mãe. Na ausencia do pai, nunca ellas foram chamadas. Recebiam alimentos no seu quarto, e deviam a uma velha creada não sentirem fome, e sede.

O pasmo do Mon-Senhor augmentou rasoavelmente quando viu a affabilidade com que Anacleta instava com suas filhas para se servirem d'um apetitoso guisado de carneiro que estava fazendo as delicias corporaes e espirituaes do illustre Mascarenhas. A doçura da senhora Anacleta, nesta noite,

chegava a todos. O proprio rival infeliz do capitão de cavallaria quinhoou dos raros afagos, com que a reforçada e galhardia bacalhoeira lhe fazia lembrar os saborosos dias da sua peccaminosa lua de mel.

Finda a ceia, retiraram-se as meninas a commentar a meiguice extraordinaria de sua mãi, e ficaram á mesa os paes, conversando em frivolidades proprias de ambos.

O venturoso fidalgo, no auge de goso intimo em que se embalava a sua alma, não menos repleta de delicias que o seu estomago do perfumado carneiro, depurou o seu coração d'um resto de fezes, que lá o nauseavam desde o infausto dia em que a deslealdade de Anacleta era facto consummado. Era uma boa alma D. Theotonio. Sobejava-lhe em coração o que lhe minguava em intelligencia, isso sim; mas o coração era bom, e, sem elle, o dignitario da Patriarchal seria um sancto, menos equivoco que S. Domingos de Gusmão, e Gregorio 7.º Quando as Omphales são garbosas e bem lançadas como aquella decantada Anacleta, não ha Hercules de virtude. D. Theotonio de Mascarenhas apaixonara-se em uma edade perigosa. Amores aos quarenta e quatro annos, são amores de toda a vida, e ludibriam o coração que remessa com a cabelleira postiça e dentes emprestados.

As palpebras de Mon-Senhor cahiam voluptuosamente sobre os olhos piscos, quando Anacleta,

recapitulando a ceia com o oitavo copo de vinho, o despertou da beatitude somnorifera.

« Aqui não se dorme, Theotonio... Estás como os caixeiros da loja?

' Tens razão, cruel, tens razão, vamos lá...

O bom homem levantava-se, esfregando os olhos rebeldes e espreguiçando-se com sonoros bocejos, quando a bacalhoeira lhe atalhou a pacifica resolução, mandando-o ouvir.

D. Theotonio fixou-a com um olho, e pouco depois abria o outro, e pôz os cotovellos sobre a mesa.

Anacleta fallou assim:

' Meu caro Theotonio, vamos conversar a respeito das nossas queridas filhas Emilia e Antonia. Não fizeste bem, mandando as vir p'ra casa, vai em dous annos. O que ellas sabem pouco é. Para cozer, bordar, e lêr, isso apprendiam-no ellas em casa. Quando te disse que as mandasses para o collegio sempre pensei que as mandarias apprender a tocar, como ha muitas raparigas por ahi, que não chegam aos calcanhares das nossas filhas. Eu não as quero para bacalhoeiras. São tuas filhas, perfilhaste-as, e quero que a sua educação condiga com o seu nascimento... Tu dormes?

' Se durmo!... Estou a ouvir-te, minha querida... e gosto de te ouvir fallar assim... Vejo que estás arrependida de as tractares asperamente, ha certo tempo para cá.

« É verdade... mas... mal remediado, mal

passado... A esse respeito, é melhor dar um ponto na boca, de parte a parte... Com aguas passadas não moe o moinho...

' Pois sim, Anacleta, o que foi, foi. Eu tenho feito o que faria um bom pai de familia para a paz e boa harmonia de sua casa. Tens-me tratado mal, tens sido má comigo, ingrata sem razão, e, não bastava seres infiel amante, foste má mãe... Tenho callado comigo tudo isto; mas Deus sabe o desgosto que trago comigo, e que dará cabo de mim...

A senhora Anacleta baixára humildemente a cabeça, e parecia contar as migalhas de pão com o palito. O pacifico amante continuou:

' Callei-me, e morreria sem nada te dizer, se te não visse hoje arrependida. Anacleta, tu és a minha paixão, a minha familia, e tudo... Perdoei-te uma infidelidade como perdoaria um erro a uma de nossas filhas... Bem vês como sou teu amigo... O que eu mal podia perdoar-te era a impertinencia com que tractavas essas meninas, que nenhuma culpa tinham de ser minhas filhas... Hoje, ou eu me engano, ou o teu coração é outro. É por isso que te accuso para te perdoar. Sê minha amiga, não me faças amargar na velhice as imprudencias de rapaz. Pouco poderei viver; mas esse pouco queria-o viver á tua sombra, e com os teus carinhos. Agora diz o que quizeres, Anacleta...

' A corajosa mulher ouviu impassivel as queixas do reconciliado amante. Cumpria-lhe, porém, o fin-

cimento, e soube dar-se uns ares de pungida, que lhe não ficavam bem naquelle rosto de bronze. Passados os momentos de silencio, que o artificio exigia, respondeu:

« O que eu peço, Theotonio, é que as nossas filhas entrem n'um collegio, onde aprendam a tocar piano, e outras prendas que são muito proprias em meninas do seu nascimento.

« Pois que vão. Graças a Deus, não lhes faltarão os meios, que os ha de sobra... bem o sabes... Agora, Anaclela, fallemos d'outra cousa. Eu quero que essa menina, chamada Maria, e que eu não posso desgraçadamente chamar minha, entre no mesmo collegio, e receba a educação das outras...

« Não vai, não quero que ella vá... — atalhou Anaclela, accusando na voz e nos olhares a maldade que lhe não cabia no coração.

« Por que?... não me dirás?

« Por que não. Maria, ja o disseste tu, não é tua filha, não a perfilhaste, e eu não quero que ella tenha a agradecer favores ao pai de suas irmãs. O que eu tinha quando vim para a tua companhia, pouco é, mas esse pouco é d'ella. Será bacalhoeira como sua mãe, e não saberá que tem irmãs fidalgas. Não as quero juntas; é preciso que se não vejam para se não invejarem depois.. Cada qual siga o destino que lhe dá o seu nascimento...

O Mon-Senhor julgou o arrasoado da illustrada peixeira como um heroismo digno dos tempos

classicos da mãi dos Gracchos, unica mulher que elle conhecia da historia antiga. Na grandesa daquelle sacrificio viu o candido Theotonio a expiação aque a contricta mulher se sentenciava na pessoa de sua filha, fructo amaldiçoado da deslealdade. Nunca tão radiosa lhe fascinou a idolatria a senhora Anacleta dos Remedios! Á vista de tal abnegação, D. Theotonio lembrou-se da progenie dos Mascarenhas, cuja tradicção era abundante em repentes heroicos e lances imprevistos. D. Theotonio ergueu-se como se o hombro d'um gigante o lançasse fora da cadeira. Estendeu o braço como o S. Vicente Ferrer, que elle admirava no coro da Patriarchal, e exclamou:

'Anacleta, a tua filha, depois da minha morte, terá igual quinhão de fortuna com as minhas filhas!

O drammatico Mascarenhas deu no raso da comedia humana, quando a fulla Anacleta, tambem de pé, lhe agradeceu assim a magnanimidade:

« Não aceito similhantes esmolas. Já te disse que minha filha não precisa favores. Pobre hade sei-o: mas agradecida ao pai de suas irmãs, isso não... E não fallemos mais de Maria! Emilia e Antonia quero que vão ámanhã para o collegio. A minha hade ir para onde a mandar sua mãe. Não é filha de fidalgo, mas... seu pai não consentiria que ella recebesse esmolas...

D. Theotonio perdeu a cabeça, e interrompeu:

« Mas elle precisava d'ellas...

' Elle !... elle !... — bradou Anacleta, estremecendo na sesão da raiva — Responda, su biltre!... quem precisava de esmolas?... o pai da minha filha ?!

O Mon-Senhor estava atterrado. Secou-se-lhe a saliva na lingua, e não pôde responder. Entre as variadas sensações, que experimentou, predominava a do medo. Deanta delle estava uma cara transfigurada pela cólera. Saltavam uns olhos, que pareciam duas ginjas garrafaes. Era a primeira vez que elle via archejarem como dous foles as azas do nariz da senhora Anacleta ; e não só archejavam, fumegavam, que é mais extraordinario ainda. Pobre homem, se se não senta, cai apopletico e desastradamente aos pés da Margarida de Burgonha da Ribeira-nova !

Anacleta retirou-se precipitadamente, quando ouviu os passos das duas creadas, que accudiam aos gritos desentoados de sua ama.

Encontraram no pasmo da sua dôr o infeliz quinquagenario. Perguntaram-lhe o que acontecera, e elle, arrancado ao seu turpor, pegou do chapeu, e sahiu com as lagrimas nos olhos.

Se a demasiada imbecilidade excita a compaixão, D. Theotonio Mascarenhas era digno d'ella.

X.

Em casa da senhora Anacleta dos Remedios, á

meia noite, duas horas depois que o beneficiado sahira, adormecêra tudo, menos ella. Chorava de remorsos? Não. Vexava-se da indole rancorosa com que a educação a dotára? Longe disso: assoberbava-se.

Abrindo cautellosamente a porta do seu quarto, escutou. Certificada do silencio, apenas alterado pela gata impaciente fóra da cama de sua dona, sahiu ás escuras, desceu as escadas, bateu de mansinho na porta interior que se abria para a loja do bacalhau, e esperou. Momentos depois, abriu-se a porta, e a pessoa que, tão depressa, veio ao chamamento, seguiu, escada acima, a senhora Anacleta.

Á luz do quarto, onde entraram, podêmos vêr a nova personagem. Era o caixeiro mais antigo da loja: um rapasola de trinta annos, cara avinagrada, olhos pequenos e piscos, nariz em fórma de castanha do Maranhão, queixo inferior rombo e vermelho como o bordo d'uma pingadeira. No resto era estupidamente regular. A senhora Anacleta, fechada sutilmente a porta, sentou-se na cama, ao lado do caixeiro, e disse affavelmente:

« Joaquim, vamos fallar do nosso futuro. Nunca te fallei n'isto, mas o que hade fazer-se ao tarde faça-se ao cedo.

« Vamos a isso — disse o senhor Joaquim arregalando os olhos, e botando a lingua de fóra, costume pessimo que já a senhora Anacleta quizera inutilmente corrigir-lhe.

'Se eu quizesse casar comtigo...

« Era logo... — atalhou o alvar, dando uma palmada na perna da patroa.

' Olha que a perna é minha... Escuta, meu grosseirão...

« Então que é?

' Quero casar comtigo...

« E o fidalgo?

' O fidalgo... — balbuciou a bacalhoeira — o fidalgo...

« Sim... a patroa quer deixal o?...

' Por ti, deixo...

« Essa é boa! Então, pelos modos, isto é dito e feito!...

' Espera...

Anacleta pensou um momento. Levantou-se... Tirou do fundo do bahu tres chaves, pegou do castiçal, e disse a Joaquim que a seguisse muito de vagar.

Foram. Anacleta abriu a porta do gabinete do Mon-Senhor; abriu, em seguida, a gaveta do dinheiro, chamou Joaquim, disse-lhe que tirasse o cofre de charão, abriu-o com a terceira chave, reparou no pasmo soez e brutal do caixeiro, e disse-lhe quasi ao ouvido:

' Sabes que dinheiro aqui está?.. Cento e oito mil crusados.

« Ui! — exclamou o caixeiro abrindo os olhos e alongando os beiços no prolongado som daquella sillaba. — Isto é seu, patroa?

' Não. Isto é do fidalgo... mas pode ser nosso, se quizeres ser meu marido.

« Pode?! então como?!

' Fechemos isto, que ainda não é nosso...

« Deixe-me ver mais um bocado... — disia o idiota fascinado sobre os cilindros das peças.

' Já viste... Levanta... põe aqui... bem... agora fechemos tudo... anda... de vagar... vamos para o meu quarto.

' Joaquim — disse a senhora Anacleta — Sabes que d'aqui a dias o dono d'aquelle dinheiro abandona esta casa, levando o dinheiro para a d' elle?

« Oh!.. isso é o diabo!...

' E, se elle o faz, acaba o meu estabelecimento, fico pobre, e o nosso casamento não se faz. Que achas tu que devemos fazer?

» Eu sei cá!.. E' não casar-mos... Mas isto do dinheiro sahir para não tornar sempre lhe digo que é má obra, patroa! Cento e oito mil crusados já é dinheiro... Então o homem desarranjou-se p'lo que vejo, ca em casa.

' E' verdade.. E foi por tua causa...

« Essa é muito boa!..

' Suspeitou das nossas relações, e quiz que eu te despedisse. Zanguei-me, bati-lhe o pé, berramos a bom berrar esta noute, e elle retirou-se, dizendo que de quarta feira em diante nada tinha a fazer nesta casa. Hoje é segunda, ámanhã ou depois vem elle buscar o dinheiro, e depois, Joaquim, eu

fecho a loge por que tenho dividas, e não posso pagal-as, se me falta a protecção desse monstro.

« A fallar a verdade, não sei o que se hade fazer...

' Que miseravel resposta me dás, ingrato !.. Vou ficar desgraçada por tua causa, e a paga que me dás é dizeres-me que não sabes o que se hade fazer... Valha-te o diabo, papalvo, nem ao menos sabes ser bom para ti..!

« Então que quer, patroa? Diga la o que se ha-de fazer, que eu da minha parte não sou homem de me... sim, quando é necessario ser homem vou com a cara p'ra diante.

Anacleta, reanimada pelos eloquentes brios do senhor Joaquim, aventurou-se a appresentar o programma do seu plano, concebido em poucos minutos.

« Eu vou dizer-te uma cousa, Joaquim. Se estiveres pelo que eu te disser, muito bem; se não estiveres, mal servido estás comigo. Todo o amor, que te tenho, muda-se em raiva !...

' Se Deus quizer não hade ser assim, patroa, Falle com toda a franqueza, e conte com a minha affeição.

« Escuta. So temos um meio de sermos ricos, casados, e felizes para toda a vida. E' necessario matar este homem.

Joaquim parecia atacado subitamente de ctyricia ! Heriçaram-se-lhe os cabellos. Seccaram-se-lhe os beiços, e suava na testa um liquido simi-

lhante a gemma d'ovo. Anacleta viu n'aquella cara a reprovação do crime premeditado. Olhou-o, e sentiu-se, um momento, horrorisada tambem. A ideia sanguinaria estava no seu desfecho; a realidade não podia espaçar-se quarenta e oito horas, e a hyena, farejando o sangue, comprehendeu d'um relance que era tardio o arrependimento. O segredo fôra revelado a um covarde. O caixeiro era indigno de figurar no plano facinoroso. Tudo isso ella viu, e conheceu; mas para tudo era impossivel o remedio. Que recursos, n'aquelle aperto, lhe segredaria o demonio? Os extremos.

Anacleta avançou para o caixeiro um passo, e murmurou-lhe ao ouvido estas palavras:

« Olha .. que elle hade morrer... isso hades Se me não auxiliares, não importa... eu sou capaz de o esganar a elle com um braço e ati com outro... Se disseres uma palavra a tal respeito, nem no inferno me escaparás. Com cento e oito mil crusados sou capaz de comprar a tua ultima gota de sangue... entendes-me, Joaquim?

Cada vez mais brutificado pelo susto, o livido caixeiro não tinhà só esperanças de sahir inteiro de aquelle quarto. Anacleta contorcia-se em esgares diante d'um homem de gêlo, que não reprovava nem acceitava as condições do homicidio. Era preciso tentar outra brecha.

« Joaquim — disse ella com menos fogo — ouve-me. Eu não quero que tu o mates, não. Quero ser eu sosinha, eu só, a que me vingue, e te

vingue a ti, homem de lama, que não tens alma para nada. O que tu hasde fazer é muito pouco, para tudo ganhares; escuta-me...

A bacalhoeira foi interrompida por tres pancadas fortes na porta da rua, e tres menores seguidas á ultima. Era o signal de D. Theotonio de Mascarenhas. Anacleta alvoroçou-se, empurrou o caixeiro; fechou-se por dentro; recolheu-se á cama, e apagou a luz.

Bateram de novo. As creadas accordaram: reconheceram o signal, e foram abrir a porta.

O Mon-senhor subiu até ao quarto de Anacleta. Bateu mansamente; a porta foi-lhe aberta.

« A esta hora?! » perguntou suavemente Anacleta.

' A esta hora, minha amiga. Accende-me uma luz; quero que vejas no meu rosto que tenho soffrido.

« Soffrido?! E' boa essa!.. E porque?

' Porque te magoei, Anacleta... Venho pedir-te perdão... Eu não devia lembrar-te cousas passadas. Tiveste um erro, mas em bom panno cai uma nodoa. O teu coração é bom; e eu é que fui cruel em mortificar-te... Anacleta, perdoas-me?

O prebendado cahiu de joelhos ao pé da cama da bemfeitora do capitão de cavallaria, e soluçava aos cincoenta e oito annos, como aos dezoito a sensibilidade costuma fazer chorar aos pés d'uma

mulher aquelles que lhe dão um immerecido soffrimento.

A cara bronzeada da bacalhoeira viu tudo aquillo serenamente. O Mon-senhor, finda a apostrophe lacrimosa, levantou-se, como perdoando-se a si proprio, e teve o inesperado desembaraço de sellar o novo pacto de alliança com um bejo, que a senhora Anacleta recebeu immovel, e silenciosa.

« Conto com o teu perdão, minha querida?— replicou D. Theotonio.

' Faz favor de me deixar?' — disse ella, virando-se para a parede. — Isto são horas de dormir.. ámanhã fallaremos em perdões...

« Adeus Anacleta... é uma hora... desde as dez não tive um minuto de repouso... vou mais socegado. Dorme em paz, minha amiga, e até ámanhã... Virei almoçar comtigo, sim?

' Venha quando quizer... esta casa é sua...

D. Theotonio apagou a luz, e sahiu. Levava outro semblante, e alliviara o coração do peso do remorso.

Seguras as portas, Anacleta levantou-se. Desceu as escadas, que descera ha pouco, entrou no quarto do caixeiro, e fechou-se por dentro.

Era necessario não abandonar a si proprio o « homem de lama. » A vinda do Mon-senhor tolhera o relatorio do programma, em que Joaquim era isempto de perpetrar o homicidio directamente. Iliam ser feitas novas propostas. Receosa do re-

sultado, Anacleta desceu com um punhal no coz da saia branca.

XI.

A's dez horas da manhã do dia seguinte, recolhia de fora Anacleta, e dizia a suas filhas que arranjassem os seus bahus para entrarem n'um collegio, depois de jantar. Ao mesmo tempo, mandava preparar as duas creadas para acompanhal-as e ficarem com ellas, visto que não queria suas filhas menos respeitadas que as dos condes e marquezes, que as mandavam entregues aos cuidados das suas aias. Esta nova foi recebida com immenso prazer pelas meninas e pelas creadas. D. Theotonio, que se achava presente, esperando Anacleta desde as oito horas, compartia do geral contentamento.

As meninas abraçaram seu pae, chorando, e fizeram valer as mesmas lagrimas para sua mãe, que não seria capaz de merecer-lh'as. Habituadas a temel-a, odiavam-na, por fim, e envergonhavam-se de terem nascido de tal mulher.

O contricto Mascarenhas, nesse dia, acarinhava Anacleta, como nunca. No sorriso d'ella, carinhoso tambem, traduzira o prebendado litteralmente o seu perdão. Não só almoçou, mas jantou com as filhas, e, distrahido com os jubilos da sua reconciliação, nem tempo teve de sentir a ausencia das pequenas.

O que mais cuidado lhe dava era vêr Anacleta fazendo o serviço da casa, por que as duas creadas não tinham sido logo substituidas. Elle mesmo quiz procural-as; mas não lh'o consentiu a energica bacalhoeira, que parecia rejuvenescer no seu elemento, quando na banca da cosinha escamava uma pescada.

Na ausencia de D. Theotonio, que principiava a importunal-a com os seus beijos á traição, Anacleta sahiu, e demorou se uma hora. Voltando, deslacrou uma garrafa de vinho, desarolhou-a, vasou-lhe dentro um pequeno vidro de liquido pardacenta que se precipitou no fundo, basculejou a garrafa por muito tempo, lacrou-a outra vez, enfileirou-a na garrafeira, contando as que lhe ficavam antes, para evitar um engano.

O que aquella garrafa continha, além do vinho, eram duas onças de extracto de dormideiras.

Ao anoitecer, Anacleta desceu á loja, fallou com o caixeiro alguns minutos, e subiu a fazer a ceia, cantarolando a *Maria Caxucha*, cançoneta valida, em que a garbosa moça *pimpara* na Ribeira-nova.

Ao mesmo tempo, Joaquim, industriado pela ultima intrevista que tivera com a patroa, chamou dous gallegos da esquina proxima, aos quaes disse:

« Estejam promptos ás 11 horas da noite para levarem alli ao Tejo uma barrica de bacalhau podre.

D. Theotonio Mascarenhas, mais anafado que nunca, appareceu de subito na cosinha, quando Anacleta frigia a ultima posta de pescada. Ria-se jubilosamente a fysionomia do Mon-Senhor, quando a bacalhoeira assustada, ao volver o rosto, encontrou os labios emboscados do carinhoso amante.

« Ai!... que graça tão tola!... — resmungou ella, entornando a certan no fogão, e limpando a face ao avental. — Já podia ter juizo! — continuou, com esgares e arremeços que deixaram o pobre homem como paralitico, encostado á capoeira.

' Que coração tu tens, Anacleta!... — murmurou o lastimavel fidalgo. — Quem te viu, e quem te vê!... Achas-me velho, sem juizo, sem graça, tolo, em fim, nada valho para ti!... Ora, pois... Deus te não castigue, assim como eu te perdôo...

« Deixemo-nos de lamurias... Leve o diabo paixões, e quem com ellas medra... Vamos cear, e estão as pazes feitas.

Dito isto, a senhora Anacleta conduziu para a mesa uma travessa de peixe frito, e uma terrina de alface, em quanto a vergontea do venerando tronco dos Mascarenhas ia adiante com o candieiro de quatro bicos.

O beneficiado tinha uma excellente organisação, e a melhor das almas para viver neste mundo. Comia com famelico apetite, e poucos segundos roubava á deglutição para responder ás meigas gracolas de Anacleta.

« Abre uma garrafa daquelle que nós sabemos

— disse o Mon-Senhor piscando o olho profanissimo á gentil conviva, que lhe estava tocando na perna, ao que deve colligir-se das caretas um pouco lubricas do grande dignitario da egreja.

Anacleta abriu a quinta garrafa, encheu o copo de D. Theotonio, e lambeu o seu.

O folgado velho virou o copo, como saboreando a ultima gota.

« De velho está azedo! — disse elle, franzindo o nariz.

‘ Já notei isso... — disse Anacleta. — Este vinho parece-me que está estragado.

« Enganas-te. O vinho é excellente; o meu paladar é que não está bom. Vamos vêr se o segundo se dá melhor comigo que o primeiro.

Vasou segundo copo. Embuchou a quarta posta de pescada, e preparava-se para aggredir terceira vez a garrafa, quando a mão lhe cahiu insensivelmente sobre o copo.

« Que é? — perguntou Anacleta.

‘ Não sei... estou bebedo,.. parece-me que vou dormir...

A criminosa sentiu o primeiro abalo do remorso, quando viu sensiveis os primeiros effeitos do veneno. Fugiu do quarto, e entrou no de sua filha, que dormia desde as Ave-Marias. Como se precisasse d'um ente vivo que a protegesse do terror que a desalentava, abraçou-se á menina de onze annos, que abria para sua mãe os olhos pavidos.

Apenas separada por um repartimento de ta-

bique, passava-se na saleta proxima uma scena horrivel.

D. Theotonio ergueu-se da cadeira com os olhos annuviados, e estendeu os braços sobre a mesa, procurando Anacleta para o conduzir á cama. Chamou-a com voz rouca arrancada violentamente ao torpor geral, que o fez cahir de bruços sobre a mesa. As pupilas, opiladas, saim-lhe fóra das orbitas. Um suor repentino inundou-lhe a face, contrahida em todos os musculos d'um amarello côr do ocre. As ancias eram dilacerantes, mas não vomitava Corriam-lhe convulsões por todo o corpo, e nas orelhas, que tremiam, em titillações significativas de congestão, estavam visiveis os symptomas de morte apopletica.

Esta penosa lucta, sem um grito, sem esperança de soccorro, durou vinte e cinco minutos. Anacleta escutava: ouviu um como rugido suffocado na garganta por uma corda, e esperou meia hora. Nem mais um gemido.

Tremula, e pallida, abriu vagarosamente a porta, onde acabava de expirar o pai de suas filhas. Viu um cadaver estendido, de bruços, ao longo da mesa, com as mãos fincadas nas costas da cadeira em que Anacleta estivera sentada.

Recuou, e desceu á loja.

Eram nove horas e meia.

O caixeiro esperava-a ao fundo da escada.

« Joaquim — disse ella com a voz espavorida

— vai lá acima... Se és meu amigo, não me faças entrar mais onde elle está.

« Pois elle... já morreu? — perguntou o caixeiro maravilhado.

' Já...

« Então isso foi dito e feito!... Eu não ouvi tugir nem mugir!... Estará elle a dormir?!

' Não está, não. Vai tu lá... anda, Joaquim... Tu disseste-me que fazias tudo, depois que elle morresse...

« E faço... A minha palavra não torna a traz...

' Mandaste o rapaz para fóra?

« Disse-lhe que fosse vêr a mãe, ao Campo-Grande. Estamos sós.... Não ha que temer.

' Então vai, que eu vou para o quarto da pequena, que está a chamar-me.

O caixeiro entrou na casa de jantar. Tomou-o um terror estupido, quando viu a postura de D. Theotonio. Fez passar diante da sua imaginação cento e oito mil cruzados para reanimar-se. Esteve com o ouvido quasi collado aos beiços do cadaver. Certo de que não respirava, saccudiu-o tres vezes, e encontrou sempre uns braços hirtos, e uma cara salpicada de manchas côr de violeta. Pegou do morto, atirou-o sobre o hombro direito, e desceu ao seu quarto. No meio da escada, sentiu o quer que foi, deixou cahir dos hombros o cadaver, que rolou até ao patamar, abrindo com a cabeça a porta do quarto de Joaquim. Anacleta soltou um grito, quando ouviu este ruido. Quiz correr á escad

mas não teve coragem... « Estaria vivo?! » — disse ella comsigo, ferrando os dentes freneticamente no beiço inferior.

O futuro marido da bacalhoeira veio á casa de jantar buscar uma luz. Desceu até onde o cadaver continuava na sua immobilidade, e acreditou facilmente que se aterrara sem motivo. E tinha razão. O que o assustára fora a derradeira contracção da materia, que é, por assim dizer, os ultimos vinculos da organisação a estalarem. Animado por um novo olhar da imaginação sobre o cofre dos cento e oito mil cruzados, arrastou para dentro do seu quarto o cadaver. Estava alli uma barrica, e ao pé uma rima de bacalhau. Tomou ao alto o morto, e fêl-o cahir sobre a bocca da barrica. Contra as suas esperanças, o cadaver ficou encalhado sobre as bordas da barrica, e não se dobrava aos esforços do musculoso caixeiro. Meditou instantes, cossando a cabeça. Como felizmente inspirado, correu á loja, veio com uma grossa tranca de ferro, deixou-a cahir de alto com toda a força sobre os joelhos do cadaver, e reconheceu que o seu expediente foi bom. Quebradas as pernas, o tronco resvalou no fundo da barrica, e os pés ficaram de fóra. O habil Joaquim, pela segunda vez pensador, venceu a difficuldade forçando os pés a cruzarem-se debaixo do pescoço, deixando na barrica dous palmos livres, para encher com bacalhau.

Feito isto com inesperada perfeição, e rapidez, Joaquim subiu ao quarto, onde Anacleta conversava

com sua filha a respeito de Emilia e Antonia. A pequena chorava de saudade por ellas, e pedia a sua mãi que a deixasse ir visital-as no dia seguinte.

Anacleta viu o caixeiro que lhe acenava da porta, foi a tremer, e esperava alguma nova aterradora, quando elle lhe disse com a mais revoltante serenidade:

'Está prompto tudo, e ficou como se quer. Que horas são?

«Quasi onze.

'Então, rio com elle, sim?

« Está visto... Depois, Joaquim, asde vir para ao pé de mim, que tenho medo de estar aqui sósinha, sim?

'Medo de que? Quem vai não torna... Tenha cá uma garrafa do choco, e até já.

Entraram os gallegos no quarto do caixeiro, e levantaram a barrica. O caes está defronte, a trinta passos. Joaquim acompanhava-os. O guarda do fisco, que estancea neste caes, vira abrir a porta da rica bacalhoeira, e sahir a barrica. Não fez reparo; apenas disse ao caixeiro que havia ordem para não deixar despejar alli á beira do Tejo as barricas do bacalhau podre: que fretassem um barco, e a levassem ao meio do rio. Um barqueiro que ouvira do bote, em que se deitava, esta ordem, offereceu-se para levar a barrica á corrente. Entrou a barrica, e o caixeiro no barco. Os gallegos ficaram em terra esperando Joaquim para lhes pagar.

« É aqui — disse o barqueiro.

‘ Então, ajuda-me a levantar a barrica.

« A barrica tambem vai ao fundo?

‘ Tambem... qne me importa a mim a barrica? Tenho lá muitas, e a patroa não dá pela falta.

« Assim a cousa vai mais depressa — disse o barqueiro pegando d'um lado da barrica — Upa!... arriba!... Vá... agora vira... bem... deixe cahir...

‘ Espera... espera... — gritou o caixeiro.

Era tarde para esperar. Um arco da barrica estalara, quando descahia para o rio. A extremidade do arco quebrada, mettera-se entre o colete e a camisa do caixeiro, de modo que a barrica precipitada não lhe deu tempo a desencravar-se do arco, e levou-o comsigo.

O barqueiro gritou por soccorro, e esperou que á tona d'agua apparecesse o afogado. A superficie da corrente fechara-se, e apenas em redor alguns peixes, alvoroçados nas suas colheitas, saltavam á flor d'agua.

Anacleta ouvira grande ruido na rua. Corria de quarto para quarto com os cabellos arripiados, e o delirio do terror a chammejar-lhe nos olhos.

« Estou perdida!... Joaquim não vem... Está já preso... Esta bulha na rua a tal hora quer dizer que encontraram o morto na barrica...

Augmentou o pavor, quando bateram á porta com força. « Que farei? Se não appareço, denuncio-me!... Ah!... já sei o que heide fazer!... Se me

quizerem prender... envenено-me... antes a morte...

Continuavam as pancadas na porta. Anacleta allentou-se d'um desafogo artificial que mais a denunciaria, se viessem alli procurar o rasto do crime. Abriu uma jauella, e perguntou:

« Quem é?

' Senhora D. Anacleta — disse uma voz — saberá que o senhor Joaquim morreu afogado...

' Afogado! — bradou ella, quasi estupida de pasmo.

« É verdade. Quando atirava com a barrica á agua, embelinhou-se nella, e foi p'ra diante, sem o barqueiro lhe poder valer .. Agora se faz favor de nos mandar pagar...

' Pagar o que?

« Os carretos. São quatro vintens; nós somos os gallegos que levamos a barrica; bem podia dar mais um pataquinho, que o demo da barrica parece que levava dentro o diabo, Deus nos perdôe.

A's lamentações, succedera uma gargalhada geral nos grupos, que se ajuntavam a syndicar do acontecimento.

' Vinde ámanhã — disse Anacleta, mais tranquilla.

« Pelas suas alminhas — tornou o gallego — mande-nos pagar agora, que não temos um chavo para pagar a cama.

A bacalhoeira embrulhou n'um papel dinheiro em cobre, atirou-o á rua, e fechou a janella.

Umas visinhas beatas, antigas inimigas de Anacleta, ficaram resmungando:

« Sempre foi peixeira!...

Dizia outra:

« Olha que mulher, que amizade tinha ao caixeiro, que nem manda procurar-lhe o corpo, para lhe fazer suffragios pela sua alminha, que Deus tenha na sua divina presença, *padre nosso que estás nos ceus...*

E outra:

« *Requescat in pace, Amen...* Que berzabum de feitiço terá aquelle mostrengo p'ra trazer em peccado aquelle senhor fidalgo da Patriarchal, que traz mesmo cara de condemnado por causa della?... Eu t'arrenego!... Sempre é mulher que tem bigode!... Pobre caixeiro... coitadinho!... mais um padre nosso por sua alma, ó tia Thereza!... *Padre nosso, que estás nos ceus...*

' E outro ao Menino Jesus dos attribulados, que sempre tem a novena mais bonita, que eu comprei por um pataquinho... Nunca as mãos doam a quem te fez, minha querida novena do meu Menino Jesus dos Attribulados...

« Ora, fique-se com Deus, senhora Rosinha... Aquelle ja la está; cada qual fassa por estar com as suas contas preparadas para o dia final, que cedo virá... E' verdade, ó senhora Rosinha, e que me diz aos jacobinos?

' Eu os arrenego, em nome da Santissima Trin

dade, e de Santo Agostinho, advogado contra os hereges...

« Dizem que estão por esses mundos de Christo esses desalmados, que comem gatos, e cães...

' E meninos, não sabia esta?

« Credo, credo, sancto nome de Jesus, minha mãe Maria Santissima, e todos os Sanctos e Sanctas da corte celestial, que me diz, senhora Theresa?

' E' como lhe digo... Ouviu-o dizer com estes olhos que a terra hade comer ao meu confessor, que é aquelle sancto franciscano, que faz profecias, e milagres, e vê tudo quanto se passa nas europas.

« O' mulher, eu estou banzadinha!.. Sancto breve da Marca! Até tenho arrepios no meu corpo, salvo seja! Adeus, adeus, fechemos as janellas... *Minha alma magnifica engrandesse ao Senhor...*

XII.

A noute de Anacleta foi infinita. Não era a contricção, nem o pavor da justiça divina, que a atormentava. Eram os espectros de duas victimas. Era o lampejo da luz que pintava fantasmas nas paredes; o ruido dos ratos nos fórros que lhe afigurava o arrastar-se d'um moribundo. Era tudo que a alma da mulher, excepção amaldiçoada á mansidão com que Deus as dotou, pode sentir, accordada d'uma embriaguez de sangue.

Anciava o dia, e o dia veio. A maldita es

perava socego, quando a luz viesse ; e não o tinha. Durante a noute, quando Maria fechava os olhos para dormir, Anacleta despertava-a : não podia ver-se só. Aquella creança era-lhe um refugio : a vibora assustada escondia-se no seio da innocencia.

Dia claro, a creança dormia, e sua mãe escondia os vestigios do crime, e lavava o sangue que o cadaver espirrara, na queda, sobre a porta do caixeiro. Depois abria a secretaria do seu amante de desesseis annos, e transportava o dinheiro para um falso desconhecido, aberto por detraz do seu leito. Queimava o testamento, fechava a gaveta, e o quarto, lançando as chaves, já agora inuteis, ao mais escondido dos fórros.

Principiaram os visinhos a visital-a lamentando com ella o fatal sucesso. Anacleta, reanimada, porque era impossivel succumbir ao terror uma alma assim, mostrava-se vivamente pesarosa, e, pelo desfigurado das feicções, de boa fé a acreditavam, e muitos vieram, que retiraram compadecidos da sensibilidade da pobre senhora, que tão outra era do que devia esperar-se de seus principios.

Vieram creadas novas para casa, e, como se duas não bastassem a entretêl-a nos seus tremores da noute, tomou quatro, que se olhavam pasmadas, como se perguntassem umas ás outras se sua ama seria douda.

De casa do marquez do Val veio um lacai perguntar, na tarde desse dia, se o senhor D. Theonio estava alli. Anacleta respondeu que não; e

o criado disse que, havia perto de quarenta e oito horas, o fidalgo não fôra a casa de seu irmão. Continuaram de quatro em quatro horas as perguntas, sendo sempre as respostas confirmativas do boato que corria do desapparecimento do Mon-Senhor da Patriarchal.

Movia-se a curiosidade e a justiça, procurando novas do fidalgo. Deu-se por ordem do corregedor do bairro uma vistoria a casa de Anacleta dos Remedios. Encontraram-na carpindo-se da perda do seu bemfeitor, do pai de tres meninas, que ficavam orfans, e pobres. Foram ao gabinete de D. Theotonio, arrombaram as gavetas, acharam papeis inuteis, e retiraram sem o mais leve indicio, que os esclarecesse do destino que tivera.

Por affectar pobresa, a bacalhoeira, restabelecida á plena tranquillidade do seu raciocinio, despediu tres criadas, e ficou com uma. Desceu a pesar bacalhau, o que não fizera desde muitos annos, continuou a alimentar no collegio suas filhas, mas privou-as das criadas, que não podia sustentar.

Mezes depois, esquecera D. Theotonio de Mascarenhas, e Anacleta, por não ser mais constante que a sociedade, esqueceu-o tambem, não obstante trajar, com descarada impudencia, sempre lucto. Como se a concorrencia á sua loja augmentasse, e bacalhoeira, que não vivia já no mesmo predio a bem sabia ella porque, recebeu um caixeiro, e tornou a viver como senhora.

Maria entrava nos treze annos. Tinha mestres de musica e canto que vinham a casa. Tinha de mais a mais uma aia que, por alto preço, viera do seio de uma familia nobre, mas decadente, amestrar a menina na arte de bem fallar, e airosamente apresentar-se na sociedade.

Os invejosos admiravam o muito que a bacalhoeira podia; mas a sua loja revelava grande commercio, e recebia carregações de bacalhau exclusivamente suas, e d'alli muitos bacalhoeiros de segunda ordem eram fornecidos. Os prudentes não se maravilhavam dos lucros que a senhora D. Anacleta empregava na opulenta educação de suas filhas.

Antonia e Emilia, nas poucas vezes que vinham a casa, retiravam-se admiradas do luxo de moveis com que sua mãi decorava as salas, e das numerosas relações, que contrahira.

Anacleta, neste tempo, teria quarenta annos. Em certas organisações, esta idade não pode chamar-se o occaso da bellesa. Veem-se, mais cedo ainda, cabellos brancos, e rugas profundas; mas, para tanto, é necessario que o coração tenha en-, velhecido, e que a rajada do infortunio, aos vinte e cinco annos, tenha esfolhado as rosas todas da juventude atribulada.

Estas raras excepções não se entendiam com a opulenta bacalhoeira. Os seus cabellos lustrosos eram negros como os de sua filha. O azebiche das pupillas tinha todo o verniz das paixões, cheias de

força. A pelle grossa, mas alvissima com os toques rubros da saude e do sangue irrequieto, não tinha um signal que não denunciasse, quando muito, trinta annos, e outros trinta para ser bella. Juntai a isto uma haste elegante, braços musculosos artisticamente roliços do cotovello para cima, e pyramidaes para baixo; um pé grande, mas desculpavel como alicerce de tão grandiosa estatua, um vasto peito, branco de neve, e arfando de cheio, , fareis uma ideia, remota, mas a unica da senhora D. Anacleta dos Remedios, qual pode dar-vol-a o espelho reflexivo da imaginação.

Sua filha mais nova era uma organisação mais franzina, mais apurada, mas representando a miniatura dos bellos contornos de sua mãe.

Entre as familias que frequentavam a casa da bacalhoeira, a mais querida e com mais carinhos recebida era a de um judeu da rua dos Fanqueiros, chamado Moysés Pereira.

O filho de Moysés Pereira, por quem D. Anacleta se sentia apaixonada, era um gentil moço, de vinte e cinco annos, com todos os traços, não degenerados, da formosa raça judaica. Captivo da sua indole depravada, Azarias, raras vezes acompanhava sua familia a casa de Anacleta. O que elle sentia por ella eram desejos; mas não suppunha realisaveis os seus planos licenciosos; e outros, mais honestos, como o casamento, eram impossiveis.

Azarias era um dissipador. Consummia a avul-

tada somma, que seu pai lhe concedia, e anticipava creditos, que o bondoso pai pagou, até ao momento que se viu em riscos de soffrer um abalo na sua fortuna. O joven judeu perdera em poucos dias trinta contos de reis, em jogo. Moysés pagou-os honradamente, como severo respeitador da lei do Sinay; mas retirou da vista de seu filho os ultimos cobres da sua gaveta.

Deu-se uma occorreneia agradavel para Moysés. Os seus amigos de Amsterdan mandavam-o immediatamente partir para a Hollanda, com a sua familia, onde fallecera seu irmão, e lhe legara uma fortuna de dez milhões.

Moysés aviou os seus negocios, e partiu. Quando esperava encontrar seu filho Azarias no hiate, não o viu. Mandou-o procurar, ninguem o encontrou. O ancião verteu duas lagrimas, e murmurou: «Senhor capitão, levante ferro! Meu filho, não é meu filho!... Partamos... Seja feita a vontade de Jehova.»

E partiram.

A essas horas, Azarias estava em casa de Anacleta dos Remedios. Era ella que o retinha em Lisboa, e fazia abjurar a obediencia a seu pai? Não.

Azarias amava até ao delirio outra mulher, inaccessivel pela elevação do seu nascimento, e quasi indifferente á fogosa paixão do mancebo. Não podia abandonal-a; mas não tinha subsistencia para quatro dias. Lembrou-se do ultimo esforço, e tentou-o, sem demorar-se a discutir-lhe a indecencia.

Procurou Anacleta, na vespera da sua premeditada sahida. Surprehendeu-a, chorando, como se as lagrimas ternas fossem caracteristicas naquella face de bronze.

Para ella foi encantadora a surpresa.

'Vem despedir-se de mim? - perguntou ella soluçando.

« Venho cumprir esse desgraçado dever... Quero experimentar se tenho coragem para este lance...

'Que lance? Eu não o entendo bem.

« Assim devia responder-me... E' o que eu esperava, Anacleta... é o que eu devia esperar da sua alma fria...

'Senhor Azarias!... — disse a civilisada bacalhoeira, com um tremulo de voz, semelhante ao das organisações delicadas — ou se engana comigo, ou eu estou muito enganada comsigo... Seja franco... porque me diz que a minha alma é fria?

« Porque, em dous annos de convivencia, não fui capaz de lhe fazer comprehender que a amava.

'Eu!... que provas me tem dado de que me ama?

« Que provas?...

'Sim... pois admira-se que eu lh'o pergunte? Quantas vezes acompanhava aqui a sua familia, e apenas me cumprimentava, fugia, se não tinha á mão um pretexto para se retirar com delicadesa?

« Como foi leviana em julgar-me, Anacleta! a que distancia não estava o seu coração do meu!

E pede-me provas!... As provas, senhora, são esse meu procedimento, que injustamente calumnia. Reputei-a sempre uma mulher perigosa. Tremia de mim quando pensava nos lances a que podia conduzir-me uma paixão, a que não podia ser superior. Fugia lhe, sim... empregou a frase propria. Anacleta, fugia-lhe por que não podia encaral-a sem me sentir apertado na alma, e delirante no coração...

Azarias principiava a recordar-se de todas as palavras d'estalo, e frases fulminantes, quando Anacleta, mulher que peccava mais por obras, que por palavras e pensamentos, levantou-se do canapé, e foi sentar-se na cadeira proxima a Azarias. Tinha os olhos aguados, e as palpebras descahiam languentes, como o pescoço, n'uma postura inequivoca para o adestrado hebreu.

« Que quer de mim? — perguntou ella a meia voz, requebrada de terna languidez — Uma confissão de amor, como nunca o senti por alguem nesta vida? Eu amo-o, amei-o desde que o vi, tenho soffrido, Azarias, sem esperança até este momento.

O mancebo, appellando para os inexhaustos recursos do theatro, ajoelhou-lhe de improviso aos pés, e levou aos labios soffregos a mão volumosa da consternada bacalhoeira.

' Minha adorada! — disse elle comprimindo ao seio a mão nada esquiva — agora partirei menos desgraçado...

« Partir!.. para onde?

' Pois não sabe que a minha familia partirá àmanhã? — disse elle a custo, sentando se, porque estava incommodado de joelhos, e deixando pender a cabeça para o seio. — Partirei, Anacleta, ja que os impios fados assim o decretam... Meu pai o quer!.. Barbaro pai, cruenta guerra eu protesto fazer-te!... (*Eram reminiscencias da tragedia de Antonio Ferreira, que vira dias antes representar na rua dos Condes.*) Deixar-te, Anacleta!.. deixar-te no momento afortunado em que teus labios me vaticinavam uma ditosa sina!.. Oh mil vezes desgraçado! que melhor te fora a morte, se tão negra te é a vida!...

' Azarias!.. — interrompeu Anacleta levantando-lhe a cabeça do mergulho sentimental, em que o judeu, algumas vezes escondia o riso de si proprio — Azarias, se eu fosse verdadeiramente amada...

« Se fosses verdadeiramente amada!.. perdão... *se fosses* disse eu!.. excedi-me... perdoe-me senhora D. Anacleta... este *tu* foi o muito amor... a muita allucinação...

' Tracte-me como quizer... Esse tu chegou-me ao coração... Gosto que assim me trates, Azarias... Ves como eu te recompenso?

« Es uma divindade! — exclamou elle beijando-lhe a testa, sem que o resto da face perdesse a sua cor natural...

« Vou exigir de ti uma prova do teu amor — disse ella com intimativa.

' Exige, minha encantadora!

« Das-m'a ?

' Não m'o perguntes... A minha honra ? o meu sangue ? a minha vida ? pede...

« Não é tanto... é o teu coração...

' Arrancado do peito ? — disse elle dando-se a postura ridicula de Catão, arrancando as entranhas.

' Não ! quero-te com o peito, com todo o vigor, com todos os dotes com que a naturesa liberalmente te dotou, meu Azarias... Sabes o que eu quero ? Não vas com tua familia...

Nos olhos do israelita brilhou um raio de alegria mas o artificio pesou-lhe na cabeça, e deu-lhe a curva beatifica de penitente de procissão de aldea.

« Vês ? — disse ella commovida — ahi está como tu me amas... Davas-me honra, sangue, e vida, e não és capaz de trocar por mim a tua familia...

« Não sou ?.. como és cruel !.. Anacleta !... Ha franquezas terriveis, que fazem corar as faces de vergonha... Mas ha momentos criticos em que a reserva seria um crime, entre duas pessoas que se adoram... Queres que eu seja franco ?

' Sim, sim.

« Perdoas-me a dolorosa expansão em que vou rasgar-te as entranhas da minha consciencia para revelar-te uma verdade fatal ?

' Diz, Azarias, depressa, que me tens n'uma afflicção...

« Olha... meu pai... aquelle barbaro... privou-me... da... minha mésada... Oh !.. que vergonha.

Azarias levava comicamente as mãos á cara, e escondia o impudente sorriso, em quanto a bacalhoeira soltava uma gargalhada.

' O que teu pai quizer, meu Azarias, — Pois tu não sabes que o amor vence todas as difficuldades? E consomes-te!.. Muito pequena tens a alma !.. E' só isso que te faz partir?

« Todos os deveres de filho esqueço por ti... sacrifico-t'os ; mas sem meios não ficarei n'uma terra, onde das minhas mãos correram ondas de ouro.

' Pois não irás... ou então desde já te digo que me não amas...

« Não irei ?

' Não... digo-te que não... Sou rica... quero dar a minha riqueza aquem der o meu coração... Nada te faltará em Lisboa, meu querido Azarias...

' Anacleta ! pede-me a vida, mas não me obrigues a viver á sombra de tua riqueza... Nas minhas veias gira o sangue hebreu... Meus avós morreram nesta terra maldita para não abjurarem a sua crença ; eu morrerei para não abjurar a honra...

Azarias, se lhe não faltasse o fôlego, tinha muito que dizer ácerca da sua honra. Felizmente Anacleta cortou-lhe o discurso, lançando-lhe o braço de fino alabastro, e bem fornidos musculos, um pouco melhores que o alabastro, em redor do

pescoço. Como envergonhada desta liberdade, retirou-o rapidamente, e foi comica, por sua vez, levando as mãos á face para vellar o pudor, rebelde em vir á luz do dia.

Tudo aquillo era bonito, e delicioso de ridiculo; mas, se é necessario adoptar uma aberração, um quasi absurdo na indole desta mulher, é certo que Anacleta amava soffregamente o judeu, e sentia, pela primeira vez, em alguma fibra intacta da lepra d'aquelle coração, os assomos juvenis d'um amor capaz de sacrificios.

O mancebo, encartado no exercicio de todas as torpesas sociaes, e farto de estudar mulheres, sabia que tinha mulher, e dinheiro, e que pouco mais ficaria vallendo fazendo-se melindroso em acceitar a suspirada offerta.

' Azarias! não me amas!.. — disia ella, arrufada, quando retirou o braço.

« Que queres de mim? — Esta exclamação fez effeito pela postura de victima voluntaria que o devasso se deu.

' Que fiques em Lisboa.

« Ficarei.

' Que consideres tua esta casa.

« Que te considere minha... minha adorada Anacleta! — Estas palavras foram a vanguarda d'um beijo menos pudibundo, que o primeiro. Da testa descera aos labios.

' Sim tua, tua... toda a vida—disse ella, archejando, e pagando-lhe com uzura o attrevido osculo.

Neste momento, entrava na sala o mestre de piano, acompanhando a menina, que vinha dar a sua lição. Anacleta, involuntariamente franziu a sobrancelha No fundo do seu coração, detestou a musica. A innocente Julieta, nesses momentos, queria-se sosinha com o seu Romeu, n'uma alcatifa de folhagem, bem escondida dos olhos do mundo, em um bosque impenetravel. Os singelos amores são sempre assim... Quem os deturpa são os homens, que fazem romances, estes impios que arregaçam as cortinas do sagrado asylo das vestaes, rasgam-lhes a ellas as tunicas alvas, como a candida pombinha, e ousam atiral-as nuas á sociedade, que quasi sempre tem o impudor de apontal-as, e dizer: « Conhecemos assim umas poucas. »

XIII.

O hiate partira,

Azarias estabelecera a sua residencia apparente na rua Nova da Palma; mas a sua morada habitual em todas as noutes do primeiro mez, e durante a maior parte dos dias, era em casa da bacalhoeira. Nem elle nem ella faltaram aos seus compromissos. Azarias dava sensiveis provas d'um exuberante amor. Anacleta não consentia que elle sahisse de sua casa, sem muito dinheiro para casos imprevistos. O israelita volvera á sua antiga opulencia. N'aquelles tempos uma sege e uma parelha de machos era previlegio de poucos. Azarias,

muito a contento da bacalhoeira, cegava os seus inimigos com esse luxo miraculoso. Era geralmente sabido, na classe commercial, que o hebreu não tinha de casa de seu pai algum subsidio.

Entretanto, o homem não estava inteiramente gasto. Já sabemos que amava, como doudo, uma menina de alto nascimento, e pouco accessivel. Sem ella, Azarias não tivera desenvolvido tanta habilidade na scena, que presenciamos. Por ella é que se venderia, não a uma mulher ainda bella como Anacleta; mas á primeira serpe calva e desdenada de Lisboa, que lhe costeasse as despezas da conquista.

No fim de quatro mezes a bacalhoeira deu balanço á sua fortuna, e viu, sem pesar, que a sua paixão lhe tinha custado dez mil cruzados. Restavam lhe oitenta, por que oito, e os lucros do seu acreditado estabelecimento tinha ella consummido em regalias proprias. Era, e julgava-se verdadeiramente feliz. Recordações de Thelonio de Mascarenhas, se, alta noute, lhe alvoroçavam o sangue, o topico era Azarias, e o sangue entrava placido no giro regular das suas funcções.

A este tempo, o hebreu tinha feito grandes progressos na difficil empresa da esquiva dama. Fascinada pela gentileza do opulento moço, deixou se abordar tanto quanto era preciso para dizer-lhe que o amava; que se animava a ser sua esposa, ainda mesmo que seus pais lh'o prohibissem. Azarias, consciente do resultado que teve, pediu-a e negaram-

lh'a. Approveitou a resolução da hallucinada donzella, e marcou-lhe uma noute para a fuga. Estavam em terra todos os estorvos: faltava um, e por ventura o mais respeitavel. Dinheiro.

Anacleta, n'uma das muitas horas de intimidade com Azarias, chamou-o ao seu quarto, e mostrou-lhe o seu thesouro. O mancebo affectou uma desplicencia, quasi desprezo, áquella revelação. Não perguntou a somma do capital, nem desperdiçou, a tal respeito, duas palavras. Anacleta poderia ressentir-se na sua vaidade, se Azarias a não indemnisasse com alguns beijos, sem enthusiasmo, mas valiosos pela quantidade o que na qualidade não podiam valer.

A noute da fuga era justamente aquella em que Anacleta estava ceando com Azarias, e sua filha. Finda a cea, Maria recolheu-se ao seu quarto, e a bacalhoeira, encostada ao hombro do amante, entrava no seu.

« Estou mal do estomago — disse elle.

' Que queres, meu filho?

« Café.

Pouco depois, entrava a cafeteira e duas chavenas. Anacleta encheu-as, e offereceu uma a Azarias.

« Das-me o meu cachimbo? — disse elle.

' Onde está?

« Na sala do jantar, sobre a mesa.

' Vou buscal-o.

Anacleta voltava as costas, quando o israelita

lhe lançava na chavena um pó esbranquiçado, que diluiu com a colher.

'Aqui tens, meu anjo.

A carinhosa amante bebia o seu café, em quanto o impassivel hebreu saboreava os sorvos do tabaco opiado. Approximava-se a hora da partida. Trocando se brandas ternuras, Anacleta deitou-se, em quanto o judeu contemplava os rolos azulados do fumo do seu cachimbo. Apenas ella pousou a cabeça na almofada do travesseiro, disse que tinha um somno extraordinario, quando o café lh'o despertava. Passou-lhe de relance pela memoria uma scena horrivel. Não se demorou a affugental-a. Adormeceu, contra sua vontade. Quiz chamar Azarias, e não pôde. Quiz tocar lhe e não tinha braços que obedecessem á sua vontade. Era a immobilidade do cadaver; mas vivia.

O judeu operava tranquillamente. Abriu uma gavetinha do toucador, tirou uma chave com que abriu a quarta gaveta de uma commoda. despejou sobre os vestidos de Anacleta, amassados em fórma de trouxa, o dinheiro em ouro, buscou em roda de si alguma cousa que tivesse um fundo, pegou das meias da estremecida amante, improvisou duas saquinhas de peças, distribuiu grande porção pelas algibeiras, e tomou debaixo de cada braço um grande sacco de cruzados-novos.

Atravessou ás escuras, as salas que conhecia a palmos, desceu as escadas subtilmente, abriu a porta da rua com desembaraço, como quem sai do

sua casa, para não causar suspeitas ás patrulhas, e foi direito ao caes das Columnas, onde o esperava uma lancha. Entrou no hiate ancorado a pouca distancia, entrou n'um beliche, abriu e fechou um bahu, e tornou para terra.

Quando passava entre a maruja, todos se descobriram. O capitão, acurvando a cabeça, onde alvejavam as cans, perguntou:

« Filho do Rabino! a que horas nos fazemos ao mar?

' D'aqui a meia hora.

E meia hora depois, a mesma lancha conduzia o israelita, e uma dama, que chorava com a face apoiada no coração do mancebo.

Içaram-se as velas, o vento era de servir, e o hiate ao dar da meia noite no convento dos Jeronymos avistava, lá em baixo, o farol na torre de S. Julião.

Segue o teu roteiro, instrumento de Deus!

XIV.

A's onze horas do dia seguinte, com grande espanto dos domesticos, não havia rumor de vida no quarto de D. Anacleta.

As creadas não ousavam chamal-a, por que lhes era defeso não só pela ama, mas pelo seu proprio pudor, bater a uma porta d'um quarto, onde existia um homem, que não era marido da senhora.

A filha, menos respeitadora dessas considerações, ou mais innocente, bateu á porta, mais de uma vez, e não ouvindo sequer um ai, animou-se do amor de filha, e abriu a porta. Assustada, correu ao leito de sua mãi, chamou-a, agitou-a, e deitou-se ao pé com ella, chorando a altos gritos. Anacleta abriu os olhos espantadiços. Sentou-se, na cama, e não podia suster a cabeça atordoada. Perguntou que horas eram, responderam-lhe que não tardava o meio dia. Olhou em redor como quem procura alguem...

« Meio dia! — exclamou ella.

Saltou abaixo da cama, e não podia sustentar se de pé, olhou para os vestidos entrouxados, e viu duas peças a luzirem n'uma dobra, levantou os olhos attonitos para a gaveta, vê, duvida, affirma-se.. era a chave, que nunca alli deixára... vai, cambaleando, e encostada á filha, vê o cofre vasio!... Sustem-se um momento, como fulminada, leva as mãos á cabeça, que se lhe parte com dolorosos latejos, solta um grito pavido, como o guincho d'uma ave nocturna, e cai, como morta, exclamando:

« Roubada!...

Quando tornou a si, achou-se rodeada de caixeiros, de facultativos, de criadas, e de visinhos.

' Quem a roubou? — era a pergunta de todos; mas Anacleta não respondia a ninguem. A sua dor não se differençava do idiotismo. Tudo aquillo parecia-lhe um sonho. Roubada por Azarias!...

isto era incrivel, impossivel! Seria uma cruel brincadeira? Tambem não...

Era quasi noite, e ninguem vinha decifrar o enygma do roubo. A justiça interveio immediatamente nos dissabores domesticos da bacalhoeira. Pediam-se-lhe esclarecimentos sobre pessoas, nas quaes podessem recahir suspeitas. Perguntavam-lhe a quantia roubada; nem a isso respondia. Por mais que a surpresa afflictiva a embrutecesse, Anacleta ainda tinha a finura necessaria para conhecer a inconveniencia de confessar o dinheiro que tinha... Não podia alguem lembrar-se do capital que attribuiam ao Mon-Senhor da Patriarchal?

Anacleta estava febril: mas fingia se mais doente para evitar perguntas. A's onze horas da noite retiraram as numerosas amigas da enferma, e ficou o cirurgião assistente com Maria Amalia, que era inseparavel do leito de sua mãe.

O facultativo ignorava as intimidades de Anacleta com o filho de Moysés Pereira, supposto não ignorasse que se visitavam as familias. A doente parecia supitada nos pasmos, que succedem á febre, quando o cirurgião perguntou, a meia voz, a Maria:

'Então já sabe o que se diz a respeito do senhor Azarias, que aqui vi algumas vezes?

Anacleta estremeceu, e Maria, córando, respondeu:

«Não sei.

'Pois eu conto a v. s.ª O tal judeu, para não

desmentir a raça especuladora á qual pertence, namorava uma rica herdeira, filha unica do morgado de Alpedrinha. Ninguem suppunha que elle fosse capaz de a fascinar; mas o caso é que a tal menina gostou do judeu, e fugiu com elle esta manhã.

Anacleta sentou-se na cama, vociferando um grito que atterrou o proprio cirurgião.

« Minha mãe... que é? — exclamou anciada a pobre menina.

' E' verdade o que acabo de ouvir? — perguntou Anacleta, lançando um olhar que affectava cruelmente os nervos do facultativo — Isso é verdade?

« O quê, minha senhora?

' A fuga desse homem com uma mulher?

« E' sim, minha senhora.

' Quando?

« A noite passada.

' E' impossivel... querem que eu endoudeça!... E' mentira!

« Se eu soubesse que a molestava, senhora D. Anacleta, não daria tal noticia... mas não minto por cousa nenhuma. Azarias fugiu com a filha do morgado de Alpedrinha, d'isso é que ninguem duvida em Lisboa.

Anacleta, que fizera mais do que devera esperar-se da sua indole, não pôde por mais tempo sustar os bridões á sua natureza.

« Esse homem roubou-me! — exclamou ella é

desgrenhando-se como possessa — Esse homem é um ladrão, que me levou todo o meu dinheiro... Prendam-n'o, enforquem-n'o... Aqui d'el-rei contra Azarias, que me roubou!

A antiga regaleira estava no uso plenissimo das suas funcções intellectuaes. A mulher natural era aquella! A mascara cahiu, na presença dos que vieram da visinhança aos gritos da enferma, e á choradeira das filhas e da creada.

A medicina era impotente diante do desespero de Anacleta. Temiam-na, e não houveram braços nem consolações que a aquietassem até ás nove horas da manhã, em que a justiça veio approveitar a maré cheia dos esclarecimentos. Era o juiz que interrogava Anacleta, fechado com ella no seu quarto:

« Quem a roubou?

' Azarias Pereira, judeu, filho de Moysés Pereira e de Rachel Pereira.

« Quando a roubou?

' Na noite de quarta-feira.

« Violentou-a?

' Deu-me opio para eu dormir.

« Como sabe que lhe deu opio?

' Por que se deitou comigo ás dez horas, adormeci logo, e acordei hontem ao meio-dia.

« Então esse homem...

' Era meu amante.

« Quanto lhe roubou?

' Oitenta mil cruzados.

« Em que especie?

« Ouro e prata.

« Onde os tinha?

« Naquelle cofre — apontando para o que estava sobre uma commoda.

O juiz entregou o cofre ao meirinho geral, que o esperava na antecamara, os apontamentos ao escrivão.

O boato correu em Lisboa com a rapidez de todos os boatos, que desacreditam, e foi bem recebido, como todas as infamias que dão margem aos commentarios. Admiravam o cabedal que a bacalhoeira acumulara, e vieram logo as suspeitas de dente envenenado morder a reputação da amante do Mon Senhor da Patriarchal, cujo fim, e cujo dinheiro ninguem farejara.

O marquez do Val, irmão do beneficiado, quiz ver o cofre em que se achavam os oitenta mil cruzados. Reconheceu-o. Era uma preciosidade, que trouxera da India seu visavô, governador Instaurou immediatamente um processo contra Anacleta dos Remedios.

A desgraçada, conduzida aos tribunaes para novas revelações, ouviu com estranha coragem a imputação, que se lhe fazia de ter ficado com o dinheiro de D. Theotonio de Mascarenhas. Respondeu que a calumniavam: que aquelle cofre lhe fora dado por elle, para ella guardar as joias de suas filhas. As probabilidades depunham contra a bacalhoeira; mas não houve uma só testemunha que a condemnasse, e não chegou a ser pronunciada.

Continuou o processo crime contra o israelita. Pediram-se revelações para os reinos visinhos á cêrca da sua paragem. Não se alcançaram. Ao cabo de alguns mezes, dormia o processo, e a maldicencia tambem. Anacleta pagou as custas, e esperou novos esclarecimentos.

O estabelecimento da bacalhoeira, poucos dias depois, estava desmantellado. Quando ella tractava de dar balanço ao commercio, que, nos ultimos tres annos, deixara a cargo de caixeiros, viu que tinha sido roubada pelo guarda-livros, que, dous mezes antes embarcara para o Brazil. Haviam creditos; mas as dividas a pagar, supposto que apparecessem riscadas nos livros do caixeiro ausente, eram superiores aos creditos. Anacleta reconheceu que estava absolutamente pobre: antes, porem, que o ella soubesse, já as suas numerosas visitas o sabiam. Abandonaram-na.

A baixela, e moveis com que adorna a frustuosamente a sua casa, foram arrematados em leilão para pagamento de dividas. Despedida do predio que occupava, achou-se em uma pequena casa da rua da Rosa das Partilhas, com sua filha Maria Amalia, e uma velha creada, que a acompanhou, porque não teria quem naquella idade a tomasse pelo sustento.

Anacleta calculou as suas posses, e achou-se com tres cordões d'ouro, alguns pares de brincos, anneis, fivellas, e insignificancias que lhe dera o conego, seu primeiro possuidor.

Suas filhas, Emilia e Antonia, terminavam nesse mez o anno de collegio, cujo pagamento fôra adiantado. Mandadas recolher a casa por sua mãe, não vieram. Queridas no collegio pelas suas prendas e virtudes, foram recebidas como mestras. Antonia ensinava todas as prendas de costura, e Emilia auxiliava as educandas, na ausencia do mestre, a comprehenderem as suas lições de musica.

Eram felizes.

XV.

Sigamos, com repugnancia, embora, os vestigios da desgraçada, que se arrasta sobre os espinhos da expiação, a que a providencia da Eterna Justiça a condemnou.

Anacleta dos Remedios, seis mezes depois que mostrara a Azarias o cofre, em que não via o sangue de Theotonio de Mascarenhas, teve fome. Os mediocres valores, que o atraiçoado conego lhe dera, não existiam. Os abundantes bragaes, que podera salvar do sequestro, vendera-os. As pessoas, que lhe tomavam o seu chá, e comiam os seus jantares, responderam com uma esmola á sua primeira carta, com uma desculpa á segunda, e devolveram-lhe fechada a terceira. Tinha fome!

O suicidio occupou-lhe a imaginação algumas horas. Communicou a ideia a sua filha, e a infeliz menina abraçou sua mãe, soluçando: pois sim morramos juntas, antes que a fome nos mate! ....

Anacleta não tinha coragem para tanto. A hallucinação foi passageira. Subira de peixeira para senhora de sala; descera de senhora de sala para uma baixa condição que já conhecera... em fim a fome não lhe era estranha, e a vergonha não a atormentava. De sua filha não pode julgar-se o mesmo. A sensação da fome sentiu-a pela primeira vez; a vergonha da indigencia queimava-lhe a face virgem dos calores do opprobrio.

Nesse dia em que o suicidio fôra addiado, Anacleta viu-se a um espelho, e murmurou: « ainda não estou velha! » No dia seguinte penteou-se, e vestiu-se o melhor que pôde. Encostou-se ao parapeito da janella, sorriu ao primeiro homem que passava, respondeu com um aceno a uma pergunta, e, recolhendo para dentro, mandou retirar a filha para a cosinha.

Maria Amalia perguntava, depois, a sua mãe que homem era aquelle:

« E' o procurador que tracta da minha causa contra Azarias.

D'ali em diante, a menina foi mandada recolher á cosinha muitas vezes, porque o procurador era certo todos os dias, e em todos elles deixava por conta do que havia de receber-se de Azarias alguns cruzados novos. A explicação satisfez Maria Amalia; mas, como lhe acontecesse encontrar algumas vezes, de relance, variadas caras, sua mãe dizia que eram variadas pessoas encarregadas de averiguarem a residencia de Azarias para o capturarem.

Como quer que fosse, o lume accendia-se todas as manhãs, e o jantar, senão abundante de iguarias, era frugal, e abençoado pela menina.

E os procuradores continuavam.

Aconteceu entrar um dos elegantes do tempo em casa de Anacleta. Como ignorante dos precedentes desta mulher, inquiriu-lhe a sua vida passada. Ouviu um contexto de mentiras, que o fizeram sorrir de compaixão. Anacleta, desmemoriada pela devassidão, ou entretida com outras emoções na epoca da sua vangloriosa opulencia, não se lembrou que esse homem fôra appresentado em uma das suas assembleas, que então se não chamavam bailes. O desconhecido fallou-lhe em virtude, em honra, e temor de Deus. A meretriz soltou impudentes gargalhadas. O austero mancebo retirou se triste; mas desde esse dia, Anacleta recebia mysteriosamente uma mesada, que nunca tractou de averiguar donde lhe vinha. Lembrou-se d'alguma restituição, e não achou merito na generosidade. Lembrava-se, porem, do moralista, que nunca mais apparecera.

Entre os concorrentes destacava-se pelas exterioridades um que ninguem diria ser procurador de causas... perdidas, como a da senhora Anacleta dos Remedios. Quem quer que era, apeava da sua carruagem no largo do Calhariz, e subia a pé a rua da Roza das Partilhas, cosendo-se com as paredes, até se coar na humilde casa da fallida bacalhoeira.

N'aquelle tempo, 1809, certos homens, mais hypocritas que os de hoje, e mais devassos talvez,

envergonhavam-se de serem surprehendidos em flagrante entrada ou sahida por portas de casas, onde a virtude tinha fugido pelas janellas.

O cavalheiro, que visitava com mais frequencia a senhora Anacleta, era um desses benemeritos da opinião publica.

Recapitulando os dialogos que fallaram, approveitaremos o ultimo, que deixa ver o dedo do gigante, que nos aponta todos os outros.

« Então, Anacleta, fallaste com a Maricas?

' Não meu senhor... nem me attrevo a fallar-lhe...

« Forte tôla!.. porque?

' Não sei como hei de principiar... Pega-se-me a lingua ao ceu da bocca, quando vou a dizer lhe o seu recado...

« O meu recado? Não lhe digas isso como recado meu... diz-lh'o como cousa tua; do contrario, nada feito...

' Não sei que lhe faça, snr. duque...

« Calla-te... não me chames duque... já t'o disse...

' E' verdade... tinha-me esquecido... perdoará...

« O que tu hasde fazer é aconselhal-a...

' Não sei como, palavra d'honra...

« Isso é facil... Ora olha — aprende este recado... « Maria, nós somos desgraçadas, e podemos ser felizes... Ha uma pessoa das primeiras pessoas de Portugal, que te quer muito, e que daria

tudo por que tu fosses d'elle. Na infeliz situação em que estamos, tu não podes esperar um casamento, que te tire da miseria. Mais hoje ou mais ámanhã, hades ser d'algum homem, que não tenha um vestido que te dê, nem te assegure um futuro melhor do que o que tens. Parecia-me que era uma fortuna para nós ambas tu quereres tomar amizade a este senhor, que muito em segredo te digo que é um duque. » Se vires que a pequena principia a fazer caretas de beata, diz-lhe logo isto: « Olha, Maria, tu já sabes o que é o mundo, e o pouco que vale sacrificar-se a gente a uma palavra vã, que diz *virtude*. Logo que empobrecemos, fomos desamparadas por toda essa canalha que admirava o teu genio de pomba, e o teu coração de anjo. Deixa-te de honradez, por que a honra, se fosse uma offerta muito bem recebida por Deus, Deus não permittiria que as virgens, forçadas pela fome, se prostituissem. » Ora repete lá isto que eu te disse.

Anacleta, convencida das razões filosoficas do duque, repetiu o recado a seu modo, engasgou-se muitas vezes; mas o generoso fidalgo teve a amabilidade de repetir-lhe quatro ou cinco discursos, que por fim a bacalhoeira aposentada repetiu excellentemente.

Na ausencia do duque, Anacleta, com as ideas frescas, cobrou forças da filosofia e da miseria, fechou-se com sua filha, e repetiu, com poucas variantes, o texto do eloquente fidalgo. Maria Amalia

ouviu pasmada o revoltante convite. Não pestanejava, não respirava, sentia rasgar-se-lhe o coração a cada palavra nova, que lhe feria os ouvidos, arfava como quem difficilmente reprime o choro, que vai rebentar nos olhos... Que sublime lance! que grandiosa lucta a do anjo com o demonio! Como seria expressivo da vontade de Deus o raio que n'aquelle instante descesse do ceu a fulminar a serpente que se enroscava na pomba!

Maria, terminado o discurso, balbuciou:

«Não entendi, minha mãe... É impossivel que seja verdade o que eu suppuz!...

'Que suppozeste, Maria?

«Não me atrevo a dizel-o...

'Diz...

«Não posso... desengane-me... que é o que me quer, minha querida mãe?

'O que te quero, Maria?... Fazer-te feliz...

«Quem me dera sêl-o, meu Deus!... Mas de que maneira?

'Escolhendo-te um homem que te dê tudo que precisares...

«Um homem!... que homem?... Não temos parentes nenhuns...

'Parentes!... quaes parentes!... Um homem rico, capaz de te estimar, de te trazer no galarim, com bons vestidos, bem servida, e invejada das outras...

«Onde está esse homem, que me estime, sem me conhecer, sem eu o conhecer a elle, que, sem

mais nem menos, me queira tirar desta infeliz situação que a desgraça nos deu? Que tenho eu para merecer tanto?

'A tua formosura...

« Ah!... (exclamou Maria, erguendo-se com as mãos apertadas na cabeça) comprehendi tudo, santo Deus! Tenho dezeseis annos, e minha mãi manda-me ser má mulher.. Oh! .. que vergonha!...

Com a face cheia de lagrimas, e as mãos erguidas, Maria Amalia fugiu de ao pé de sua mãe, e debruçou-se em soluços na janella do saguão, onde aquella dor não tinha testemunhas.

Anacleta vacillava entre a compaixão e a raiva. Os instinctos perversos da peixeira regeneraram-se, como se bastantes annos de outra vida lhe não tivessem modificado a vocação. Abafados pela felicidade, á custa de infamias, resurgiram robustos no momento em que a penuria corroeu os vinculos que prendiam aquella mulher á sociedade.

Na alternativa, venceu a raiva. Anacleta bateu o pé no chão. Aquella reminiscencia da Ribeira-nova era significativa. Maria Amalia tinha de ceder.

A pobre menina, quando chorava, com meio corpo pendido sobre o saguão, sentiu a attracção do abysmo, e quiz precipitar-se. Conteve-a a memoria da sua amiga e mestra, a filha de nobres decadentes, que lhe dera lições de virtude e religião, appresentando-se, como exemplo, na sua posição de criada, nascendo senhora. « Se me não mato hoje

— dizia ella na sua alma — terei de fazel-o ámanhã... pois amanhã será...

Quando anoiteceu, os procuradores da causa de Anacleta revesavam-se. Maria, por amarga intuição, relampago de luz sinistra que lhe alumiou ignoradas torpesas, comprehendeu, n'essa noite, a vida de sua mãe. Lançou-se nos braços da velha criada, e choraram ambas

O duque, depois que ouviu devotamente com a sua familia a missa do capellão, veio, por travessas e becos, procurar á rua da Rosa o ultimatum das suas negociações. Anacleta, antes que elle lhe perguntasse o effeito do discurso, ergueu os hombros, como quem diz « nada feito. »

' Resiste? — perguntou o fidalgo.

« Eu não lh'o disse a v. ex.ª?!

' Ora, deixemo-n'os disso, Anacleta... Eu não ingulo araras... O que tu queres é que eu suba o preço... pois bem, subirei... Até aqui eram cincoenta... agora são cem moedas... serve-te?

« Quer v. ex.ª uma cousa? — disse Anacleta com os olhos abrasados de cupidez, e a ancia das cem moedas no coração.

' Diz lá.

« O que se não faz por geito...

' Póde fazel-o a força... é o que queres dizer?

« Bem visto.

' Tambem póde ser... Que te parece?... gritará?...

« Que importa?... A criada sahiu... e eu... serei surda, e cega...

' Mas, se a resistencia for invencivel... já se sabe que as cem moedas... é um contracto nullo... percebes?

« Percebo...

' Então... quando?

« Ella está no quarto da criada, ao pé da cosinha, á esquerda...

' Que faz ella?

« Eu sei cá... parece-me que está a resar as contas...

' Ah! ella resa?!

« Sempre... como não tem que fazer...

' Então parece-me que não ganharás as cem moedas, Anacleta!

« Quem se não aventurou não perdeu nem ganhou...

' Achas? Então... viva o anechim... Cá vou ..

Anacleta teve um momento de terror. Perguntou a si mesma se aquella menina, que vendia, era aquella filha querida que a fizera perpetrar um homicidio... se era aquella, que entregara aos desvelos d'uma piedosa mestra, e aos extremos d'uma apurada educação. Devia ser bem amargurada aquella intuspecção do passado! Quem poderá conceber a perdição de uma mulher, que póde assim recordar-se um instante, e em outro applicar o ouvido para escutar o motim da revoltante scena, que devia passar-se tão perto d'ella!

O duque, pé ante pé, entrou no pobre quarto, em que Maria Amalia, sentada, sobre a cama, com a barba apoiada nas mãos entrelaçadas, e os olhos fixos n'um registo de Maria Sanctissima, parecia pedir, como quem pede a morte.

Ao ranger da porta, estremeceu. Quando viu um homem estranho, soltou um grito, e saltou abaixo da cama.

« Que é isso, menina? — disse o duque, recuando para a porta — Eu não a offendo...

Maria encostou-se a uma commoda com as mãos erguidas.

« Não tema, Mariquinhas... Eu não sou nenhum jacobino, que me divirta a devorar meninas galantes... Quiz vêl-a de perto, já que de longe tão linda me parecia, e tenho a satisfação de lhe dizer que me não enganei... tanto melhor para a minha querida ingrata... Ora venha cá... conversemos aqui como o rolo saudoso conversa no bosque ameno com a rola saudosa...

Maria Amalia, sem descer as mãos da postura afflictiva de quem implora compaixão, recuava para o fundo do quarto.

« Entendamo-nos — disse elle, sem avançar um passo para ella — sabe quem sou?

« Não, senhor.

« Eu lhe digo... Em primeiro logar sou um homem bem criado e attencioso como me vê. Em segundo logar, tenho um coração que já não é meu, por que, desde o momento em que a vi,

tive o desgosto de me achar sem elle. Em terceiro logar, sou um dos mais ricos de Portugal. Em quarto logar, sou duque. E em quinto logar, finalmente, faço tudo quanto quero.

Amalia sentiu dobrarem-se os joelhos, e susteve-se difficilmente em pé.

« Offereço-lhe o meu coração, a minha riqueza, os meus carinhos... se m'os não acceita... estamos mal... penso eu. Ora chegue-se aqui, Maricas... Uma menina bonita não deve chorar que se faz feia... Venha cá... sente-se no meu collo, que lhe quero enchugar essas lagrimas...

Maria teve um pensamento, que lhe fez dizer no fundo do seu coração: « estou salva! »

Caminhou para o duque, sem hesitação, e quando elle, com os olhos abrasados, lhe estendia os braços, a desgraçada corre a porta, que apenas estava cerrada, atravessa a cosinha, chega á janella do sagrão, e precipita-se, exclamando: « Meu Deus, perdoai-me! »

Anacleta, que ouvira o brado, vem á cosinha, e encontra o duque pallido e firme, no batente da porta do quarto, como assombrado d'um raio.

' Minha filha? — perguntou ella.

O duque apontou a janella. A mãe correu, debruçou-se, e viu-a alvejando sobre as lages negras, com a face voltada para cima, e os regos de sangue a cruzarem-se.

Que foi o que ella sentiu? Não o saberão decifrar os profundos conhecedores do coração hu-

mano. A sciencia da dor é quasi uma arte que estabelece regras nos seus juisos ; mas Anacleta era uma excepção monstruosa.

E' certo, porem, que a mal-fadada, ao levantar os olhos do cadaver de sua filha, fixou-os no ceo, perdeu a luz, e cahiu aos pés do duque.

Tornando a si, Anacleta encontrou a seu lado a velha criada, que lhe perguntou :

« Fugiu a menina?

« Pergunta-me se fugiu !.. sonharia eu ?

« Como vim encontral-a neste estado, cuidei que dera pela falta della, e desmaiara.

Anacleta olhava, como ebria para a criada. Depois, apertou a cabeça como quem precisa segurar uma idea salvadora, que quer fugir-lhe. Pegou do braço da creada, chegou á janella, mostrou-lhe a filha, e murmurou em som de infinivel terror :

« Está alli... morta... matei-a eu... Não me accuse... deixe-me fugir.. depois diga que foi sua mãe, que a matou... Venda o pouco que tem nesta casa para que lhe deem uma sepultura... Adeus.

Anacleta desappareceu Na noute desse dia, a tumba da misericordia levantava de sobre duas cadeiras um cadaver fracturado.

XVI.

Nove annos depois, Sebastião de Mello, em uma das suas excursões por paizes estranhos, entrava em

Portugal pela fronteira do norte. Por esse tempo, um estranho, na provincia de Traz-os-montes, corria perigo de ser arcabusado, apenas a voz « jacobino » fosse proferida, e um dedo apontasse a victima.

Sebastião de Mello, por desvios tortuosos, procurava ganhar as alturas do Alvão, para descer á ponte de Cavez, onde as tropas portuguezas lhe garantiam segurança.

Perdido por serras agras e intransitaveis, anouteceu-lhe no descampado d'um vasto ermo e fragas negras, de tojos e sargaços, entre os quaes se levantava uma pinha de cabanas colmadas, quasi imperceptiveis, se as colunas de fumo, açoutadas pelo vento da noute, não denunciassem que debaixo d'aquelle ceu era possivel a existencia.

A' entrada da aldea estava uma capella meio-derrocada com as sete cruzes da via-sacra em redor. Na occasião em que o perdido caminheiro ahi passava, ás Ave-Marias, chegou um vulto á porta da capella, e por tres vezes tocou tres badaladas, tirando por uma corda. Sebastião de Mello descobruise, e orou. Naquella situação a piedade fallava-lhe mais naquelles sons, perdidos na amplidão da cordilheira de montanhas, que toda a fylosofya christã dos doutores da egreja.

O passageiro parou para saber do ermitão da capellinha que terra era aquella, e quem lhe daria alli um bocado de pão, e umas palhas para o cavallo.

Viu caminhar na sua direcção o vulto, e conheceu uma mulher coberta de farrapos, que lhe perguntou:

' Quer alguma cousa, senhor, ou espera alguem? Deus lhe dê boa noite.

« Deus lhe dê as mesmas. Não espero ninguem... Queria saber como se chama este povo...

' *Viduedo*. E' uma terra muito desgraçada, não é?

« Pelo que parece... Mas não será tão desgraçada que não dê gasalhado a um passageiro que se perdeu?

' Deus permittirá que o senhor não fique na rua. Eu vou ensinar-lhe a melhor casa do povo, onde ninguem bateu que não achasse agasalho.

Sebastião de Mello, que conhecia a pronuncia das provincias, fizera reparo na correcção com que a sua andrajosa guia se exprimia.

' O senhor vai para longe? — perguntou ella, arrancando da face um espinho de silva, que lhe abrira um rego de sangue.

« Feriu-se? — disse o passageiro, curvando-se para vêl a.

' Não é nada... A gente está affeita a isto...

« Perguntou-me se ia para longe?

' E' verdade; mas arrependi-me... não faça caso da minha curiosidade... defeito de mulher velha...

« Vou para Lisboa...

' Sim? — disse a velha, escondendo o sobre-

salto — Ainda tem que andar!... E' muito longe, segundo dizem...

« Setenta e tantas leguas...

« Ora pois. Deus o leve a salvamento... A casa é esta... procure pelo senhor capitão, e terá uma noute de boa companhia... Passe muito bem, senhor.

« Espere... acceite esta lembrança da minha gratidão.

Sebastião de Mello dava-lhe algum dinheiro em prata. A mulher recusou-o com delicadeza.

« Muito agradecida... não lhe faltará occasião de o empregar melhor.. Eu não preciso...

Sebastião de Mello batia á porta do caritativo capitão de Vidueiro, quando a sua celebre conductora se sentava n'uma pedra, soluçando suffocada em gemidos.

O capitão de Vidueiro era realmente o homem, que se pintara ao cavalleiro. A sua larga porta de carro foi aberta pelo proprio capitão, que vestia um avental de saragoça atado no pescoço, e umas polainas da mesma fazenda assortoadas até á cintura. A primeira entrada do hospede foi na côrte das cavalgaduras, onde o snr capitão tinha uma egua, segundo elle, o primor das eguas, que comprara por seis moedas e um quartinho na feira do S Miguel. Accondicionado o cavallo com abundante milho e fêno, o passageiro subiu para a cosinha, onde encontrou, sentada em escabellos, a numerosa familia do snr. capitão, que tinha o praser de ver as-

sentados ao seu lar quatro avós, dous paternos, e dous maternos, o mais novo dos quaes tinha oitenta e cinco annos.

Sebastião de Mello foi acolhido com uma salva de estouros de castanha, que saltavam na ampla assadeira, pendente do caniço sobre a lavareda dos grossos tóros de carvalho.

O hospede sentou-se no melhor logar, que era ao pé do avô paterno do senhor capitão. Este velho realmente tinha no rosto sulcado o que n'aquellas terras se chama *musgo*.

« Que annos tem este seu avô? — perguntou Sebastião de Mello.

' Noventa e dous, feitos pelas bessadas, para servir.

« Como aqui são longas as vidas! — disse o passageiro, fixando attentamente as canas venerandas d'aquelle seculo.

' Pois ahi onde o vê — disse o capitão, — é rijo como as armas... Elle que lhe conte a vmc...

« A vmc.?! — atalhou o velho — dobra a lingua... tu não sabes com quem fallas... Se fosses á capital do reino como eu, terias apprendido a ser corteza...

« Senhor capitão, trate-me como amigo, e deixe fallar seu avô... Então já foi a Lisboa?

' Já, sim senhor... Ha setenta e oito annos, feitos pelo S. Miguel.

« Conte lá essa historia ca ao senhor que hade gostar,

' Pois lá vai... O fidalgo não viu ahi na porta do carro uma pedra de armas, com quatro cabras por escudo, e um tambor por timbre?

« Como entrei de noute...

' Pois eu lhe conto ... (1) Tinha eu treze annos... era assim um cachopo como aquelle meu bisneto que alli está a assar as castanhas. Andavam as guerras do senhor rei D. Pedro 2.° com o rei de Espanha. Os perros dos espanhoes tinham entrado por Chaves, e estavam ahi acampados no Val de Aguiar, d'aqui legua e meia. Eu, quando o soube, estava-me cosendo cá por dentro, e disse a meu pai, Deus lhe perdoe: — Vou fazer fugir aquelles diabos. Pozeram-se a rir de mim, e' vai eu que faço? Vou pelo *povo*, e por outro que ahi está ao fundo da serra, que se chama Povoa, e pedi as lanternas de andar de noute á rega. Ao lusco-fusco, accendi-as, e botei fora a rêz (2). Puz-lhe, com sua licença, nos galhos as lanternas, e disse ao pegureiro — anda lá p'ra diante co' esse gado. Havia cá em casa um tambor de andar c'os entremezes do entrudo, botei-o pr'o cachasso, e fui, fui, até avistar o acampamento dos perros. Apenas cheguei ao alto, começei a tocar o tambor, e as cabras a descer com as lanternas, com sua licença, nos galhos. Neste comenos, ouvimos tocar tambores e cornetas, que parecia um inferno. E eu a descer pela

(1) E' verdadeiro, e notorio este facto.

(2) Rebanho de gado lanigero.

montanha com a rêz... Não lhe digo nada... Os espanhoes não pararam senão em Chaves, e levaram tapona de crear bicho, porque foram encurralados na praça pelas tropas que vinham la de por ahi abaixo de Guimarães. Ora ahi está. Depois veio aqui um governo de chapeu de bicos, e disse-me que o snr. rei me mandava ir a Lisboa. Atirei-me p'ra rib a da minha egua, e preguei comigo no palacio real. Veio o senhor rei fallar comigo á uma cousa assim a modo de andor, onde estavam muitos figurões, que me diziam muitas cousas e tal et cetera. E vai depois, veio um governo, que ajoelhou ao snr. rei, e eu ajoelhei tambem; e elle poz-se a rir, e os outros riram-se todos. Lembrou-me se era de obrigação rir-se a gente quando o rei se ria, e eu puz-me a rir tambem, e assim me Deus salve se eu sei do que era! E vai depois, meu amiguinho, o rei metteu-me um papel nas unhas, e mandou-me ao erario, onde me deram duzentas amarellas, e me disseram que eu era fidalgo da casa real, e cavalleiro da ordem de Christo, para mim e pr'os meus descendentes, e que mandasse fazer o meu brasão pelo que vinha no dyplomba, que tenho la em cima na arca. Ora ahi está a historia... agora vamos á ceia que está na mesa.

Sebastião de Mello, maravilhado da obscura grandesa d'aquelle homem, nem por isso deixou de prestar homenagem a uma gorda gallinha, escoltada de nacos de presunto, que lhe pozeram diante. Comeu e viu comer admiravelmente. Deu gra-

ças a Deus, que eram entoadas pelo fidalgo da casa real, e ouvia fallar, por essa occasião, de sanctos e sanctas que não eram do seu conhecimento. Dadas as boas noites, e beijadas as mãos de tias, mãis, pais, avós, e visa-vós, sentaram-se á lareira, onde as raparigas do povo, com as rocas á cinta e as estrigas no avental, vinham fazer serão.

Sebastião de Mello estava pensando na velha, que tocava as Ave-Marias, quando ouviu uma badalada que fez largar o trabalho, e erguer as mãos áquella gente. Logo depois, como de um outeiro eminente, veio este pregão: [1]

« Resai um *Padre nosso* e uma *Ave-Maria* por todos aquelles que pedem á misericordia infinita o perdão dos seus crimes.

Resaram.

« Resai um *Padre nosso* pelos que morreram sem poder pedir a Deus o perdão dos seus crimes.

Momentos, depois:

« Resai um *Padre nosso* pela desgraçada penitente que não ousa pedir a Deus perdão dos seus crimes.

Deu-se um profundo silencio; e, resada a oração, disseram todos:

« Coitadinha.. és uma sancta!

' Isto é costume cá da terra? — perguntou o hospede.

---

(1) Em algumas aldeias do norte são usuaes estes pregoeiros nocturnos, que *encommendam as almas*: é a frase popular.

« Ha outo annos, é todas as noutes — respondeu a senhora Anna, digna esposa do capitão, limpando as lagrimas ao seu avental de serguilha.

« É alguma devota cá da aldeia? — disse Sebastião de Mello.

« Não, senhor. É uma penitente, que ninguem sabe d'onde veio, ha outo annos.

« Eu, quando entrei no povo, encontrei uma mulher esfarrapada tocando a sineta da capella...

« E' a mesma... é a sancta... — disseram umas poucas de vozes.

« Pois durante uns poucos de annos — disse o hospede — não tem sido possivel saber d'onde veio esta mulher?

« Não, senhor — disse a senhora Anna, fazendo zunbir o fuso, e salivando o fiado. — Esta criaturinha de Deus appareceu aqui toda esfarrapadinha, a tremer de frio, descalça, com as pernas enterradas na neve até ao joelho, que fazia mesmo doer o coração. Bateu á nossa porta, e pediu um bocadinho de broa, e uma tigela d'agua. Mandamol-a entrar, disse que não entrava; quizemos dar-lhe uma aguinha d'onto, não quiz bebel-a. Comeu o pãosinho, bebeu a agua, disse-nos muitas palavras de agradecimento, e foi-se embora. Mandei o meu João atraz della, que não fosse a criaturinha morrer estatellada em algum barranco de neve, e elle foi topal-a ajoelhada no coberto da capella, a chorar e a gemer, que o meu João veio a chorar pr'a casa, e fez-nos chorar a todos. Fui eu lá onde a

ella, e mais aquelle avô do meu João, que sabe dizer as cousas com mais aquella, pedimos e tornamos a pedir, mas não houve trazel-a pr'á fogueira. A' noute fomos lá outra vez, e ella pediu-nos uma mantinha velha, e mais nada. Dormiu no coberto da capella, que é assim a modo d'um alpendre. Pola manhan fomos a ver se ella estaria morta, e topamola a vir com a mantinha para no'l-a dar. Dissemos-lhe que viesse comer um caldinho, não quiz. Demos-lhe o bocado de broa, não o acceitou, e disse que ia bater a outra porta.

« Foi a casa d'uma pobre, que mora aqui nas costas da nosse casa, e achou-a na cama a tremer maleitas, que andavam nesse anno muito atreitas por ca. Sentou-se ao pe da mulherzinha, agasalhou-a, tratou della nas tremuras, e no fim comeu um migalho de broa, e bebeu agua. Começou a gente a têl-a por sancta, e ella dizia que era a maior peccadora, que Deus botara ao mundo. Onde houvesse um doente, ella la estava de dia a tractal-o; mas de noute vinha dormir ao alpendre da capella. Quando ao domingo, o senhor padre Januario da Povoa vinha dizer missa, a pobresinha não entrava na capella, ficava sempre cá fora no alpendre, sempre com a cara na pedra estreme. Assim que tinha o fatinho roto, que se lhe visse a carne, acceitava um, mas havia ser de serguilha, que trazia mesmo sobre a pelle de verão e de inverno. Dizia o senhor padre Januario que era uma penitente, e um frade varatojano que veio ás mis-

sões disse que era uma santa.

« Mas agora, senhor fidalgo — disse o capitão — sempre lhe vou fazer uma pergunta, que me tem dado que congeminar ca com a familia. Por que será que ella se não confessa, nem quer dizer o seu nome?

' Deus o sabe! — respondeu o passageiro, profundamente reconcentrado n'aquelle grandioso segredo.

« Ora ahi está — disse triumphantemente o cavalleiro da Ordem de Christo — é o que eu tenho dito a estes lapuzes, que querem saber tudo, que nem os homens que tem andado terras, como nós, se attrevem a dizer .. Deus o sabe... é o que é.

Finda a historia, as raparigas principiaram a entoar a ladainha de Nossa Senhora com admiravel accorde de vozes, que entristeciam e, ao mesmo tempo, suavisavam as maguas occultas de Sebastião de Mello. A' meia noite, cada qual das que vieram ao sarão, pegou no seu tanchão acceso, e despediu-se com a frase usual: « Com bem passem a noute. »

O capitão foi guiar ao quarto o hospede, e tractava de metter o gancho da candeia n'uma fisga da parede, quando Sebastião de Mello, sentado n'uma caixa, com o coração preoccupado por tudo que era mysterioso e extraordinario, disse ao capitão:

« Meu amigo, hade fazer-me um importante favor.

' Não tem mais que pedir, senhor fidalgo.

« Hade mostrar-me a capella, em cujo alpendre dorme a sancta, por que me parece que, se eu fôr sósinho, não atinarei.

' Vamos lá, meu senhor... é já.

« Tem de me fazer outro favor... Logo que me mostrar a capella, hade-me deixar sósinho com essa mulher.

' O que o fidalgo quizer.

Sahiram. Eram profundas as trevas. O vento, arrastando-se sobre a vegetação daquelle ingrato solo, soava um rugido abafado. Os morros de fragas, negrejando na escuridade, pareciam as entranhas da terra, que rebentavam n'um eterno chaos. A sineta da capella, sacudida pelos furacões, vibrava uns sons amortecidos, como as ultimas badaladas d'um dobre a finados.

O capitão, affeito áquella scena, não reparava no extasis, mixto de terror e admiração, em que Sebastião de Mello se ficava esquecido na presença do quadro pavoroso.

O lavrador mostrou a capella ao seu hospede, e retirou-se, dizendo-lhe que acharia o portão de casa aberto, quando quizesse entrar.

XVII.

Sebastião de Mello parou no limiar do coberto, e viu um vulto immovel, embrulho indecifravel, chegado á faxada da capella. Caminhou para elle. Ouviam-se apenas as areias estallarem-lhe debaixo

dos pés. A penitente dormia, com a face encostada no degrau da ermida. Mello crusou os braços, e mergulhou os olhos n'um quadro de soffrimento, novo para elle.

D'ahi a pouco, rajadas de chuva fria, fustigadas pelo norte, entravam no alpendre, e batiam na face do filho de fr. Balthasar da Encarnação. Occulto por detraz de um pillar, que sustentava um coberto, esperou, gelando-se de frio, compenetrar-se do que seria aquella pobre mulher, soffrendo assim oito annos.

Pensava, e pedia á fantasia a revellação d'aquelle mysterio, quando a penitente soltou um gemido tremulo e prolongado. A infeliz tiritava, e limpava com a manta a face, borrifada pela chuva.

' Que frio, meu Deus! — exclamou ella... Houve um quarto de hora de silencio. Adormeceria, outra vez? — perguntava-se Sebastião de Mello — Como será possivel? A dor petrificará o corpo, como a alma?

Uma segunda exclamação da mulher, sem nome, quebrou as reflexões do passageiro:

' Maria Sanctissima! quando os meus dias estiverem contados, dai-me uma agonia menos atormentada que este viver!

Esta linguagem augmentou as suspeitas de Mello, que, desde as primeiras palavras, proferidas por esta mulher, imaginara que, debaixo d'aquelles farrapos, não estava um soffrimento ordinario, e uma mulher commum.

' Senhor Deus !... — continuou, com intervalos, a penitente — Eu não me queixo. A minha alma acolhe com prazer os soffrimentos ; mas o corpo é fraco... Não vos peço, Deus de misericordia, um dia menos no meu praso de expiação ! Senhor, o que vos pede a peccadora é, á hora da morte, um signal do vosso perdão.'

A penitente, quando proferiu esta ultima oração, estava de joelhos, com os olhos cravados na lampada do altar, através do ventilador, lateral á porta. O som convulso da sua voz soava no pequeno ambito da capellinha :

' Jesus crucificado, não me deixeis morrer sem que eu ouça o perdão de minha filha, do meu anjo, da minha victima, da minha desgraçada filha...'

Suffocaram-na os soluços, que pareciam os gritos surdos d'uma garganta, comprimida pela violencia da asfixia. Sebastião de Melló, com toda a sua valentia moral, sentia medo, este medo supersticioso, que as almas pequenas nunca sentiram, e que nos povoa a escuridão de fantasmas.

A penitente continuou :

' Se eu fiz mais victimas, Senhor... se não pesam sobre a minha alma tres cadaveres sómente... se as minhas duas filhas, que deixei no mundo, ganham o pão com a deshonra, fazei que eu reconheça o seu infortunio, por que é preciso que sobre a minha cabeça caia mais sangue !... Mandai, meu Deus, mandai uma voz, que

me diga o numero de victimas que amaldiçoaram o seu algoz...

« Não sou a voz enviada de Deus ; mas posso dizer-lhe , senhora , que a minha voz nunca blasfemou contra a misericordia divina ! » — disse Sebastião de Mello, caminhando um passa para ella. A penitente levantou-se de um salto , como accordando d'um sonho. Fitava no homem que tinha diante de si o olhar espavorido da demencia; recuava , com os braços em postura de quem affasta um espectro; parecia querer fugir-lhe , quando o passageiro, appressando-se em impedir-lhe a sahida do alpendre, lhe tomou a mão :

« Repare que sou um homem , senhora. Não se aterre, que eu não venho perturbar o segredo das suas tribulações para amargurar-lh'as mais do que ellas são. Não conhece o cavalleiro que, ha poucas horas , conduziu a casa do capitão ? Ja vê que sou um homem...

' Conhece-me ? — perguntou ella , retirando a mão da de Sebastião de Mello.

« Não a conheço melhor que esta pobre gente que a vê soffrer... Não poderei dar-lhe mais doces consolações do que esta gente lhe dá... Mas eu tenho o que elles não tem... um coração experimentado de amarguras proprias , e uma intelligencia apurada pela dor, capaz de conceber as alheias.

' Diga-me, senhor ! — disse ella , lançando-se-lhe aos pés — diga-me... foi Deus que o mandou

aqui ?.. foi um acaso que o trouxe a esta terra ignorada de todo o mundo, ou foi um toque divino que o encaminhou para estes sitios?

« Os designios de Deus operam-se por meios occultos. Não tive nunca tenção de aqui vir; e, com tudo, acho-me aqui, no momento em que uma desgraçada pedia a Deus uma voz, que lhe revelasse...

' Pois sabe?.. sabe o que eu pedia a Deus? pode responder-me, senhor!?

« Não posso, mas quem sabe se poderei em breves dias?.. quem sabe se poderei ja neste momento? Como poderei eu, sem a inspiração do ceo, conhecer a infeliz que me occulta a sua vida?

' A minha vida! — exclamou ella, — A minha vida!... pode ella contar-se?... Não... ninguem m'a ouviria, sem sacudir os factos mauchados do sangue que escorre gota a gota dos meus... Oh senhor!.. vá... vá... fuja desta mulher... se alguem me ouvir... se essa gente, que me dá um bocadinho de pão, soubesse quem eu sou... apedrejava-me... Contar a minha vida!.. Para que?... A Deus, sim... Só a elle... E conto-lh'a todos os dias, porque é preciso que eu me vá despedaçando com as recordações sempre vivas dos meus crimes.

« Senhora! Em nome de Deus que nos ouve, em nome de Deus que a escuta todas as horas, abra o seu coração a um homem, que pode fazer lhe algum serviço neste mundo... Ajoelhe outra vez na-

quelle degrau... E' impossivel que Deus a não ouça... eu orarei tambem... peça-lhe que lhe dê um toque no coração, se eu devo ouvil-a ; eu pedirei que me gele na alma o fervor com que vou pedir-lhe, se não sou digno da sua confiança , pobre senhora.

' Eu ouvida de Deus !.. eu que não me attrevo a passar desse degrau com medo de attrahir o raio da vingança entre os innocentes, que me chamam sancta !..

Em quanto ella cahia de joelhos, exclamando surdamente estas palavras, Sebastião de Mello, tocado pela faisca do enthusiasmo religioso, tinha ajoelhado. Ao levantar-se, viu a traz de si a penitente com as mãos erguidas, n'um extasis, que augmentou o terror religioso do futuro ministro do altar.

' Sois um homem bom, senhor !.. — disse ella levantando-se, e tomando-lhe a mão. — Não tive, não devia esperal-o, nenhum toque no coração; mas de repente vejo-me attrahida para um homem, cujas feições mal vi ainda... E' impossivel que não sejaes um justo...

« Não sou... Se o fosse, teria adivinhado que nestes ermos existia uma infeliz ignorada de todos os que vivem, como eu, no tumulto das paixões mundanas... Sinto-a tremer... cubra esta capa.

' Não aceito, senhor. Tenha cuidado da minha alma, que o corpo não me doe.

« Falle... Que é o que a prende ao mundo ?

' A punição...

« Tem crimes...

' Immensos.

« Perseguem-na...

' Os espetros das minhas victimas... São muitos...

« Matou...

' Matei...

« Com desgostos, talvez, involuntariamente...

' Com veneno, com a cumplicidade, com a deshonra...

« Basta... Eu não sou confessor... Os que morreram estão na presença do Juiz; mas se o sangue cahe sobre os que ficaram, procuremos salval-os. Ouvi-lhe dizer que deixara no mundo...

' Duas filhas...

« Onde?

' Em Lisboa...

« Lisboa!?..

Sim.... conhece-me... já sabe a amaldiçoada que tem diante dos seus olhos?

« Não posso responder-lhe já... — disse Sebastião de Mello, limpando da testa gellada um suor callido — O seu nome?

' Que importa o meu nome?... Sou a condemnada!..

« O seu nome, senhora!..

' Se me conhece, não precisa que eu lh'o diga... criminosa como eu, sou eu só... se me não conhece não importa que o não saiba...

« Ouça... eu vivo ha annos, em Lisboa...

' Ha nove annos?

« Ha doze...

' Conhece-me, não é assim ?

« Não sei... Ouvi fallar d'uma fatalidade...

' Qual ?

« Conheci um homem chamado Theotonio de Mascarenhas...

A penitente soltou um grito, correu para Sebastião de Mello, com impetuosa vehemencia, e levou-lhe a mão á bocca.

' Não pronuncie esse nome, que me mata, por piedade... Oh senhor ! Se me conhece, tenha compaixão de mim...

« Conheço-a, senhora... Sei a sua vida... foi estrondosa de mais, para que o ruido dos seus infortunios não chegasse aos ouvidos d'um homem, que estuda a sociedade no mais asqueroso das suas pustulas... Conheço-a... Anacleta...

A infeliz deixou cahir os braços e a cabeça. Não havia naquella machina de dores, já combalida, forças para a exaltação. O instante mais atormentado da sua penitencia foi decerto aquelle. Depois de nove annos era aquella a primeira voz humana, que lhe dizia « as tuas infamias não as esqueceu a sociedade »

« Anacleta — continuou Sebastião de Mello tomando-lhe as mãos — seria Deus que me enviou aqui ?.. Pronunciei-lhe um nome que a encheu de medo... Olhe.. se eu tivesse uma vida immaculada,

podesse julgar-me illuminado no que se passa sobre os juisos humanos, dir-lhe-hia que Theotonio de Mascarenhas já lhe perdoou...

' E minha filha ? — gritou ella , cahindo de joelhos aos pés do desconhecido, que lhe apontava os crimes.

« Sua filha foi um anjo na vida... é um anjo na presença de Deus, e ao pé de Deus não ha odios nem vinganças.

' Mas eu matei-a...

« Vendeu-a...

' Que infamia, meu Deus !

« Ha tres annos, que morreu um duque, que, á, hora da morte , pedia que lhe affastassem de entre os damascos do seu leito a face ensanguentada d'uma infeliz menina que elle fizera precipitar, d'uma janella, fugindo á deshonra.

' Tudo se soube, justo Deus !

« Tudo... A mãe dessa infeliz foi procurada nas margens do Tejo... A populaça de Lisboa queria conhecer a mãe que lançara sua filha a um saguão...

' E fui eu , misericordia divina, fui eu que a matei !... E amaldiçoavam-me todos, não é assim ?

« Todos, não. Alguem escreveu as paginas da vida dessa *desgraçada* e não lhe dava senão este nome...

« Poupe-me, senhor, por compaixão... Sem que eu lh'o pergunte , diga-me tudo o que sabe da minha vida...

« Anacleta tinha duas filhas ..

' Sim... sim... duas filhas... N'um collegio.

« Emilia casou com um pobre mestre de musica, cujas lições ella ajudava no collegio. Vivia com muita honra, e muita pobresa. Lamentava sua irmã; mas não ousava polluir-se com nodoas, que sua irmã, involuntariamente, recebera na sua reputação...

' Pobre Emilia !.. coitadinha ! A minha filha, pobre...e tão rica tinha nascido... Outra victima, Deus inexoravel !..

« Não blasfeme, Anacleta. .

' Perdão, perdão, Senhor !..

E cahiu com as faces sobre a lagem, murmurando : E Antonia ?..

« Antonia, quatro annos depois, que sua mãe desapparecera, forçada por uma paixão invencivel, entregou-se a um homem, que mudou de nome e desfigurou a sua posição social, para, a titulo de casamento, a arrebatar dos braços da honra e do trabalho... Esse homem era um general, chamava-se Gervasio Faria, foi fuzilado ha um anno, não sei o que é feito d'ella...

' Desgraçada filha... Outra victima, meu Deus.. não ha perdão para mim !...

« Levante-se, Anacleta... Quer seguir os passos que, neste mundo, caminha o anjo invisivel da punição? Duas meninas pobres, a mãe prostituida aos que passavam, uma virgem com a face partida n'uma pedra... tudo isto foi feito por um homem

que roubava a uma amante o dinheiro que ella roubara ao pai de suas filhas, matando-o. Mas Deus serviu-se do instrumento, e quebrou-o, depois. Azarias sahira de Lisboa, com o ouro da fraca mulher, que devia ser punida. Vogou tres dias com feliz jornada para um remoto clima. Ao quarto, uma tempestade atirou com o hiate para mares desconhecidos. Ao quinto dia, o ouro roubado estava no fundo do abysmo, e trinta vidas assoldadadas a esse ouro. Ao sexto, brincavam as ondas com uma pequena lancha em que se viram primeiro tres vultos, e, ao setimo dia, dous. Ao oitavo dia de viagem, essa lancha partia-se entre uns rochedos. Sahiram dous homens com um cadaver. Um dos homens cahiu desfallecido em terra e nunca mais se levantou. Azarias encontraram-no nas praias de Tanger, cavando com as unhas um fosso para sepultar uma menina, que roubara de casa de seu pai, que morreu dous mezes depois.

' Oh justiça de Deus! .. E elle?

« Não sei... Quando ia ferir-se com um punhal, cahiu-lhe o ferro das mãos, ajoelhou, e pediu ao Deus de Moysés, que é o Deus de todo o mundo, que o punisse. Se o visse, Anacleta, perdoava-lhe?

' Oh! sim, sim, perdoava!...

« Essa resposta exprime o estado da sua alma! Mulher... é impossivel que Deus lhe não tenha perdoado... Diga-me... Qual é o seu futuro?

' Isto, que vê... estou ajoelhada sobre a minha sepultura...

« Em toda a parte está Deus, para abençoar a morte, que lava as iniquidades da vida... Vê-nha para Lisboa... dar-lhe-hei um quarto e um crucifixo, e um leito onde morra...

' Nunca, sem que a voz de Deus me mande.

« Não posso fazer nada em seu beneficio

' Fez tudo o que podia...

« Nada, absolutamente nada?

' Muito ainda... Venha comigo... Ajoelhe aqui... Faça um juramento... Diga... Nunca direi a pessoa alguma do mundo, em quanto Anacleta fôr viva, que vi esta mulher. Depois de morta, dil-o-hei, para que o mundo pérdoe á sua memoria.

Sebastião de Mello jurou.

' Agora... deixe-me... preciso chorar... Vá... diga a todo o mundo que peça a Deus pela maior das peccadoras... Vai para Lisboa?

« Vou.

' E' rico?

« Tenho para valer a pobres...

' Se encontrar minhas filhas com fome dê-lhe um bocado de pão... o bocado que me daria a mim se lh'o pedisse... Adeus

A ultima palavra disse-a com os olhos já cravados na imagem do Christo, cuja lampada ia apagar-se.

Sebastião de Mello, como alheado de si, fabricitante, e extenuado, retirou machinalmente,

D'alli, a um tiro de bala, viu um vulto. Era o capitão de Viduedo.

« Homem — disse elle — eu estive á espera duas horas, e quando vi que não vinha, lembrou-me se lhe acontecera alguma desgraça. Os lobos ainda hontem foram á córte da tia Theresa do Quinchoso, e comeram-lhe, salvo seja, tres cabras. Estava a ver se os lobos teriam dado co' fidalgo. Tirei-me dos meus cuidados, peguei na cassadeira, e vim por ahi fora. Quando aqui cheguei, ouvi um zum-zum, e logo me pareceu que o fidalgo estava a fallar com a sancta...

' Ouviu o que dissemos?

« Nem palavra... eu cá não sou desses homens... Então é sancta ou não é?

' Deus o sabe.

« É o que diz o meu avô... Quem tem andado terras, é uma cousa bem ao invez da gente do mato.

' Que horas são, senhor capitão?

« O sete estrello vai alto... Isto, por mais que me digam, vai lá p'rás quatro horas. Agora toca a dormir... e com bem passe a noute, fidalgo. O cavallo está a comer, até dizer *basta*.

Sebastião de Mello não cerrou olhos.

Tomára chá em casa de D. Anacleta na época da sua opulencia, fallara-lhe em virtude em casa da meretriz na rua da Rosa das Pastilhas, deralhe mysteriosamente uma mesada com que mataria a fome a duas familias numerosas, encontrara

a penitente, finalmente, debaixo do alpendre da ermida de Viduedo. Que tres reflexos da mesma imagem! Que tumulto de sensações para uma imaginação apaixonada! . . . . . .

. . . . . .

Devia ter nascido o sol, quando o hospede se despediu do fidalgo de Viduedo, que tão sollicito gasalhado lhe dera; mas o ceu estava negro, as fragas coroavam-se de castellos de nuvens, que pareciam, impellidas pelo vento, rodarem na esplanada, e despenharem-se nos abysmos.

Sebastião de Mello levava comsigo um pratico com quem se entretinha fallando na sancta, e nos milagres que já lhe eram attribuidos. A um quarto de legua de Viduedo, na descida dos precipicios que prendem as pictorescas varseas da ribeira aos alcantis d'aquelles cerros amaldiçoados, o pratico parou, e exclamou com grande pasmo e devoção:

‘ Ella lá está!

« Quem?

‘ A sancta.

« Onde?

‘ Olhe aqui neste direito, por entre estes dous cabeços de fragas; não vê lá no alto um choupêlo assim a modo d'uma touça, e um calhau mais alto?

« Não vejo.

‘ É por que a nevoa se prantou adiante... Deixe-a passar... Olhe, lá está, não a vê acenar-lhe com o avental?

« Vejo...

Sebastião de Mello, com os olhos cheios de lagrimas, parado n'um angustioso extasis, dizia lhe adeus com a mão. Os cabellos da infeliz voavam sacudidos pelo vento. O passageiro acenou-lhe que viesse ao caminho; e ella, immovel como a fraga que tinha debaixo dos pés, parecia petrificada. Mello, concebendo a vontade de Anacleta, seguiu o seu caminho. Ao voltar d'uma encosta, em que a perdia de vista, olhou, pela derradeira vez, e lá a viu agitando o seu avental. Era o ultimo adeus.

O pratico não ouviu uma palavra mais do cavalleiro.

XVIII.

Sebastião de Mello, com as supplicas da penitente nos ouvidos e no coração, aligeirou quanto pôde a sua chegada a Lisboa.

Tres annos antes, abandonara Portugal. Nessa época, as filhas de D. Anacleta, geralmente reconhecidas como filhas de D. Theotonio de Mascarenhas, viviam, como elle o dissera á lastimavel mãe, uma casada e pobre, a outra com desbonra, mas opulenta. Assim o acreditavam aquelles que não duvidam receber todos os escandalos como factos consummados, mas não prescindem de se fazerem escutar nas suas observações moralisadoras ácerca de cada escandalo.

Mello sabia a morada de uma e outra. Procurou Emilia, a titulo de encommendar a seu marido cópias de musica para flauta. Encontrou-a sósinha,

e converteu facilmente a conversação no verdadeiro motivo que o levara alli.

« E' lucrativa a arte de seu marido?

' Não, senhor; mas a felicidade não a dá o dinheiro. Vivemos remediadamente. Se não tivessemos outros motivos de apoquentação, eramos felizes na nossa pobresa. Meu marido tem algumas discipulas de piano, eu ensino em casa algumas prendas que me ensinaram n'um collegio onde fui educada, e nas horas livres, para entreter, fabrico hostias, que vendo para os Paulistas.

« E, comtudo, não é feliz...

' Quem o será, meu senhor?!... Ha cousas de familia, que são mais afflictivas que a miseria, e a fome ..

« Não se arrependa dessas pequenas revelações, se receia que eu as tome em sentido diverso do que ellas são... Eu sei os seus desgostos.

' Bem póde ser .. mas eu não conheço v. s.ª, ou estarei esquecida...

« Decerto, me não conhece... supposto que alguma vez nos encontramos...

' Onde?

« Em casa da sua mãi...

' Oh meu Deus!... cuidei que ninguem se lembrava já da desgraçada mulher!...

« Tantos annos ha que isto foi!... A senhora D. Emilia teria então quinze annos... Foi ha dez... Sua mana Antonia era uma menina, que parecia ter pouca vida para este mundo...

‘ Infeliz!... Oxalá tivesse então morrido!... Viu-nos, depois, desse tempo?

« Raras vezes... Sua mana conheci-a bem perto desta casa... quasi sua visinha...

‘ E' verdade... Não sei que fatalidade a trouxe para ao pé de nós... Era n'aquella casa de tres andares... Viveu alli tres annos; mas nem ella nos viu, nem nós a vimos a ella...

« Já lá não vive?

‘ Não, senhor. Ha um anno que começou a punição da desgraçada...

« Sei o que quer dizer... O homem que a tirou do collegio foi fuzilado...

‘ Deus se compadeça da sua alma...

« E sua mana?

‘ No dia seguinte á morte desse homem, o senhorio da casa recebeu as chaves, e ordem de vender todos os objectos que se achassem dentro, e applicar a importancia em missas por alma do infeliz·

« E ella que destino tomou?

« Não sei, senhor. Meu marido cansou-se em procurar; mas, n'uma terra destas, vão lá saber onde se escondeu uma mulher obscura, por cuja falta ninguem dá!

‘ Tem razão... Já vejo que não ha meio nenhum de saber...

‘ Onde ella está? De certo, nenhum... Deus sabe se ella teve o fim da desgraçada mãe...

« Que fim teve a mãi?

' Dizem que se afogára...

« Deus permittiria que sua mana não commettesse o impio crime do suicidio... Quem vende o que possue para remir as penas eternas do seu amante, decerto se não mata. A religião tem consolações para todas as amarguras... Ora diga-me, não conhece criado ou criada que servisse sua mana, ou pessoa que a visitasse, em fim... alguem que vivesse em mais contacto com ella...

' Ninguem... Já disse a v. s.ª, que entre mim e minha irmã, desde o momento em que ella deixou o collegio, nunca mais existiu o menor parentesco, nem a mais ligeira relação.

« Parece-me que a senhora D. Emilia foi demasiado severa com sua irmã....

' Fui, e desta soberba tenho pedido perdão a Deus. Mas, senhor, a mulher casada é escrava de seu marido. Meu marido prohibiu-me, e eu pensei que seria maior peccado a desobediencia a meu marido...

« Deus é que nos julga... Desculpe-me estas impertinentes perguntas. Aqui ficam as musicas que quero copiadas, e a paga... Supponho eu que será pouco mais ou menos. isto

E deixava um rolo de papeis, com um cartuxo de dinheiro, que D Emilia abriu. Eram cincoenta peças, que a deixaram trôpega, fysica e moralmente, até que seu marido, por não ter mais hypotheses a estabelecer, concluiu que se tractava de alguma restituição. Nas suas mil conjecturas, o

honrado mestre de solfa, imaginou que aquelle desconhecido era o judeu Azarias Pereira.

Sebastião de Mello, apesar da sua vontade de ferro e dos seus vastos recursos, descoroçoara, vendo inuteis quantas diligencias empregou para encontrar Antonia. Vivia mortificado. A commissão da penitente de Viduedo não podia ser cumprida. Cada manhã, levantava-se com um novo plano de syndicancia, e via cahir a noite como um véu cada vez mais espesso, sobre o segredo impenetravel.

Um dia, appresentara-se Sebastião de Mello em casa do intendente geral da policia, perguntando-lhe se seria possivel, por meio de indagações, alcançar esclarecimentos sobre a existencia d'uma mulher que, um anno antes, desapparecera, sem deixar vestigios do seu destino.

« Morreria. Disse o intendente, mettendo na boca, desenfadadamente, um rebuçado.

« E' possivel; mas deve existir em alguma parochia o assento do obito.

« Pois bem: nesse caso dirija-se ao vigario geral, ou quem quer que é.

« Mas se não existir o assento?

« Então, não morreu.

« Pode ter morrido...

« Não sei como...

« Suicidando-se.

« Ah! é verdade! — disse o imbecil magistrado, com o regosijo de quem assistiu á resolução d'

um difficil problema — Nesse caso, se se suicidou quem tiver devoção, rese-lhe por alma.

' E' justo; mas se podessemos obter a certeza do suicidio, ou pelo menos a probabilidade...

« Essa mulher era pessoa de bem?

' Não comprehendo bem a pergunta...

« Se era senhora de nascimento...

' Quer dizer... fidalga?

« Sim, pessoa illustre...

' Era filha de um dos Mascarenhas...

« Dos Mascarenhas? De D. Theotonio, que morreu ha cousa de doze annos.

' Justamente.

« Essa pessoa posso-lhe eu dizer que não morreu.

' Deveras, senhor?!

« Deveras, pois eu estava agora aqui a zombar de v. s.ª?!.

' Onde vive?

« Não sei... Eu lhe conto a rasão porque lhe posso affiançar que essa senhora é viva, e ou pelo menos era-o, ha dous mezes, quando muito... Um dia appareceu-me aqui uma mulher, gritando como uma indiabrada contra os malvados, que lhe tinham roubado a sua menina. Mandei-a callar, com pena de prisão; e a mulher, mais socegada, explicou do seguinte modo a gritaria com que me atordoou. Disse que era a ama de leite que creara uma menina, filha do general Gervasio Faria; e de uma senhora, amante deste desventurado já-

cobino. Que o pai tinha perfilhado esta menina, na vespora de ser arcabuzado, e que uns homens encapotados, naturalmente para obstarem a que a creança succedesse na herança do pai, lh'a tinham roubado para a matarem. Com estes esclarecimentos assim vagos, eu nada podia fazer. Tomei o nome da mulher e a morada...

' Conserva esse apontamento?

« Conservo... eil-o aqui no livro: *Roza de Jesus*, *Praça das Flores*, *n.°* 10.

' Queira v. exc.ª continuar.

« Tomei o nome da mãe. Quiz saber a morada; mas a mulher não m'a disse. Eu como não podia obrigal-a, deixei-a. Inqueri testemunhas. Todas disseram que tinham visto entrar, ao escurecer, uns incapotados em caza da tal Roza, que ouviram uma menina gritar, que a ouviram a ella pedir soccorro. Mas tudo isto, supposto fizesse prova, não era prova contra ninguem. Eis-aqui o que posso dizer-lhe a tal respeito, e desculpe-me se o despeço que estou aqui occupadissimo com certas denuncias a respeito d'um tal Roberto Fajardo, *Malas-artes* por alcunha, que dizem ter escripto uma satira em verso contra a viscondessa de Jerumina, personagem muito querida de s. exc.ª o general Beresford.

Sebastião de Mello, grato á despedida, correu com o coração em saltos de alegria a casa de Roza de Jesus. Felizmente, era tudo verdade. A conservada ama contou minuciosamente a historia do

roubo. Acabou por implorar o valimento do desconhecido a favor d'ella, e da inconsolavel mãe.

« Deve viver muito amargurada essa infeliz menina !.. — disse Mello.

' Ai, senhor ! Conheceu-a ?

« Conheci.

' Pois, se a vir, não a conhece. E' mesmo uma cousa de fazer chorar as pedras. Tem a pelle pegada aos ossos, e começam-lhe as brancas a apparecer. Cahiu-lhe quasi todo o cabello, e sumiram-se-lhe as maçans do rosto. Que pena ella faz, minha querida senhora !

« De que vive ?

« Trabalha; pouco lhe basta para viver. Faz camizas de homem, e engoma. Sou eu que lhe arranjo as encommendas, por que ninguem deste mundo, a não ser eu, sobe as suas escadas para cima.

« Ninguem ?

' Esta luz me falte, se eu minto, senhor. Oxalá que ella se não matasse assim, sem querer remedio, nem consolações. Acho-a a chorar, e a chorar a deixo. Desde que me roubaram a menina, que eu lhe levava todos os dias, desde que o malvado inglez lhe mandou matar o pai, desde então a pobresinha está a encher dias. Qualquer dia, vou encontral-a morta...

« Se vmc. lhe dissesse que ha um homem que lhe promette procurar a filha viva ou morta, pare-

ce-lhe que ella se deixaria visitar por esse homem?

' Eu sei, senhor!. Ella já não tem esperanças nenhumas, nem eu, a fallar-lhe a verdade. E essa pessoa, que me diz, tem alguma certeza de encontrar a nossa menina?

« Certesa, não; mas tem vontade, e força, e dinheiro. Vencerá todas as difficuldades. Será capaz de arrancal-a dos braços d'um gigante, se ella estiver viva; e, se estiver morta, punirá os assassinos.

' Pois então, deixe-me fallar com ella primeiro.

« Quando?

' Hoje mesmo; d'aqui vou lá direita; á noite venha v. s.ª aqui, e achará a resposta.

« Até á noite.

Rosa de Jesus, quando tomava de sobre o toucador uma chave, viu dinheiro em ouro. A surpresa foi agradavel, e maravilhosa. Era mais um argumento que levava para reforçar a sua eloquencia.

Sebastião de Mello, em quanto Rosa saboreava a impressão, chamava um gaiato, que corria atraz d'um cavalleiro, e entrava com elle n'uma porta.

« Espera... Vês aquella mulher de capote côr de pinhão e lenço branco?

' Sim, meu fidalgo.

« Segue-a... e vê onde ella entra... Sabes lêr?

' Os letreiros das ruas, e o numero das portas, sei, fidalgo.

« Toma de cór a casa onde a vires entrar, e vem n'um pulo dizer-m'o á hospedaria Peninsular, rua do Arsenal, n.° 40.

' Bem sei, meu senhor.

Meia hora depois, chegava o gaiato.

« Viste?

' Entrou na rua do Carvalho, no bairro alto, n.° 87. Abriu a porta...

« Abriu a porta?!.. Tu enganas-te, ou me enganas.

' Raios me partam, cego eu seja dos olhos ambos, e nada me corra direito, se isto não é verdade. Eu puz-me á sucapa dentro do portal do conde de Ficalho. A mulher chegou, e abriu a porta da rua, fechou-a logo que se engazofilou, e eu fui vêr o numero, e puz-me na pireza...

« Estás bem certo que era na rua do Carvalho, n.° 87?

' Mesmo defronte do quintal do conde de Ficalho, á sua mão direita, indo para cima.

O gaiato sahiu contentissimo da commissão.

Sebastião de Mello entrou n'uma sege, e parou a pequena distancia da praça das Flores. Foi á porta n.° 10, e estava fechada. Com pouca espera, chegou a senhora Rosa de Jesus, entrou, e após ella o generoso remunerador do seu trabalho.

' Venho triste, meu senhor! Nada fiz...

« Por que?

' Diz que em sua casa só entrará o padre que lhe levar a extrema-uncção.

« Pois não ha nada que a mova? Nem a esperança de encontrar sua filha?

' Chorou muito quando lhe disse isso, e respondeu-me: « Os meus inimigos mataram a filha... e querem matar a mãe... » Teimei; disse-lhe que v. exc.ª me deixara uma peça sobre a commoda, e quando lh'o disse, então é que ella ficou de pedra e cal a dizer que não. « Os meus inimigos são ricos... Eu se tivesse algum amigo, seria pobre como eu. » Foi o que ella, por fim de eu batalhar quanto pude, me respondeu.

« E vm.ce não está resolvida a descobrir-me o segredo da residencia dessa senhora?

' Sou pobre; quando v. exc.ª me deixou, ha bocadinho, este dinheiro, eu não tinha um tostão para a cea; mas pode dar-me a riquesa do Quintella que eu não sou capaz de lhe dizer onde mora a mãe da minha querida menina. Se quer o seu dinheiro, tome-o lá outra vez.

« Não quero, mulher. Folgo de a vêr assim honrada. E, para que vm.ce conheça o valor que eu dou ao seu procedimento, receba esta pequena lembrança d'um homem, que quiz tentar a sua fidelidade, mas com a intenção de ser util á sua desgraçada ama.

Rosa via-se senhora d'um capital, que nunca reunira em suas mãos. Durante a noite, em que não pôde serenar o sangue, e cerrar os olhos, fan-

tasiou tudo que podia fazer-se com vinte moedas, e acabou por planisar uma lojinha de capella com estanco, da qual, sem Antonia saber, tiraria meios para suavisar-lhe o trabalho de costureira obscura, sempre mal pago.

Sebastião de Mello entrava na rua do Carvalho, alta noite, e batia a uma porta fronteira ao muro do quintal do conde de Ficalho.

' Quem é? — perguntou uma voz d'um terceiro andar.

« Aqui é que mora o senhor André Teixeira?

' Nada, não é.

« Pois o numero desta casa não é 87?

' Não O numero desta casa é 89.

Astuciosa maneira de decifrar numeros de portas, em plenas trevas.

« Muito obrigado.

' Mas no n.° 87 — disse a mesma voz — não mora nenhum André.

« Penso que mora — disse Mello, ancioso por terminar o dealogo — Veio esta noite para cá... Boas noites.

' Só se fôr isso... Até aqui vinha uma mulher de capote e lenço, abria, fechava a porta, e sahia logo.

« Boas noites, muito obrigado.

A maldita curiosidade, apesar do frio, conteve na janella a informadora importuna do improvisado André. Sebastião de Mello, receoso de que a sua paragem silenciosa áquella porta, fosse suspeita, re-

tirou-se, e voltou, quando a janella do n.º 89 se fechou, com grande pezar e desconfiança da dona da casa.

Bem cingido com a porta, Mello demorou-se alguns minutos insculpindo em pasta de cera o orificio da fechadura. Passou depois para defronte, e fixou os olhos no unico andar d'aquella casa.

Deu meia noite. Á meia hora que o encapotado, preso nem elle sabia a que pensamentos vagos, se achava ahi, esperando nem elle sabia o que.

Minutos depois, viu uma como scintilla de luz por entre a juntura das portadas interiores da janella de peitoril. O seu coração estremeceu. E' que todas as commoções que então lhe agitavam a alma com um excesso de vida, estavam presas, eram a continuação d'aquella noite da ermida de Viduedo. N'aquella casa estava a filha da penitente, cheia de poesia funebre, poesia que sua irmã não tinha, porque vivia uma vida trivial, um mixto de miserias e gosos, como o resto do genero humano. N'aquella pobre casa estava uma mulher de vinte e cinco annos, symbolo de desgraças reconditas, e, a setenta leguas, com as faces n'uma pedra, e os membros açoutados pela neve, áquellas horas, a mãe dessa mulher pedia a Deus que a não deixasse expirar sem beber, convertidas em fel, as lagrimas de deshonra, que uma de suas victimas derramava.

Soara uma hora. A faisca de luz desapparecera; e pouco depois aquella janella foi aberta. No canto escuro em que se escondera, Sebastião de

Mello não podia ser visto, e devisava um vulto em pé, e ouvia uns sons de quem aspira um sorvo de ar. Pareciam suspiros mal reprimidos, ou soluços de quem procura delil-os em lagrimas.

Mello sentia-se febrilmente excitado. As mais fortes organisações tem debilidades infantis. O confidente de Anaclela não podia sustar os impetos que o animavam a dirigir áquella mulher uma palavra. A luz brilhou em todo o seu fulgor, um momento, por uma fenda aberta nas nuvens. Mello viu a face daquella mulher como á luz d'um relampago. Era um alabastro dos tumulos, a cabeça d'um anjo, procurando no ceu uma alma. O coração e a genio affrontaram-lhe o temor. Um novo clarão do lua, mostrou Antonia com as mãos erguidas. Mello, sem mover-se, murmurou em voz que denunciava commoção e lagrimas:

« Antonia! essas orações são ouvidas no ceu.

' Oh meu Deus! — balbuciou a filha de D. Theotonio, recuando, como para fechar a janella.

Mello pressentiu, pelo coração, este movimento, e disse:

« Não fuja, senhora! A desgraça é timida, mas Deus não quer que desprezemos a voz amiga, que nos manda orar. Antonia!

' Não conheço a voz, que me chama — disse ella a tremer, sentindo-se presa por forças superiores áquella janella.

« Se a não conhece, escute a que é a voz d'um amigo... Fallava com sua filha?

' Sim, sim, com minha filha... Morreu?

« Ha um homem que pede a Deus a força, a energia, e o poder do milagre para entregar viva ou morta essa filha a sua mãe.

' Senhor, quem quer que seja, eu regarei os seus pés com lagrimas de gratidão.

« Mas esse homem tem mais deveres a cumprir, Antonia.

' E' meu parente, ou amigo, senhor?

« Amigo...

' Conheço-o?

« Poderia conhecer-me. Já uma vez lhe disse, no salão de sua mãe: « A sua vida é triste como o pressentimento de morte proxima. »

' Ah!... nunca me esqueceram essas palavras... Lembra-me quem m'as disse... Era um cavalheiro muito pallido, que nunca mais tornei a vêr... E essa pessoa.. é...

« Sou eu, Antonia. Se me vir á luz do dia, talvez me não conheça; mas sou eu.

' Mas esse sugeito, nessa mesma noite, deu-me...

« Uma rosa branca... e disse-lhe... « é como o coração da mulher triste, quando a rodeiam as alegrias das almas superficiaes. Esta flor vivia mais no seu pobre jardim. A mulher de coração, fechada entre as quatro paredes do seu quarto, sentiria praseres, que não são como estes que se mascaram nos salões. »

' Sim, sim, foram essas palavras! Oh senhor,

que espirito o conduz aqui, depois de dez annos?

« O espirito de sua mãe.

' De minha mãe... Por Deus, que me faz tremer de medo!.. Senhor, eu sou fraca, e estou sosinha... Não me diga que minha mãe veio a este mundo fallar na desgraçada filha de Theotonio de Mascarenhas...

« Comprehendo a idea que prendeu ao nome de seu pai, Antonia... Se quiz ferir a memoria de sua mãe, pessa-lhe perdão.

' Não quiz... não... pela minha salvação... não quiz... Eu tremo... Não poderei ouvil-o... muito tempo...

« Recolha-se, Antonia. A's dez horas da manhã, eide encontrar aberta para mim esta porta fechada para todos. Se a encontrar fechada, abrila-hei. Um homem, encarregado d'uma commissão, que prende os mortos aos vivos, vence todas as resistencias... Antonia, ouviu-me?

' Ouvi... mas é impossivel... So ao meio dia, é que a minha porta se abre... eu não tenho a chave...

« Até ás dez horas.

Foram as ultimas palavras. Fascinada pela soberania do homem, pelas remeniscencias daquelle typo que se lhe gravara no espirito, e pelo terror imperioso, com que a mandava obedecer, Antonia não sabia, nem podia resistir. A noute passou-a n'um tremulo de susto A cada ruido, escondia a cabeça, para não ver, ou para ver mais pronunciado

o fantasma de sua mãe. Orou muito, porque o medo secca as lagrimas Anciou a luz da manhã, e sentiu-se tanto mais apertada da alma, quanto as dez horas se approximavam.

Ao romper do dia, Sebastião de Mello entrava na fabrica de um serralheiro, e esperava que se lhe fizesse uma chave pelo molde aberto em cera.

A's dez horas em ponto, abria a porta n.º 87, subia, e encontrava uma senhora, que tremia, abrindo a porta da unica sallela.

« Conhece nestas feições algum traço do antigo homem? — perguntou Mello, sorrindo.

' Quasi... todas... — disse Antonia, violentando as palavras, que lhe não passavam do seio arfejante.

« Então... enganei-me... Ainda bem, que não pode duvidar da pessoa. Passou uma triste noute, não é assim?

' Devia passal-a...

« Será a ultima das mais tristes da sua vida.

' A ultima!... Se Deus o permitisse...

« Crê em Deus?

' Oh!.. que muito mais desgraçada eu seria, se não acreditasse!..

« Crê na virtude?

' Meu Deus!..

« Porque chora, Antonia!?..

' Se eu fosse virtuosa, não...

« Chorava assim? Chorava... Essas lagimas o que são, se não a virtude? Filha, a tranquillidade

que por ahi vê nas existencias, que o mundo chama virtuosas, é tabolela d'uma barata virtude, sem sacrificios, sem desalentos, sem pelejas, nem triumphos. A virtude é a flor regada com lagrimas, e colhida entre os espinhos, com os dedos a escorrerem sangue. Outra pergunta, Antonia... Quer ser senhora das suas acções, ou obedece a quem lhe disser: « em nome de Deus, e da virtude quero dominar-te? »

' Obedeço...

« Sem vontade propria...

' Sim, sem vontade propria, porque em nome de Deus, e da virtude, ninguem quererá augmentar os meus infortunios.

« Bem. Hoje ás quatro horas da tarde deixará esta casa.

' Oh senhor! por piedade!.. diga-me, se devo abandonar me assim a uma pessoa quasi estranha... Jesus!.. tenho a cabeça tão confusa, nem sei o que devo pedir-lhe...

« Pessa-me que a venha buscar ás quatro horas da tarde...

' Obedeço, senhor, obedeço...

« Bem. Depois da obediencia, segue-se a consulta. Até aqui mandou o pai, agora consulta o amigo. Quer entrar n'um convento como secular?

' Oh meu Deus! n'um convento!.. Ja vejo que é o meu anjo salvador... Oh! sim! sim! seja neste momento.

padre Diniz, que tinha os olhos brilhantes de alegria.

« Não pode ser ja. A's quatro horas da tarde. Levante-se, filha... Antes disso é preciso fazer-mos uma convenção... Antonia, desde este instante, será conhecida como minha irmã. Se lhe perguntarem o seu passado, diga que não tem nenhum ; se lhe perguntarem o meu, diga que sou um homem que tem o coração fechado para todo o mundo. Comprehende, minha irmã ?

' Sim... eu farei que ninguem me pergunte nada da minha vida... O silencio, e a oração...

« O silencio e a oração... é o alimento do espirito ; mas a materia precisa respirar. Nos conventos não se procuram grutas da Thebaida. Estas-se mais perto do altar, mas não se voltam as costas para o mundo. Já lhe disse... sem sacrificios fodas as virtudes são faceis... E' necessario que saiba as miserias da terra , para elevar com mais fervor as suas supplicas a Deus. Os bons pedem pelos maus; e os maus , com os seus crimes e as suas expiações, são a melhor eschola dos bons. Antonia, até ás quatro horas...

Mello fez voar o seu cavallo a S. Vicente-de-Fora. A' custa d'algum ouro com que as resistencias ecclesiasticas se vencem desde Roma até ao presbiterio rural , menos fallado , o generoso fidalgo fez passar uma licença de entrada de D. Antonio de Mascarenhas no mosteiro da Encarnação.

D'ali, partiu ao convento, onde lançou nos avul-

tados cofres da casa o preço d'uma cella, e as mesadas d'um anno, que deviam ser entregues pela prelada á secular.

Pouco depois, entravam os moveis da cella de D. Antonia, e Rosa de Jesus, que devia surprehendel-a como creada.

E às quatro horas parava uma carruagem na casa da rua do Carvalho n.º 87, d'onde com grande espanto, as visinhas viram sahir aquella senhora, que muitas, mais jocosas, disseram ser uma defuncta em pé. A do 3.º andar, n.º 89, essa gastou duas horas de animada tagarelisse, contando, com grandes flores de mentirosa rethorica, a historia de André Teixeira, no que deu muito que pensar desde a rua do Carvalho até ao Cunhal-das bollas.

As que diziam que D. Antonia parecia uma defunta em pé, não iam mal na comparação. Aos vinte e sinco annos, pareciam incriveis semelhantes estragos n'um rosto em que a arte não encontrava uma linha de juventude.

Na sua linguagem desflorida, mas rudemente expressiva, Rosa de Jesus dera de sua ama um fiel retrato a Sebastião de Mello. Raros cabellos, e alguns já brancos, se lhe enrolavam em dous pequenos anneis nas fontes, como para deixarem bem visiveis as rugas profundas que se crusavam na testa. A vista era bassa, e o colorido da pupila pallido como a luz embaciada pelos raios do sol. O lenço preto, aconchegado ao pescoço, não disfarça-

va os relevos da magreza. O vestido negro era como a mortalha, em que alvejavam as mãos afiladas e amarellas. Sebastião de Mello sentiu, ao dar-lhe a mão para a carruagem, o contacto de um morto. Aquella mão era de gelo... Se não fosse a convulsão, dis-se-hia que o sangue se tomara n' aquellas veias, ou aquella mulher se levantava de um tumulo como a filha da viuva de Nahim, ressuscitada por Christo.

Antonia entrou no convento. Achou-se rodeada de carinhosas senhoras, que perguntavam umas ás outras se aquelle mosteiro seria cemiterio.

Recolhida á sua cella, encontrou a sua amiga, confidente unica das suas lagrimas, a ama de sua filha, que devia morrer, um anno depois, com o segredo de sua ama. Achou senão opulencia, tudo que era grato ao coração d'uma mulher, que ambicionava morrer, esperando sempre sua filha, e receava que a fome a surprehendesse, sem poder grangear com a agulha um bocado de pão reparador.

Eil-a, pois, a irmã de padre Diniz, a intima confidente dos segredos de Angela de Lima, a segunda mãe do filho da condessa de Santa Barbora.

Agora, se a leitora não repara no tractamento que se deu a D. Emilia, moradora na Praça d'Alegria, voltemos ao capitulo em que a deixamos resignada com as austeridades do copista de musica, á cerca de uma carruagem, que parou defronte de uma casa proxima, quinze annos depois que Se-

bastião de Mello lhe deixara cincoenta pessas, que seu marido contava todos os mezes, e reservava como garantia d'uma socegada velhice.

XIX.

Supposto que a esposa resignada do senhor Joaquim dos Reis não désse a seu marido uma razão justificativa da sua curiosidade, a razão era de certo modo plausivel. A casa a cuja porta parara a carruagem era justamente a mesma em que, dezeseis annos antes, vivera sua irmã Antonia. Como ella, havia alli uma mulher mysteriosa; como aquella carruagem parara alli muitas vezes a do general Gervasio de Faria. Estas coincidencias, em que a razão nada vê maravilhoso, impressionaram o espirito de D. Emilia, que fôra toda a sua vida supersticiosa; e, dos quarenta annos em diante, enfadonha em vêr cousas sobrenaturaes naquillo que para seu marido era positivo como um tempo quaternario, e o valor de dezeseis semi-fusas.

Quem saltou da carruagem foi Alberto de Magalhães, filho de D. João VI, espião de D. Pedro, cavalheiro de industria, contrabandista, negreiro, corsario, em fim tudo o que a boa sociedade de Lisboa queria que elle fosse.

Alberto era esperado no ultimo degrau da escada do primeiro andar por uma mulher de rara bellesa, com um sorriso de enlouquecer, e um beijo á

flor do sorriso, que accenderia o calor da vida nos bios d'um morto.

Cingindo o braço com a cintura de Alberto, a joven feiticeira deixava-se ir languidamente quebrada sobre o hombro do cavalheiro, como quem se deixa ir abandonada á mercê d'uma estranha vontade.

Alberto sentou-se em uma preguiceira de almofadas de damasco carmezim. As espiraes inquietas dos curtos cabellos da viçosa moça tocavam-lhe como plumas na face, em quanto, nos seus olhos abrasados de não sei que lume, sentia o contacto suavissimo de asselinadas pestanas.

« Amas-me muito, Eugenia?

' Se te amo, Alberto! Nem eu sei se isto é amor... O que eu queria era morrer por ti!... Olha como é isto que eu sinto!... Será uma extravagancia?

« Eu quero que vivas, e vivas sem saudades...

' Saudades... de que, ou de quem?

« Pois devéras estás esquecida, inteiramente esquecida daquelle homem?

' Alberto, é impossivel que me faças tal pergunta para me experimentares... Tu bem sabes o que eu podia sentir por elle... O amor de uma escrava... nunca é amor...

« Escrava não o foste, Eugenia... Esse homem amava-te, queria-te a seu lado, e se a morte o não surprehendesse serias sempre a rainha daquelle coração, e escrava nunca.

' Escrava, sim. Pois não vês que me deixava

uma esmola como preço da minha servidão?

« Não era esmola; era o preço do que elle julgou que faria a tua felicidade...

' Um convento?! Deixa-me rir sem vontade, Alberto... Um convento para mim que tenho dezesete annos, e o coração com todo este amor, que só tu... só a ti... por ti, meu querido, eu devia sentir... E... não te ris, Alberto? O conde, tanto me ajunha sua escrava, que depois de dar as suas ordens a respeito do meu corpo, estabelecia as missas que se diriam por minha alma... Fortes preguiças teve aquelle pobre homem, que fanatisaram em Santarem!...

« Tu nunca tiveste por elle interesse do coração?..

' Nenhum. Eu tinha dez annos quando vim para aquella casa, como criada grave da condessa. Esta senhora, a quem não desejo mal nenhum, tractava-me bem, e achava prazer em me ter comsigo no quarto, donde nunca sahia, a não ser para o coro da capella, em dias sanctificados. Quando cheguei á idade de agradar, encontrei muitas affabilidades no conde, que era pouco propenso a carinhos. Lá me admirou tanta meiguice; mas, só no momento de ser violentada, sem eu saber que genero de violencia se me fazia, é que eu conheci que era uma criança de treze annos, obrigada a ceder ás paixões, sem alma, do dono da casa. O conde para me galardoar a escravidão, que eu, deixa-me assim dizer, estupidamente acceitei, não se

escondia da condessa. Pelo contrario, fazia galla da immoralidade, e mandava-me olhar com soberania a pobre senhora. Eu não o faria nunca, se a condessa me não lançasse com um empurrão fóra do eu quarto, uma vez que eu principiava a contar-lhe a historia da violencia, para pedir-lhe perdão, e fugir daquella casa. Eu tinha mau genio, e orgulho, não sei por que... Desde esse dia, tratei-a mal, mas nem por isso senti o que era amor!.. Amor! ai, Alberto! .. amor é isto que eu sinto por ti!... O que eu tinha por elle, nem sombras era do que se passa no meu coração... Se a ternura, e a paixão é isto, que me deves, querido, o que eu sentia por elle era odio...

E comprimia-lhe com os labios soffregamente os delle, fazendo-lhe sentir os saltos do coração, e os estremecimentos nervosos do braço nu em redor do pescoço.

« Mas, olha, Eugenia, não me disseste ainda como foi a tua retirada de Santarem. .

' Ai! não? Eu t'a digo... É uma cousa muito natural... Eu estava á cabeceira do conde, por que só eu lhe fazia beber os remedios... N'isto, entrou um padre e um escrivão. O padre lançou-me uns olhos que pareciam cegar-me os meus... Não sei o que vi naquella cara, que me não causava aborrecimento, mas terror sim. Nunca me hade esquecer aquelle homem! .. Além disto, o escrivão começou a fallar em citações, e tribunaes, e trapalhadas, que me fizeram pensar que se tractava de

prender o conde, e a mim tambem, á ordem da condessa de Sancta Barbora. Retirei-me para o meu quarto, e estava conjecturando o que devia fazer, quando a dona da hospedaria, que me pareceu uma boa mulher, veio ter comigo, e me disse que o melhor era eu retirar-me, por que desconfiava que se me estavam preparando alguns trabalhos. Já te disse que não sentia apêgo nenhum áquelle homem... Acompanhava-o, não sei por que... por que elle era meu amo, e me disse « vem ! » Ora ahi está.., E então que fiz eu ? O que faria qualquer mulher na minha situação. Mandei preparar duas cavalgaduras. N'uma fiz pôr os meus bahus ; na outra umas andilhas ; saltei para cima com o melhor sangue frio, e disse adeus cá de longe ao senhor conde de Sancta Barbora, que finalmente era tão boa pessoa, que me deixou uns cruzados-novos com a condição de eu me metter como criada de freira na agua-furtada d'uma cella !... Deus nos livre de beatos á ultima hora ! Seria o tal padre que lhe metteu esta na cabeça? O homem, por mais que me digam, estava a delirar com febre... Sabes o que eu disse ao tal padre, quando, ha tempos o encontrei ?

« Não.

« Que viesse a minha casa.

« Para que ?

« Quero mostrar-lhe os meus rosarios de contas, a minha touca de criada de freira, os meus relicarios e

bentinhos... em fim quero-me rir, se não tiver medo dos olhos d'elle.

« Não fizeste bem...

' Por que ?

« Aquelle homem não é um homem como eu e como os outros.

' Isso é que eu não sabia !... Então que tem de mais ou de menos ?!

«.Tem de menos as fraquezas dos outros homens, e tem de mais o poder de subjugar debaixo d'um pé as suas paixões e as alheias. Sonda o insondavel, derruba o que é inabalavel, e não sabe o que são impossiveis...

' Estás a brincar comigo ? Não tenhas ciumes... Elle é velho...

« Então sempre queres recebel-o ?

' Como tu quizeres.

« Recebe ; mas em mim não lhe falles...

' Pois sim. Mas elle sabe que eu sou tua ?

« Deve saber, por que elle sabe tudo.

' Tudo ?

« Creio que tudo.

' Eide fazer-lhe uma pergunta, que te vai deixar mentiroso, meu Albertinho...

« O que ?

' Eide perguntar-lhe de quem sou filha.

« Pois tu não sabes ?

' Eu não. Disse-me o conde que eu era engeitada... Se elle me dissesse quem eram meus pais,

então sim!.. se me mandasse atirar dos arcos das aguas-livres, atirava-me.

« Isso poderá elle não o saber, por que o crime tem segredos que a virtude não sabe descortinar...

' Ah! falla-me assim. O tal padre sabe o que todo o mundo póde saber com trabalho, e com finura. Aposto que elle não sabe que eu te dou agora dous, tres, quatro, cinco, seis beijos? Aposto outros seis, quatro...

« Fallemos d'outra cousa, Engenia. Então que me querias pedir hontem?

' Quando?

« Não me disseste que tinhas uma cousa a pedir me?

' Disse; mas por ora não tenho a precisa segurança no teu amor para me attrever...

« Se é um attrevimento, nesse caso, dispensas-me de ouvil-o, não é verdade?

' Não é attrevimento... é ciume...

« Ciume!.. Cedo principias, minha gentil egoista..

' Achas cedo? E eu parece-me, pelo muito que te quero, que nos conhecemos em outro mundo antes deste...

« Leste as novellas de Harlincourt?

' Não sei se li.

« Parece-me que é de la esse galanteio...

' Zombas de mim? — disse Eugenia com duas lagrimas buliçosas nas longas pestanas.

« Não, filha... era um gracejo de mau gosto...

Não sabes? comprei-te uma sege, e dous cavallos negros, da cor dos teus cabellos. Vais ter uma sege ás tuas ordens... e dous lacaios inglezes com polaina de anta cor de flor d'alecrim... Não gostas?

' Não; o que eu queria era o teu amor.

« E que mais?

' A tua presença sempre aqui... Desejava viver comtigo no campo, sosinhos, e um jardim, um bosque, e uma fontinha, e muitas arvores, e um lago com um barquinho. Queria viver no teu kiosque, onde te vi, pela primeira vez, e me perdi de amores por ti...

« De amores!.. Foi uma impressão mortal, pelo que vejo!..

' Não me crês?

« Custa-me.

' Então... deixa-me!

E Eugenia levantou-se amuada, e foi sentar-se ao pianno, onde corria a escalla que apprendera em tres lições.

Alberto, que não era todo espirito, nem todo materia, reconciliou-se com um beijo furtado. A galante creatura voltou o colo d'aguia como a pomba ao arrolar do companheiro, e esqueceu o momentaneo pesar.

Amava-o ella? Sim, desse amor capaz de todas as virtudes e de todos os crimes.

' E então.. Alberto... ouves o meu pedido?

« Ouço... que queres?

« Não vás a Odivellas.

« Porque?

« Tu amas alli uma mulher.

« Quem é?

« Não sei, nem quero saber... parece-me que lhe dava um tiro... Mas não a ames, Alberto! Será mais bella, mais carinhosa, será fidalga, mas não sente como eu... Se me abandonasses... Alberto, tu meditas? Sempre é verdade que amas outra, ingrato?

« Não.

« Então vai... eu acredito-te... vai... mas, repara bem, quando me chegar ao coração a punhalada da certeza, achas-me morta, se me procurares...

« Eugenia! Tu serás um anjo?

« Faz que eu o pareça para todo o mundo... O meu coração principia hoje a amar e a soffrer... Se vês que, pelo passado, não valho tanto aos teus olhos... desculpa-me, e regenera-me...

« Espantas-me, Eugenia!

« Que é que te espanta em mim?

« Aos dezesete annos, parece que aprendeste no mundo toda a eloquencia das paixões praticas, ou das theorias do calculo... Não descores, Eugenia! Eu preciso de ter comtigo estes desabafos... A suspeita é um demonio que entra no coração, e abafa o anjo da boa-fé. Estes estudos na tua alma são-me necessarios. Perto dos quarenta annos, venho achar em ti um typo novo! Tens um grande coração, e

uma grande intelligencia, Eugenia! Na tua idade não se finge assim!.. Eu suppunha-te uma bonita mulher, e mais nada. Agora, olho para a tua fronte, e vejo ahi a profecia d'um destino superior! Ouvi-te primeiro com indifferença, depois com admiração, e, por fim... fazes-me supersticioso! Se fosses soberba de opulencias, podias subjugar os corações, como um anjo, e esmagal-os, como um demomo. Que idea fazes tu de ti, Eugenia?

' Não sei!.. Essa maneira de me fallares é nova para mim, Alberto!.. Desconheço-te... Queria mais carinho nessas palavras.. Acho-as frias e fortes de mais para uma mulher, que não sabe se não amar...

« Quero habituar-te a esta linguagem. O teu genio conspira contra tudo que é trivial... Não podes ser uma mulher vulgar, Eugenia... Vou educarte...

' Educar-me? Tens essa paciencia?

« Tudo que fores, basde devel-o a ti. Quero que sejas uma mulher, como conheci algumas em França, e nao conheço duas em Portugal. O teu coração alimenta-se de amor; mas o teu espirito precisa d'um manjar que o amor não dá. Quero-te instruida, illustrada, enriquecida de tudo que pode saber-se, e comprehender-se... Acceitas?

' Se acceito! Não vês que eu sou uma rapariga, que apenas sei ler, e nem tudo que leio entendo! E serás meu mestre?

« Teu guia na sciencia das pessoas. A sciencia das cousas has de apprendel-a nos livros.

' Pois sim... tudo que quizeres, com tanto que tudo que eu possa saber, hade converter se em felicidade nossa; quando não, quero tudo ignorar... Basta-me saber que devo viver e morrer, amando-te...

Soara a campainha.

' E' o mestre de musica... — disse Eugenia — não vás sem veres os meus progressos... Esta vaidade é uma ironia, Alberto! Eu creio que tenho a cabeça, fechada para a percepção da musica, como as cabeças destas desengraçadas colcheas.

XX.

Quem approximou Alberto de Magalhães da favorita do conde de Sancta Barbora?

Foi o acaso.

Quando Eugenia voltara de Santarem, debruçava-se negligentemente Alberto de Magalhães no peitoril do seu kyosque, sobranceiro á estrada, no Beato Antonio. A foragida rival de Angela de Lima vinha triste. A sympathia prendia os olhos n'aquelle rosto angelico, em que o viço desbotado era a morbidez da flor colhida em hora de calor, e desbotada pelos ardores da sesta. Alberto, desde que o vulto se desenhara, sem que as feições se destacassem, presentiu uma mulher bella. De longe a vinha chamando com os olhos, avidos d'um raio d'aquelles que se pasciam indifferentes pelas agrestes margens

do Tejo. A poucos passos do kiosque, a passageira, fixando um homem estranho, corou surprehendida; mas não pôde, se muito quiz, deixar sem recompensa a vista fascinadora, que a mandava imperiosamente olhar.

Alberto era um bello homem, se é bello um homem que não tem na cara o rosado feminil e o olhar somnolento das mulheres que se reclinam sobre estofos, como enfastiadas d'um baile e d'um amante de quatro mezes importunos... Se a bellesa é isto, o amigo do antigo cigano era um homem feio. O nariz nem grego, nem romano, era um nariz cosmopolita, magestoso em toda a parte, e quasi sempre o preferido nas fysionomias fantasticas dos inventores de typos extraordinarios. Era um nariz arqueado e longo, finalmente. O bigode negro, e desalinhado, pouco se destacava da cutis pallida, se a cor de chumbo tambem pode, sem aggravo á arte, chamar-se pallidez.

Gostariam d'um homem assim? Eugenia sentiu, ao vel-o, uma oppressão, um tremor, uma ancia, uma... como lhe chamam os fysiologistas do sentimento?... uma paixão. E' isto possivel? E'. Estas emoções recebem-se. Alimentadas por minutos, decidem de toda a vida de certas organisações; despresadas, ou não correspondidas como felizmente succede quasi sempre, poucos dias bastam, se não são horas, para o completo esquecimento.

Eugenia olhou, e seguiu o seu caminho, mas o coração ficava-lhe ali. Alberto desappareceu, e

n'um instante, esporeava o cavallo, quasi a par com ella. Eugenia ja não era a mesma. Tremia, e não ousava olhar. O cavalleiro não descoroçoava como qualquer noviço em semelhantes profissões.

« Da-me a honra de acompanhal-a? — disse elle com o chapeo descido até ao joelho.

' Terei muito praser com tão boa companhia— disse Eugenia, com uma especie de forçado desembaraço, capaz de fazer benzer uma senhora de provincia, que, ha vinte annos, viajasse por aquelles sitios.

« Vai para Lisboa?

' Para Lisboa.

« E' de cá?

' Sim, senhor.

« Vem dos ares do campo?

' Venho.. — disse ella sorrindo — mas não venho de fazer o que é costume dizer-se *ir a ares*. Venho de Santarem.

« Da-me licença que lhe faça algumas perguntas?.. Se forem indiscretas, não me responda... E' solteira?

' Solteira.

« Absolutamente livre?

' O mais que posso ser.

« Não tem familia?

' Nenhuma.

« Mas deve ter uma qualquer posição...

' Tenho sido creada em uma casa.

« Creada!... e é feliz?

‘ Menos do que é costume ser-se na minha condição.

« Trocaria de boa vontade essa condição?

‘ Por qual?

« Se amasse... se achasse uma imprevista felicidade.

‘ Se fosse uma felicidade, abraçava-a.

« Quereria encontrar um homem que a prendesse á felicidade pelo coração?

‘ Queria; mas eu não posso ser amada.

« Por que?

Eugenia não respondeu.

« Onde se recolhe em Lisboa?

‘ Por alguns momentos em casa do conde de Sancta Barbora...

« Do conde de Sancta Barbora?! Esse homem não está em Santarem?

‘ Ficou lá.

« Eu conheço-a... A menina não é uma simples creada do conde de Sancta Barbora.

Eugenia corou, e desceu os olhos de repente.

« Desculpe-me... uma outra pergunta: é Eugenia?

‘ Sou Eugenia.

« Não tenho pergunta alguma a fazer-lhe... Já vê que sei o segredo da sua vida. Ama esse homem?

‘ E impossivel... Não ha forçado nenhum que ame as galés.

Alberto maravilhou-se. Era necessario encontrar destas respostas, em labios de dezesete annos, para sahir da apathia moral, em que o paralisara o cansasso.

« Eugenia... Olhe para mim... Acha-me um homem repulsivo?

' Não é possivel...

« Se me tivesse encontrado n'uma situação em que eu lhe dissesse que a adorava, e que me seguisse... que faria?

' Pedia-lhe que me não fizesse mais infeliz do que sou...

« E com o pressentimento de que encontraria um homem digno da sua alma?

' Tinha orgulho de ser desgraçada.

« Eugenia! A nossa conversação tem sido extraordinaria... Seja-o até ao fim... Quer seguir-me?

' Sigo... e sigo-o, sem pensar.. Hade proteger-me?

« Como se protege uma filha. Tem que fazer em casa do conde de Santa Barbora?

« Tirar uns baixos que me pertencem.

« São cousas que estime pelo coração?

' Não é nada... São vestidos.

« Deixe-os... Siga-me como seguiria um seu irmão...

Pouco depois, Eugenia entrava em casa de Alberto de Magalhães. Quando se viu sósinha n'um vasto salão, apertou as mãos na cabeça, e murmurou:

« Ou isto é um sonho, ou eu estou douda!... Que é o que se tem passado, ha uma hora, na minha vida?.

Alberto entrava. Sentou se n'um sofá, e conversou duas horas com Eugenia, como conversaria com sua filha.

Dous mezes depois, na praça d'Alegria, parece que era outro o parentesco; mas o coração de ambos, contra as leis chimicas destas reacções, augmentara no calórico, o que, naturalmente, diminuira na puresa.

XXI.

Recuemos, que é necessario.

Desde o momento emque D. Antonia Mascarenhas entrara no convento da Encarnação, Sebastião de Mello empregara quantos esforços o coração lhe suggerira para encontrar a criança, aos tres annos, arrancada dos braços de Rosa de Jesus. Baldadas diligencias. Os parentes de Gervasio Faria pareciam estranhos a esse attentado, e procuraram illudir as suspeitas de Mello, auxiliando-o astuciosamente nas suas averiguações.

Perdidas as esperanças para Antonia, o caracter energico do apaixonado amante de Francisca Valladares não as perdêra. A tremenda crise por que sua alma estava passando, n'uma paixão infeliz, apurara-lhe a sensibilidade, e inspirava-lhe todos os disvellos em suavisar o infortunio alheio.

Da vida deste homem, largamente decifrada no

« Livro negro » apenas trasladamos as paginas que são o nucleo, o enredo deste longo drama de infortunios. É fóra do nosso plano, historiar vagarosamente a paixão fatal, que o fez padre, que Adelaide, a freira de Sancta Apolonia, contou por alto á sua amiga Angela, em Odivellas.

É certo, porem, que Sebastião de Mello, na sua volta a Portugal, em fins de 1817, fortaleceu esses vinculos de amor, que o prenderam a um tumulo. No anno seguinte, morreu Francisca Valladares, e alguns mezes depois Sebastião de Mello era padre Diniz Ramalho e Sousa. Nesse mesmo anno, entrou na encarnação a filha do marquez de Montezellos. Passados tres mezes, o padre entra na quinta das Alcaçovas com o traje de cigano para salvar o filho de Angela de Lima; e, comtudo, em alguma parte padre Diniz appareceu como Sebastião de Mello, a profetisar um desgraçado futuro ao conde de Sancta Barbora.

Estas prodigiosas methamorphoses, que, a não serem explicadas, perturbariam a cronologia dos factos, são cabalmente deduzidas e rigorosamente certificadas no « Livro negro » que mais tarde será publicado na sua maior extensão . . . . . .

. . . . . .

Antes, porém, de acompanharmos o desenvolvimento das scenas que se apresentam em 1832, sigamos padre Diniz na sua jornada á provincia de Traz-os-montes, em março de 1819. Onde vai este homem, que se despedira por alguns dias do tumulo

da religiosa de Sancta Apolonia? Vai a Viduedo. Vai dar conta da sua missão á penitente, que talvez já durma, cansada, ao fim de nove annos de martyrio, o somno eterno, debaixo da pedra que ella lhe apontára . . . . . .

« Estamos perto de Viduedo? — perguntou o padre ao guia que levara de Cabeceiras de Basto.

' Meia legua senhor. Do picoto daquella serra já se vê o povo.

« Já aqui vieste alguma vez, amigo?

' Vim, sim, senhor, com minha mãi consultar a sancta. E' a troco d'ella que vm. cá vem, pois não é?

« Ora diz-me, a respeito de que doença vieste com tua mãi consultar a sancta?

' Foi por causa da minha companheira, que tinha o mafarrico no corpo. Deus me perdoe.

« E que vos disse a sancta?

' A sancta mandou-nos fallar com o cirurgião, que era o mestre da saude do corpo; e, se o cirurgião lhe não desse cura, disse-nos que fallassemos com um padre, que é o mestre da saude da alma.

« E depois?

' Mandou-nos embora, e não quiz pegar em nada que lhe davamos.

« Então por que é que lhe chamam sancta?

' Isso agora é que eu não posso dizer a vm. Ella não cura o *esprito* ruim, ella não é benzedeira, ella não cita as almas, ella não desmancha feitiços, nem corta a bicha, nem levanta a espinhela,

a fallar-lhe a verdade, não sei por que lhe chamam sancta. Quem nos cá mandou foi a fidalga do Arco. Pelos modos a fidalga teve o seu desgosto, e veio ter com a sancta de Viduedo, e contou-lhe la não sei que, que a trazia muito mal do coração por causa do fidalgo do Outeiro, que lhe devia... Em fim, calla-te boca... O caso é, meu amiguinho, saberá vm. a fidalga veio cá, e quando tornou para a terra pouco tardou que o fidalgo não casasse com ella. Todos disseram que foi feitiço, e minha mãi foi onde a ella, que é nossa senhoria d'uns beus que lhe trazemos, e contou-lhe a historia da minha Maria. A fidalga ouviu, ouviu, e a final de contas disse a minha mãi: senhora Anna, va vossê a Viduedo, e procure uma mulher que está quasi sempre no coberto da capella; conte-lhe os padecimentos da sua nora, e faça o que ella lhe disser. Ora vm. já sabe o que se passou. O cirurgião disse que não curava borracheiras, e o padre disse-me que lhe desse c'um fueiro pela rabada até lhe pôr o diabo fóra do corpo, salvo tal logar. Minha mãi foi-se ter com a fidalga, e contou-lhe o passado, dizendo que a sancta de Viduedo não era benzedeira, nem sabia desmanchar feitiços. A fidalga riu-se, e respondeu que a sancta de Viduedo, quando a procurava alguem com paixão d'alma, costumava pedir a nosso Senhor que livrasse a criatura da sua afflicção. Foi o que foi. Minha mãi não tornou cá pelo vêso; em quanto a mim, a mulher sabe tanto do *inzorcismos*, como eu de latim.

A conversa prolongou-se neste tom, até que padre Diniz ao transpor a lombada d'um serro, deu de face com Viduedo. Alargou-se-lhe o coração. Meia face do sol, mergulhando-se para a banda do mar, tingia de purpura a vegetação meio florida de gestas e codeços que formavam a cintura da desabrigada povoação. A capellinha lá estava no mais elevado morro daquelle monte de fragas. A cruz de pedra tosca era como a solitaria vigia daquella augusta dor, que ha dez annos, a seus pés, se purificava em lagrimas incessantes. O padre queria-se só. Despediu-se do guia, e encurtou o passo da mula, como quem deseja demorar uma impressão, que abrangia as mil sensações diversas, que preoccuparam o seuultimo anno de vida.

Para certas almas, o extasis do sacerdote, em frente da pinha de pobres cabanas, com os olhos fixos no reflexo do sol reverberando nas lousas polidas que guarneciam o colmado da capella, para certas almas, repetimos, o arrobamento de Sebastião de Mello será como um chamamento á meditação do que este homem seria naquelles instantes de solidão.

O passado de Anacleta, cheio de crimes, de fausto, e degradação; a filha de Anacleta àquellas horas supplicando a Deus a vida do seu bemfeitor, e o segredo do destino de sua filha; Angela de Lima, a mãi do menino comprado ao punhal d'um infanticida; a condessa de Sancta Barbora

amarrada a um poste de dôr e infamia, que seu marido lhe lançaria em rosto; Pedro da Silva agonisando os ultimos arrancos d'uma paixão desditosa; Francisca Valladares ha um anno no tumulo, e esse tumulo fechado para sempre... e depois... como desmentido a tudo que é da vida, como desengano a todas as illusões... aquella desgraçada, além, segregada do mundo, cortada lentamente em cada fibra, vivendo, esperando a morte redemptora...

Padre Diniz levantava machinalmente as mãos e os olhos para o ceo, quando as badaladas a Ave-Marias foram como um toque suave, que lhe accordou o coração:

« Aquelle sino será ainda ella que o toca? Abençoada dor, que me abres o ceu neste momento! Mulher predestinada, aquem o Senhor confiou a missão de me salvar das ultimas illesões da minha arrastada existencia! Bemdita sejas tu, sancta, que vais deste mundo, deixando um homem, que o mundo admirou na publicidade, e que não vale, em todos os actos bons da sua vida, como um so dos teus desconhecidos instantes de arrependimento!... » Choravam os olhos, e os labios gemiam esta expansiva invocação. Escurecera, quando o padre entrou no povoado.

Parou defronte da capella, e viu, como um anno antes, Anacleta, dirigindo-se para elle.

« Senhor, quer que lhe ensine a pousada dos passageiros?

' Eu sei-a ja. Approximai-vos... Dai-me a vossa mão, Anacleta... Vós ja me conhecestes.

« Ja!.. pela voz!.. » balbuciou ella regando de lagrimas a mão do padre, e querendo ajoelhar.

' Vedes o meu rosto?

« Vejo... não é o da pessoa que pensei... Enganei-me... perdoe-me...

' Não vos enganastes... O rosto do homem do mundo não é como este do padre... Olhai... Tenho cabellos brancos... Envelheci... Até logo, irmã! Virei dar-vos conta da minha commissão. Ficai pedindo a Deus por mim, e pela alma d'uma martyr, que deixei a dormir na sepultura, em quanto venho aqui para não confiar a ninguem as vossas confidencias

Padre Diniz bateu á porta do capitão de Viduedo. Sentou-se no escabello onde se sentara d'outra vez; ninguem o conhecia.

« O senhor reverendo padre vai de caminho para prégar a semana santa em Ribeira de Pena, ou Villa Pouca, ou Eram lo não é verdade?

' Não, meus amigos. Vim aqui á vossa aldea procurar as orações...

« Da santinha?... De bom proveito lhe sejam. E' o nosso anjo custodio... Desde que ella veio, até parece que as novidades supprem mais na tulhai Tem aqui vindo muita gente de longe. Vai quasi ha um anno, que aqui veio um fidalgo de Lisboa, e desde então a santinha quando encommenda as almas pede mais um Padre-nosso e uma Ave-Ma-

ria para que Deus Nosso Senhor encaminhe os passos d'um homem bom que procura as victimas da maior peccadora.

' Coitadinha ! ' murmurou o sacerdote escondendo a commoção. Dizei-me... — tornou elle por divertir o assumpto — Já pernoitei em vossa casa senhor capitão... e vi aqui uma gente, que não vejo. Falta-me um velho, que estava alli sentado, e contava a historia da sua pedra d'armas.

« Morreu... era meu avô, e poucas horas depois morreu minha avó... Tinham vivido juntos setenta e um annos; juntos morreram, e morreram nos braços da sancta da capella : é de fé que estão no ceo.

« E ella... a pobre mulher, continua no mesmo rigor de vida ?

' Sempre o mesmo, so com a differença de costumar subir muitas vezes a um picoto do outeiro, la em baixo, donde se vê para a estrada. De vez em quando, vemol-a la, como quem espera alguem. No mais, o seu alimento é pão e agua, e sua cama tem sido sempre debaixo do alpendre, na pedra estreme. Aqui ha mezes veio ahi uma fidalga de Basto, com creado de farda, n'um cavallo grande, e fanchonassa d'uma vez. Entrou no nosso quinteiro, e pediu que mandassem chamar a sancta. Fui eu procural-a a casa d'um doente, disse-lhe que estava ahi uma fidalga, e ella fez-se da cor desta camisa, e veio depois que tirou os caustícos ao doente Quando viu a fidalga, parece que lhe estava com medo. A

tal mocetona tratou-a muito bem, e foi com ella para a minha casa nova, que é de sobrado, e lá fallaram por muito tempo. Depois, sahiram ambas, e eu disse cá comigo: « eu sempre hei de saber o que isto é... Aqui parece-me que ha sarilho de feiticeria, ou bênzedella. » Cozi-me com a parede da bouça, que está á ilharga da capella, a lobrigar o que ellas faziam... Vai, se não quando, reverendo senhor clerigo, a sanctinha ajoelhou, a fidalga ajoelhou a par della, estiveram assim muito tempo, e por fim ouvi dizer á fidalga: ' Não tem mais nada a fazer-me?! ' « Mais nada — respondeu a sancta — o que aqui fez, podera-o v. exc. fazer em sua casa. Tenha fé no remedio, que lhe pode vir de Deus; de mim, miseravel peccadora, não tem nenhum a esperar. » Ficaram-me ca na memoria estas palavras. O caso é que, passados dous mezes, tornou aqui a fidalga, procurou-a na capella, e disse-me o tio António da Pôça que a viu abraçada á sancta. O que isto foi não sei; mas que a cousa tinha cagenhoca de bruxêdo isso lá é como o senhor sol.

Padre Diniz combinou, e comprehendi a historia do capitão, que era a mesma do incrivel marido da mulher possessa.

Terminada a ceia, e dadas graças a Deus pelo sacerdote, que, segundo o uso, tinha a primazia, sentaram-se no escabello, quando a voz da penitente pediu as orações do costume. O salvador de Antonia Mascarenhas estremeceu, quando ouviu o ultimo pregão:

« Mais um Padre Nosso, e uma Ave-Maria para que Deus Nosso Senhor encaminhe os passos d'um homem bom, que procura as victimas da maior pecadora !

' Agora — disse o hospede — permittireis que eu va procurar esta mulher ao alpendre...

« Eu vou ensinar-lhe o caminho, senhor padre.

' Sei-o, meu amigo ; ficai, e, ao ser dia, fazei-me o favor de ajudar-me á missa na capellinha...

« Então, senhor padre, deixai-me dar parte aos visinhos, que ámanhã é quinta feira sancta.

. . . . . .

A luá prateava as montanhas. O sopro do vento, sempre forte n'aquelles altos, ramalhando as urzes, dava ao vasto matagal o aspecto do mar tempestuoso em noute de luar.

O clarão allumiava tudo em redor do padre. Um anno antes era outra a noute para Sebastião de Mello. As feições de Anacleta, tão junto delle, mal podera vêl-as então, porque os olhos eram cegos ao abrirem-se na cerração escura d'aquella noute de Dezembro.

Em Março não succedia assim. Padre Diniz ia ver a mulher, que conhecera dez annos antes, senão viçosa, gentil ainda, exuberante de vida, com fogo nos olhos, com desenvolta e lasciva aria de maneiras, que a faziam, se é possivel, mais fascinadora, que formosa.

Perto da capella viu-a, sentada, fora do pardieiro. Pulsava-lhe o coração como o do homem, não habituado ao crime, que vai tentar o primeiro abysmo. E' que os sentimentos da alma, contrarios e repugnantes, excitam na materia sensações identicas.

Anacleta levantou-se, e veio esperal-o ao caminho. O padre, por dominar as commoções, recebeu-a com um gracejo:

« Não perdeu ainda o uso da boa sociedade... Vem receber-me á entrada do seu palacio...

« Assim é... O meu palacio é este; mas não tem senão uma pedra, que lhe offereço, como canapé...

« Pois sim, Anacleta, dai-me essa pedra, e vós sentai-vos ao pé do vosso amigo de doze annos... Olhai... fallemos tranquillamente... Nada de lagrimas, nem desmaios... Deixai-me ver-vos de perto, minha penitente... Vejo que não tendes um cabello, que não seja branco... Ora ahi estamos nós bem velhos, minha irmã! Não vos vejo ahi nada, que se pareça com o que fostes...

' Penso que não... Ha nove annos que me vi... morrerei ignorando o que sou...

« Melhor assim... Tenho quarenta annos... que vêdes?..

' Quarenta annos!..

« Sim, Anacleta... Comprehendo o vosso silencio... Parece-vos incrivel... Pois é verdade... a dor faz isto!.. Não me achaes uma grande differença?..

‘ Não posso comparal-a... Não me lembro de o ter visto...

« Vistes, Anacleta...

‘ Quando... onde ? !

« Ha doze annos em vossa casa... ha nove... em vossa casa tambem...

‘ Ha nove !.. oh meu Deus !..

« Que vos pedi eu, senhora ? ! Não quero commoções... E‘ um desejo immenso, que eu tinha de vos mostrar em mim o homem do passado... Já que choraes, não direi mais nada... a tal respeito.

‘ Diga, diga... tudo que me disser hade ser-me bom...

« Pois bem... lembrai-vos de Sebastião de Mello !

Anacleta ergue-se impetuosamente... tomou o braço do sacerdote, e foi com elle onde uma restea de luz vinha sem sombras.

‘ Sebastião de Mello !.. Mãe Santissima !.. isto é incrivel... Deixe-me reunir as minhas ideas... Quando eu era rica... foi algumas noutes a minha casa um mancebo, levado... não sei por quem...

« Por Azarias...

‘ Sim... sim... e chamava-se...

« Sebastião de Mello.

‘ Espere... condoa-se de mim, que vou fazer-lhe uma pergunta, que parece trazer me o ar e o coração... mas é preciso... Quando eu era uma mulher publica... deixe-me assim dizer, que é um merecimento perante Deus este despedaçar-me... quando

eu era uma mulher publica, na rua da Rosa das Partilhas, foi a minha casa... um mancebo, que me quiz arrancar do abysmo, que me quiz convencer de que eu podia ser uma mulher honrada e virtuosa, que me deu, em quanto eu vivi ahi, uma mesada... que não quiz dizer-me o seu nome... que vinha sempre desfigurado... e de noute, a horas mortas...

« Era Sebastião de Mello... Aquietai-vos, Anacleta... Magoaes-me... Agora o esquecimento desse homem... Ja vejo que não ha no que vedes nada que vos lembre o outro; mas accreditai que é o mesmo. Ora pois, irmã pelo soffrimento, já vedes que ha muitas agonias ao mesmo tempo, veladas pelo mesmo Deus, e esperançosas na mesma eternidade... Somos dignos um do outro pela força attractiva do padecimento. Sejamos egoistas com os nossos cabellos brancos, não é assim ?.. Deante de nos está o infinito... A vida é lá... aqui é um longo paroxismo n'um dia curto... Mudemos de conversa, Anacleta... Fallemos de vossas filhas e de vós, sim ?

' Dellas... De mim, que serve? Eu já não vivo.

« Assim o julgam... Reputam-vos morta...

' Eu vos agradeço, meu Deus !

« Vossas filhas, encontrei-as. Uma é Emilia. vive... ja vol'o disse... casada, e crê-se feliz. A outra ia fechar a curta carreira dos seus soffrimentos, quando a encontrei. Dei-lhe o titulo de minha irmã... Levei-a a um convento... não é feliz; mas tem uma cella para as lagrimas, um altar para

a oração, e uma sepultura, ao pe das sepulturas onde dormem o somno eterno muitas mulheres virtuosas... Já vos disse, Anacleta... Não vos quero assim de joelhos..

« Mas, senhor! deixe-me satisfazer esta anciedade de meu coração...

« Isso não é aqui... é ali aos pes d'aquella cruz... ide lá, ajoelhai, que eu que quero orar comvosco...

E ajoelharam ambos.

« Anacleta!.. dizei comigo: Deus de justiça e de misericordia! Ha nove annos que as minhas lagrimas não tem sido em vão choradas aos pes da cruz de vosso Filho! Os meus crimes eram grandes; a minha penitencia foi pequena; mas eu sou um verme, e vós sois Deus. Perdoai-me, pela gota de sangue que Jesus Christo verteu sobre as manchas de Magdalena! Perdoai-me para que eu possa inclinar nesta pedra a cabeça moribunda, abençoando a dor... Perdoai-me...

Os soluços embargaram a voz de Anacleta... Padre Diniz levantou-se, inclinou-se para a penitente, e disse n'um som intercortado pelo fervor das ultimas palavras:

« Ajoelhai aos pés do ministro de Deus, irmã!

Anacleta voltou-se, com os olhos febricitantes, fixos na face do padre.

« Na vossa vida ha crimes, que eu ignore?

« Nenhum... penso que nenhum!...

« Perdoaes a quem vos fez desgraçada?

« De todo o meu coração...

« Eu vos absolvo, em nome do Padre, e do Filho, e do Espirito Sancto... Orai... E' meia noite. A's quatro horas serei comvosco. . . . . .

. . . . . .

Ao alvorecer, quem foi tocar a sineta da capella chamando á missa, encontrou a penitente, caso extraordinario, mergulhada n'um profundo somno. Palpou-lhe as mãos, e achou-as ardentes. Chegava padre Diniz. Tomou nos braços Anacleta, que abriu os olhos, sorrindo, e lhe beijou a mão. Aberta a porta da ermida, o padre aparamentou-se, veio á porta, e estendeu a mão á penitente:

« Entrai, filha!

Anacleta entrou. Chorava e ria simultaneamente; mas as pernas não a sustentavam. O padre segurou-a, e conduziu-a ao pé do altar.

Principiou o sacrificio incruento. Cada vez que o padre voltou o rosto, o povo chorava, sem comprehender as lagrimas que inundavam a face do sacerdote.

A' *communhão*, o ajudante tomou uma toalha que lançou ao pescoço de Anacleta.

« *Ecce agnus Dei*... — disse o padre com os olhos fixos na penitente, e estremeceu.

Ao pronunciar as palavras: *Corpus Domini nostri Jesus Christi*... os labios de Anacleta estavam roxos, as faces da côr da toalha, apenas os olhos, vidrados de lagrimas, e cravados no sacerdote, exprimiam... o ultimo lampejo da vida....

O padre voltou-se para o altar, e disse no seu coração:

« Senhor! levai a desgraçada se lhe perdoastes! »

A supplica foi cortada por um grito do povo.

« Que é? — perguntou serenamente o padre ao ajudante.

« Morreu a sancta...

O sacerdote voltava-se pronunciando *Dominus vobiscum*, e recebeu o derradeiro olhar de Anacleta.

Consummado o sacrificio, tomou o cadaver nos braços, e collocou-o sobre a commoda dos paramentos. Chamou o capitão, e pediu-lhe que o ajudasse a cavar uma sepultura no alpendre da capella. Todos quizeram tirar terra da sepultura da sancta. Duas horas depois, algumas mulheres oravam em redor da pedra que a cubrira, e pediam ao espirito bemaventurado da predestinada que as não desamparasse.

Padre Diniz transpunha o outeiro, donde dissera, um anno antes, o adeus á penitente, que lhe acenava da agulha dos rochedos. Olhou para lá...

« Era alli!... — disse elle, e chorou.

XXII.

Quatorze annos depois, encontramos fr. Balthasar da Encarnação, recobrando o sentimento da vida, e a consciencia da morte, para pedir a seu filho, que juntasse as cinzas de Silvina ao seu ca-

daver. Vimos padre Diniz, superior ao homem, tentar o ultimo heroismo, recitando uma oração funebre sobre o esquife do pai, e cahir, pela primeira vez na sua vida, aos abalos da commoção.

Este homem devia estar no fim da sua carreira. A natureza humana, sem protecção divina, não póde tanto. Naquelle ultimo lance, deviam exhaurir-se-lhe os alentos consummidos, longos annos em dramas, cujo desenvolvimento deveria ser-lhe a morte repetida muitas vezes. O desenlace não podia tardar.

O filho do dominicano recolheu á sua casa da Junqueira, e, desde esse dia, o entranhar-se em melancolias, sem voz de amigo que lh'as perturbasse, a solidão, um quasi esquecimento de si, e dos outros, tornara o homem de ferro n'um ente que parecia temer a falla de homens. Muitas vezes passou a mão pela fronte, e achou-a abrasada; outras muitas, sondou o estado da sua consciencia, e julgou-se criminoso; mas a consciencia, passados os momentos da febre, reagia, e o infeliz suppunha-se demente.

As supplicas da condessa de Sancta Barbora instavam a sua presença. O tumulo de Francisca Valladares pedia-lhe uma lagrima. As ultimas palavras de seu pai fallavam-lhe de Silvina... e, depois, a memoria, a recordação d'um longo passado, em que a menor de suas tribulações seria, para um homem debil, uma alienação mental!...

Quinze dias decorreram desde que o padre se

despediu de Angela de Lima para satisfazer a promessa ao frade de Santarem. Esse espaço, sem uma noticia, amargurara as duas protegidas de Odivellas-Antonia, que sentia por aquelle homem um amor de devoção, um estremecimento de filha, chorava, e não podia revellar á sua amiga as sanctas prisões que a ligavam a padre Diniz. A condessa, mesmo convencida do nenhum parentesco de Antonia com Sebastião de Mello, não ousava aventurar uma palavra indiscreta, que obrigasse a sua amiga a revellações que, por justos motivos, quaesquer que elles fossem, lhe eram occultos.

Ao cabo de oito dias, mandaram á Junqueira procurar noticias do padre, e souberam que elle chegara cinco dias antes, muito doente, e que não sahira do seu quarto, nem dera ordem para se lhe annunciar alguem. As instancias da condessa redobraram, as cartas repetiam-se, as supplicas estavam sendo um novo supplicio para o solitario pensador dos tormentosos conflictos da sua vida.

Padre Diniz foi a Odivellas. As duas senhoras abraçaram-no na portaria, e conheceram que aquelle já não era o homem de quinze dias antes. Escutava-as, parecia escutal-as, mas não respondia, nem ligava duas ideas sem comprimir a testa, como quem procura recordar-se dos termos com que uma idea qualquer se exprime. Apenas Angela ou Antonia se calassem, a cabeça do sacerdote descahia lentamente sobre o peito, e desse abatimento só uma pergun-

ta, rapida e surprehendente, o accordava, fazendo-o estremecer.

As duas amigas olhavam-se aterradas.

« Meu pai, meu bom amigo! — dizia Angela — Que tem? Não lhe merecemos a sua confiança!... Por Deus, diga-nos que novos padecimentos o mortificam? A sua ida a Santarem transfigurou-o!... Foi uma desgraça!...

' Seria, senhora condessa?! — perguntou elle com um ar infantil, pouco distincto do idiotismo.

« Decerto foi... E, se não, diga-nos... diga ás suas amigas o que lhe aconteceu?

' Abraçar um homem morto... dar-lhe um osculo de filho nas faces amarellas... pedir-lhe que me alcançasse de Deus um praso de quietação... ou a morte...

« Pois bem... Deus tudo concederá a padre Diniz, ao bemfeitor de tantos infelizes... mas... quem foi o morto que abraçou?... Foi aquelle sancto homem que confessou meu marido?

' Sim... foi esse... ha quatorze dias que cahiu cansado na sua longa carreira... e nunca mais se levantará...

« Não cahiu, não, meu pai!... Elevou-se à presença de Deus... Se não é culposa uma sancta inveja, invejêmos-lhe o seu destino...

' Pois sim, minhas filhas, invejemos-lhe o seu destino... Como vai Antonia, que está tão triste, tão magra, e mais velha que eu?!

« Boa, meu irmão...

— Não acredite — interrompeu Angela — Olhe que está muito doente, muito scismatica, e diz que morre muito breve... Tenho-lhe pedido que diga ao medico os seus soffrimentos, e não quer. Todas as manhãs lança sangue, e á noite tem febre...

« Pobre irmã!... não deves nada á felicidade... vais deste mundo sem sentir o sabor da alegria...

' Não falle assim, meu irmão... Não tenho eu sido tão feliz? Que mais pedirei a Deus, agora, que tudo tenho... que tudo consegui...

« Não foi tudo, Antonia... Estou n'uma divida comtigo, e penso que será insoluvel...

A amante de Gervasio Faria abaixou os olhos e não pôde esconder da condessa um tremor instantaneo

« Senhora condessa... Seu filho escreve-lhe?

' Tenho duas cartas, e padre Diniz?

« Quatro... Diz-me que aborrece o estudo... Nunca o vi muito propenso ás sciencias... Pensava muito, recolhia-se muito em abstracções, improprias dos quinze annos... Era poeta muito cedo... Nunca apprenderá as sciencias da vida positiva... Em fim, Deus o encaminhe... Tem vivido muito sósinha, senhora condessa?

' Com a minha querida Antonia, e com Adelaide Maldonado...

« Como vive essa senhora?... Creio que já me disse... triste...

' Sim... amarguradissima... Muito deseja vel-o...

« Chame-a, senhora condessa.

D. Angela sahiu com prestesa e jubilo. Entretanto, padre Diniz, a menos de meia-voz, disse a Antonia:

« Minha filha... Tem um dever a cumprir... Abra o seu coração a esta amiga, que lh'o merece; conte-lhe a historia do seu passado, que eu não tenho já reminiscencia do que se passou... Olhe, Antonia, não lhe esconda a historia de uma martyr, que era sua mãe...

Abriu-se a porta da grade, e appareceu, adiante da condessa, a benedictina Adelaide Maldonado. Padre Diniz ergueu-se, e cortejou-a com a reserva, que ha para uma pessoa que se vê pela primeira vez. A freira teve com padre Diniz quasi os mesmos embaraços.

' Senhor Sebastião de Mello... — disse ella, com difficuldade...

« V. exc.ª é a senhora D. Adelaide Maldonado?

' Uma serva sua.

« Custar-me-hia a conhecel-a... Creio que tem passado por nós alguns seculos... Ha dezeseis annos que nos não vimos...

' É verdade... e cuidei que morreria, sem este momento...

« Aqui tem duas boas senhoras para amigas, senhora D. Adelaide. Ambas ellas tem passado por aquellas aperturas de infortunio, donde, se se sahe com vida, o coração augmenta em sensibilidade...

' São verdadeiras amigas... Começo, com ellas a sentir, ha poucos dias, o que pode gosar-se de tranquillidade e alegria n'um convento, onde a necessidade me tem forçado a viver...

« A necessidade?... é uma dolorosa coacção... Breve vem o dia, minha senhora, em que v. exc.ª achará francas as portas desta casa, se quizer abandonal-a...

' Que triste profecia !...

« Não lhe dê esse nome... O mosteiro é uma excrescencia dos seculos, que são hoje chamados á presença da civilisação para se verem condemnar como reus de barbarismo. O mosteiro vai entrar na partilha dos apostolos da lei nova... que não são dos que sacodem as sandalias ao sahir dos povoados!.. Prepare-se, minha boa senhora, que ámanhã encontrara o mundo com os braços abertos para recebel-a. Se quizer fazer-se interessante, diga que a violentaram a professar... Verá que piedosa lastima commove em seu favor... Seja das primeiras a sahir, por que a ultima será obrigada a fazel-o impellida pela fome...

' Nem a primeira, nem a ultima, senhor Sebastião de Mello...

« Padre Diniz... padre Diniz... dê me este nome, que é o meu nome, senhora D. Adelaide... Pois nem a primeira nem a ultima ?

' Não, senhor. Ou lo me cahiram murchas as flores da mocidade, hade cahir-me tambem a coroa de espinhos . Morrerei... isto é... quero enter-

rar-me, onde morri...

« Em Sancta Apolonia... — interrompeu o padre, como continuando o pensamento da religiosa.

A emprestada vivesa, que momentaneamente lhe déra aos gestos o antigo brilho, extinguiu-se. Recahiu na modorra, de que os extremos das suas amigas o arrancaram.

Rodou uma sege no pateo. E em seguida, a moça porteira, chamou: *Sancta Barbora.* Uma creada veio annunciar o senhor Alberto de Magalhães.

« Que entre nesta grade.

Padre Diniz acordou do spasmo, quando á porta da grade appareceu Alberto. Ergueu-se, apertou-lhe a mão, e convidou-o a occupar a cadeira de preferencia nas requintadas formalidades d'uma grade.

' Aqui, n'uma occasião em que vinha procurar novas de v. s.ª ?! Sou bem aventurado nos meus desejos.

« Em que posso ser-lhe prestavel, senhor Alberto de Magalhães ?

' Se me der a honra de procural-o em sua casa. . veremos se á quarta vez sou mais feliz. Sabendo eu que v. s.ª estava no seu quarto, não consegui que o seu criado lhe annunciasse o meu nome...

« Foi minha a culpa. Dei essas ordens. Desculpe-me a desprevenção em que eu estava da sua

visita... Remediarei a minha falta, se me der occasião de trabalhar em seu serviço.

‘ Não é em meu serviço... Eu posso, sem indiscrição, dizer, na presença destas senhoras, o fim com que o tenho procurado. Ha dias que, sahindo eu de casa do marquez de Cesimbra, às dez horas da noite, ao entrar na minha carruagem, fui abordado por um vulto que me suscitou suspeitas. Preparava-me para o receber grosseiramente, quando o encapotado me disse: « Não sei quem sois, nem vos procuro de preferencia a outro qualquer individuo, que passa ahi a noite nessa casa. Passei casualmente, conheci o dono deste palacio, vi cavalheiros á janella, vi carruagens à porta, e resolvi esperar o primeiro, que sahisse, para aventurar uma pergunta, que vos não demorará muito tempo.

« Tende a bondade de fallar — lhe disse eu — e se vos apraz entrar nesta carruagem, ouvir-vos-hei em minha casa.

‘ Não cavalheiro. Prometto não ser importuno. Dizei-me: conheceis alguma cousa da vida intima da alta sociedade de Lisboa?

Esta pergunta petrificou-me. Não havia nada mais explicito, minhas senhoras. Meditei, um pouco, na gravidade da resposta, e disse:

« Conheço alguma cousa; mas poderei ignorar quasi tudo.

‘ Que edade tendes?

« Trinta e oito annos.

‘ Conheceste em algum tempo, na sociedade de Lisboa um cavalheiro de provincia, chamado Sebastião de Mello?

« Não... não me recordo desse nome...

‘ Desculpai-me... Não tenho mais que vos diga... Muito agradecido, cavalheiro.

Ao primeiro intuito, este homem pareceu-me doudo. Não quiz deixal-o sem profundar o verdadeiro merecimento deste dealogo extraordinario. Chamei-o, e disse-lhe, com a intenção maligna de me recrear:

« Imaginai que eu conheci Sebastião de Mello.

‘ Não se tracta de imaginar. A pergunta, se vos não parece fantastica, merece uma resposta real, e não imaginaria. Conhecestes, senhor, o indivíduo que vos nomeei?...

« Se o não conheci pessoalmente, posso n'um momento colher todas as informações, que me pedirdes.

‘ Pois bem. Subi a essa sala e perguntai a esses senhores se algum conheceu Sebastião de Mello, e se é vivo.

Entrei na salla, e, alto e bom som, perguntei:

« Algum dos senhores conheceu Sebastião de Mello?

‘ Quasi todos ‘ me responderam umas poucas, de vozes.

Esta resposta mudou completamente o conceito que eu estava fazendo do meu tragico encapotado.

« E‘ vivo?

Uns responderam : não. Outros : não sabemos. E uma voz, que foi a ultima, disse :

' É.

Vim dar parte da commissão ao meu amigo sem nome.

« Tende a generosidade de perguntar ao cavalheiro, que vos respondeu que vive Sebastião de Mello, se este homem pode ser encontrado por pessoa que muito precisa vêl-o.

Fui : interroguei particularmente a pessoa.

' Esse homem é hoje um padre. ' Assigna-se Diniz Ramalho e Sousa. Vive na Junqueira.

« Tem a certesa disso v. exc.ª ?

' Tenho... Não sabe que eu sou o intendente geral da policia ? Agora... tome o meu concelho... Não diga a esse homem a minha ultima resposta. Padre Diniz é um ente mysterioso. Sei que teve trabalhos na sua mocidade, por que o encontrei fora de Portugal com a vida em risco, muitas vezes. Quem sabe se esse homem, que o procura é um punhal de reservada vingança ?.. Lembra-me um passo acertado... Vou fazer prender esse homem...

« Isso não... — atalhei eu — v. exc.ª não hade dar esse passo por cima da minha honra. Qualquer que seja a intenção deste homem, é um facto particular, sobre o qual a intendencia da policia não pode despoticamente ingerir... O mais que posso é occultar-lhe a posição actual de Sebastião de Mello...

' Como lhe approuver,,

Desci com a cabeça aturdida de suspeitas. Notei que era esperado com ancia.

« Então ? dais-me uma boa nova ?

‘ Podera darvo-l'a, mas não vos conheço...

« Que vos importa quem eu sou, cavalheiro ?! Sois menos delicado do que me parecieis... Adeus, senhor.

‘ Esperai — lhe disse eu, caminhando com elle — eu conheço Sebastião de Mello.

« Quereis *que eu imagine?* — tornou elle, sorrindo.

‘ Não... Accreditai, sob minha palavra de honra, que conheço o homem, que se chamou Sebastião de Mello. Posso fazer-vos um serviço. Daime um signal, que eu possa appresentar a esse cavalheiro. Se elle me disser que vos recebe, indicar-vos-hei a sua residencia

« Em que terra?

‘ Em Lisboa.

« Esperai... — Entrou n'um botequim. Demorou-se alguns segundos, e voltou :

« Comprometteis a vossa palavra pela prompta entrega deste papel a Sebastião de Mello ?

‘ Comprometto a minha vida. A resposta procurai-a aqui, ámanhã, ás mesmas horas.

O conhecido desappareceu. A carta, que me foi entregue, é esta, senhor Sebastião de Mello.

Padre Diniz abriu serenamente a carta. O que ella continha era um bilhete. Mal o viu, ergueu-se d'um impeto. Parece que os olhos iam saltar-

lhe das orbitas sobre aquelle bilhete, que tremia nas mãos convulsas. Impresso em todas as fysionomias, aquelle espanto era justo; a anciedade das senhoras não era menos afflictiva que a do padre, se, por ventura, aquellas commoções eram afflicção.

Ninguem ousava interrogal-o, e todos esperavam uma palavra.

Padre Diniz, de improviso, restituido á sua torva tranquillidade, voltou-se para Alberto com voz firme:

'Meu senhor! Diga a esse cavalheiro que me procure, quando quizer. Agradeço-lhe a parte que tomou, senhor Alberto, neste negocio... Minhas senhoras, permitti que me prive da vossa companhia. Aqui vos deixo o senhor Alberto, que sahirá mais tarde, por que tem carruagem.

Foi de lagrimas o adeus das tres senhoras. As palavras sumiam-se nos soluços.

XXIII.

Eram onze horas da noite desse mesmo dia.

Padre Diniz, acurvado sobre a banca da escripta, largara a penna, apoiara a cabeça na mão esquerda, e, na direita, tinha o bilhete de visita que recebera em Odivellas.

Que novo episodio vem perturbar a existencia tempestuosa deste homem superior na virtude, e no infortunio? Quando saldará contas com a Providencia o velho, que, desde a mocidade, começou a ex-

piação d'uma culpa enorme? Quando concederá o Altissimo duas horas de tranquillidade ao anjo protector de tantos criminosos, de tantos innocentes, e de tantas almas roubadas á perdição, restituidas á honra e ao serviço da virtude?

Seriam estas as reflexões do padre? Não. Elle nunca ousou, como Job, interrogar a Divindade. Como Christo no horto, nunca pediu ao anjo do Senhor que lhe affastasse o seu calix, se a vontade eterna lh'o mandava devorar. Supplicando a morte, dizia: « Quando virdes, Senhor, que a expiação exceda o crime, levai-me! »

Nessa noite, porém, eram outros os seus pensamentos. Uma hora de silenciosa meditação sobre aquelle bilhete, revelava um encontro inesperado, uma surpresa das mais extraordinarias para tamanha impressão.

A torre dos Jeronymos deu meia-noite. Ao mesmo tempo, o criado de padre Diniz dizia fóra do quarto:

' Está alli um homem desconhecido, que manda perguntar se o individuo, que lhe fez entregar um bilhete, póde subir.

« Que suba.

' Para a sala?

« Não, para este quarto.

Minutos depois, o encapotado, lançando a capa dos hombros na antecamara do gabinete, entrou.

' Sebastião de Mello... — disse elle, estendendo a mão ao sacerdote.

« Azarias... — disse placidamente o padre, apertando-lhe com frieza a mão.

' Se te não enviasse um bilhete, decerto me não conhecias.

« Não... Ha vinte annos que te não vi.

' Foi na Africa a ultima vez.

« Justamente.

' Desde então, a tua vida como tem corrido?

« Cheia de penas.

' A minha... as minhas rugas que te respondam. Quero que me concedas o privilegio do primeiro desgraçado debaixo do ceu.

« Concederei...

' O teu caracter moral está mais transfigurado que o fysico.

« Tens razão... Não podia deixar de ser assim.

' Mas eu tenho a pedir-te alguns momentos de brandura. Se o teu coração é duro como as tuas palavras, manda-me sahir.

« Que queres de mim, Azarias?!

' Amisade.

« Não posso. A tua presença o mais que póde é excitar-me compaixão.

' Da-me essa, ao menos... Escuta-me... Eu desembarquei, ha quatro dias, em Lisboa. Vivo, ha quinze annos, mil e quinhentas leguas longe desta terra. Não sei o que a minha memoria tem sido, em Portugal!... Talvez nem já exista o meu nome no catalogo dos grandes perversos... Lembras-te,

Sebastião de Mello, de teres sido levado por mim a casa d'uma senhora, que vivia á Conceição Velha?

« Lembro... D. Anacleta dos Remedios era o seu nome.

' Justamente. Sabes alguma cousa dessa mulher?

« Sei... mas não me interrompas as noticias que vou dar-te. Amou um homem que se chamava Azarias. Este homem, abandonado por seu pai, que elle envergonhara e arruinara com as suas dissoluções, procurou esta mulher, cuja paixão escarnecera com os seus amigos, e vendeu-se-lhe por umas sopas, e uma casaca, e um cavallo que ella lhe deu. Azarias tramava a perdição d'uma pobre menina, e não poderia captal-a sem as sopas, a casaca, e o cavallo que Anacleta lhe dava.

« A bacalhoeira teve a ingenuidade de mostrar ao seu amante um thesouro. Azarias concebeu um plano arrojado. Roubou-a, e roubou a seu pai a mulher que devia dias depois enterrar nas areis de Tanger. Essa aventura deves tu sabel-a melhor que eu... mas a de Anacleta sei-a eu melhor que tu.

« A bacalhoeira ficou pobre. Os credores sequestraram-lhe tudo. Recolheu-se a uma casa pobre, e achou-se entre quatro paredes com suas filhas, e a fome, e a nudez por companheiras...

« Anacleta voltou d'um espelho para a janella, e chamou o primeiro que passou. Poucos dias depois, era meretriz de fama. Mas o prestigio decli-

nou, e as necessidades tinham augmentado com a vantajosa mercancia a que se déra.

« A filha de Anacleta... olha se te recordas... era uma linda menina, quando a conhecemos. Um duque apaixonou-se por ella, e reputou a sua paixão em cem moedas. Propoz a veniaga á mãi; venceu as pequenas hesitações da consciencia, e contractou definitivamente. Anacleta expoz as razões do duque e as suas; mas não convenceu a filha. O duque, mais athleta que orador, lembrou-se da violencia; a mãi apoiou o expediente, por que receava a fome, e Azarias não lhe mandava um ceitil dos seus cem mil cruzados. Maria Amalia... creio que se chamava assim... no momento de ser violentada, suicidou-se.

« A mãe desappareceu, e julgaram-na morta. Amaldiçoaram-na todas as filhas e todas as mãis, por que a reputaram a matadora da pobre menina. Foi preciso que o remorso atormentasse o duque, no fim da vida, para confessar o suicidio de Maria Amalia, que os anjos receberam na sua queda. A maldição sobre a memoria de Anacleta reviveu, com indignação mais rancorosa.

« A amante de Azarias não se matara. Muito longe de Lisboa, abraçou um martyrio de dez annos. A sua cama era uma pedra, o seu lençol o gelo da noite, a sua casa o alpendre d'uma ermida, o seu sustento um bocadinho de pão, e uma tigela de agua em cada dia. Ao cabo de dez annos, esta mulher perdoou a Azarias Pereira, para que as suas

victimas lhe perdoassem; e, como a ultima fibra do soffrimento estava partida, Anacleta morreu. Jaz debaixo d'uma pedra, sobre a qual ajoelham os povos, que a reputam sancta... Não tenho mais que dizer-te a respeito dessa senhora.

' E' bastante. Repara em mim, Sebastião de Mello! Ouvi-te, sem uma lagrima. Este homem está morto. De certas amarguras em diante, acaba-se a sensibilidade. Venho aqui como um authomato, impellido por uma força que me tem reduzido á condição d'um ente irracional. Vim ao faro do sangue, como o tigre. Não tenho alma, nem razão, nem consciencia. Sou uma maquina. Ha vinte e oito annos que sou castigado... por quem? Algum tempo pensei que Deus me punia: de certos flagellos em diante, acreditei na existencia do Lucifer da fabula christã, por que me julguei entregue aos caprichos d'um demonio. Deus — o Deus de meus avós — foi vingativo com Caim, experimentou o soffrimento humano em Job, mas perdoou a David. Os ultimos clarões da minha razão mostraram-me que a fortuna e a desgraça são eventualidades, que não teem sancção no ceu nem no inferno. Todas as religiões são mentirosas, todas as miserias vem do acaso, e não ha juiz que abençoe ou condemne, fóra do homem. Tirai-lhe a consciencia, e o homem dará um abraço nas féras, e irá com ellas devorar o animal seu similhante. Consciencia é que eu não tenho. Anniquilou m'a o soffrimento... Já te disse, venho a Portugal machinalmente. Ao cabo

de vinte annos de fome, e de penurias, e de abjecções que me envileceram aos meus proprios olhos, morreu um homem, que me deixou seu herdeiro, se eu existisse. Esta noticia encontrou-me no fundo da Tartaria. Vim á Hollanda... recebi essa herança com que podia comprar felicidades, mas eu não tenho já ambição nenhuma, desejo nenhum, esperança nenhuma a realisar no mundo, nem fóra do mundo. Quiz restituir um roubo a essa mulher, que eu fiz cahir comigo ao meu abysmo. Acho-a morta!... Não suppunha encontral-a tão feliz... Mas duas filhas, que tinha em um collegio, Anacleta, já não vivem?

« Vivem...

' Pois bem... que recebam ellas a restituição... Não tenho mais deveres a cumprir. Roubei-a... Esse ouro bem sabes que o vi desapparecer entre duas vagas encontradas, em quanto eu sustentava nos braços um anjo, que me fizera um demonio, aquelle cadaver livido sobre que viste cahirem as lagrimas d'um grande perverso... A'manhã, como primeira e ultima supplica de Azarias, receberás esse dinheiro, e não te prohibo de declarar ás filhas de Anacleta que o ladrão veio a Portugal, no fim de vinte e tres annos, restituir o preço com que comprou a sua perpetua infamia. Que não agradeçam esse dinheiro a Deus, nem á virtude... Foi o acaso que trouxe aqui a maquina... Se um outro acaso ámanhã me collocar na precisão de roubar as filhas de Anacleta, roubal-as-hei.

« Azarias... — disse serenamente o sacerdote — quem te perverteu assim?

' A desgraça.

« Quantas victimas fizeste n'um momento? A mulher que levaste comtigo. O pai dessa mulher que morreu doudo. Anacleta que passou da prostituição ao martyrio. Uma filha de Anacleta que se suicidou. Outra que se entregou, como amante, a um homem que outros homens arcabuzaram. Abriste e fechaste quatro tumulos, e pozeste á beira do quinto uma desgraçada que espera, antes que o teu pé a despenhe, encontrar uma filha que lhe arrancaram, porque essa creança poderia no futuro dar-lhe um bocado de pão da herança de seu pai. Azarias! esta obra é tua! A' luz do quadro, os traços mais distinctos são os teus. O teu braço era poderoso, que póde tanto! E a justiça de Deus, que não confiara ao teu braço a missão de anniquilar, quebrou-o. Tens sido tu só a expiar os tormentos de tantas rêzes que immolaste á tua sensualidade. Não pódes neste drama negro encontrar a luz d'um pensamento nobre. Empregaste a torpesa para satisfazer torpes vocações. Que querias tu? Soffrer algumas contrariedades, e ressurgir do abatimento de alguns dias com a paz no coração, e os braços do mundo abertos para te acolherem? Que tens tu soffrido, que expie as turturas d'um pai, que se vê privado da sua filha unica, da sua companheira de velhice, da esperança toda do coração quebrado de amarguras... um pai, Azarias!... tu

sabes o que é um pai, que conta os suspiros de sua filha, desde o berço até aos dezesete annos, para chamal-a uma vez, e ter em resposta: « a tua filha roubaram-t'a! »? Sabes o que é a fome, que faz descer uma mulher d'uma elevada posição, ao estrado asqueroso, onde a obscenidade é uma condição para não morrer de indigencia? Comprehendes o quinhão de infamia que tens na violencia imposta a sua filha por Anacleta? Aos olhos de Deus serias tu, um homem punido, e regenerado, quando a mulher que te amara e te daria esse thesouro, se lh'o pedisses, acordava sobre a pedra, e não podia levantar os braços hirtos para agradecer á misericordia divina mais um dia de martyrio e arrependimento? Revoltas-te contra a Providencia, tu, que vês passar, sem uma lagrima, a fileira de espectros, que te fariam cahir a face no chão, se não dominasse em ti o mais revoltante de todos os orgulhos... o orgulho no crime! *A fortuna ou a desgraça são o acaso*, disseste tu, homem fraco! A consciencia do justo, do bom filho, do bom irmão, do bom marido, e da boa mãe porque não é perturbada com as paixões abrasadoras que queimaram em tua alma o instincto da virtude? Eu, que tenho um crime, porque não sou casualmente feliz? Anacleta que assassinara o pai de suas filhas, para enriquecer Maria Amalia, porque se viu roubada nesse thesouro caro de infamias, e porque viu sua filha com a cabeça partida sobre uma pedra? Olha as expiações como se encadearam!..

« Espera !... Eu fui por tanto o instrumento da vingança de Deus... Não tenho a responsabilidade dos meus crimes...

« Tambem o carrasco é obrigado pela lei a apertar o laço no pescoço dos padecentes... O carrasco não é responsavel; mas os crimes que o trouxeram á posição que occupa entre os seus semelhantes ? Quem é responsavel por elles ? Quantas paixões ignobeis te perverteram até ao momento em que roubaste Anacleta ? Quantos desgostos deste a teu velho pai, que obrigaste a fugir á deshonra, e á pobresa, que lhe preparavas em Portugal ? Quantas immoralidades tuas deram brado em Lisboa, antes que a ultima coroasse a tua abjecta reputação ?.. Ves ! Não foi o acaso que te escolheu para punires Anacleta. A sociedade entra na enchovia e offerece o patibulo ou o cutello do algoz a um dos condemnados. O condemnado opta pelo cutello, porque a infamia o fez cobarde, deante do patibulo. A providencia tambem escolhe os seus flagellos nas feses sociaes. Não verás nunca o homem honrado, servindo de açoute ao criminoso. Os tigres despedaçam-se uns aos outros... Asarias ! se a tua alma é de ferro, vai-te em paz ! Deus te dê a consciencia, que eu não sei as palavras com que se arranca a primeira lagrima de contricção ao criminoso que, no fim de vinte annos, inventou o *acaso* para rebater os assaltos do remorso...

Azarias levantou-se, abraçou padre Diniz, e albuciou na despedida palavras quasi inintelligiveis.

O padre viu com pasmo, a improvisa resolução do judeu; mas nem ligeiramente lhe estorvou a sahida. . . . . .

. . . . . .

No dia seguinte, oitenta mil cruzados eram entregues, pelo snr. Salema, a padre Diniz.

« Posso saber onde encontrarei a pessoa, que me envia este dinheiro?

' Não sei — respondeu o capitalista — Azarias retirou-se a noute passada de Lisboa. Não sei que direcção levou.

« Faça-me um obsequio e servirá, o seu amigo... creio que Azarias é seu amigo?

' Não o conheço. Apresentou-me uma letra de duzentos contos, sacada em Londres.

« Pois, senhor, tenha a bondade de dividir esta quantia em duas quantias eguaes. Uma deve ser entregue a D. Antonia Mascarenhas, secular no mosteiro de Odivellas: a outra, a D. Emilia Mascarenhas, moradora na praça da Alegria n.º 22.

' E os recibos aquem devo apresental-os?

« A Azarias Pereira. E' natural que de qualquer parte v. s.ª receba ordens, visto que deixou em seu poder...

' O que vai de oitenta mil cruzados para duzentos contos..,

« Senhor Salema... V. s.ª gosa d'uma boa opinião, e ninguem terá duvida em lhe pedir um favor...

« Posso servil-o em alguma cousa

' A's senhoras, que vai embolçar desses oitenta mil cruzados, não pronuncie o meu nome. Não ha necessidade alguma da minha intervenção neste negocio.

' Fique socegado, que serão satisfeitos os seus desejos. Não vejo nisso o menor favor... Diga-me, snr. padre Diniz, tem encontrado o nosso amigo Alberto de Magalhães?..

« Algumas vezes, raras. Sabe que elle seja meu amigo?

' Fallou-me de v. s.ª com bastante enthusiasmo, o que é raro no caracter delle... Sabe que está apaixonado?

« Não sabia...

' Pois, se eu me engano, será a primeira vez na minha vida. O homem deu-lhe no gôto uma rapariga, que foi cousa muito intima do conde de Santa Barbora...

« Uma tal Eugenia?

' Justamente. O caso é que o rapaz... elle já não é rapaz; não pode ter menos de trinta e oito a quarenta annos, a verdade é que está apaixonado, que vive só para ella, e que pouco se lhe dá do complicado commercio a que deve a grossa fortuna que possue...

« E' muito rico este cavalheiro?

' Riquissimo. Pode dispor de doze milhões de um momento para o outro.

« E' muito em Portugal... Pois, senhor, eu

desejo ao seu amigo todas as venturas que a sua paixão lhe pode proporcionar...

' Dispoem em alguma cousa do meu prestimo, senhor padre Diniz?

« Queira honrar-me no seu serviço, senhor Salema.

XXIV.

O senhor Salema fez guiar a carruagem para a praça da Alegria n.º 22. D. Emilia como sempre, veio á janella, chamada pelo ruido da carruagem, e recuou de espanto quando a viu parar á sua porta. Seu marido mal teve tempo de despir um velho casacão de briche, e envergar uma casaca preta que podia, sem favor, pleitear antiguidades com o casacão, seu irmão mais novo.

Salema batia, pela terceira vez, na porta da saleta unica do mestre de solfa, quando deu de face com a personagem inesparada do senhor Joaquim dos Reis.

« Procuro a senhora D. Emilia Mascarenhas.

' E' minha mulher; e eu sou seu marido.

« Agradeço a explicação; mas não é com o senhor que eu me devo haver.

' Pois ella alli está... Emilia, este senhor procura-te.

« Não tenho a honra de o conhecer — disse timidamente Emilia.

' Eu tambem a não conheço, minha senhora;

mas, segundo informações que me deram, a pessoa com quem fallo é a senhora D. Emilia Mascarenhas.

Uma creada de v. s.*... Eu não sei com quem fallo, e peço perdão se tenho sido incivil por ignorar o tratamento que devo dar-lhe...

« Ora, minha senhora, deixemo-nos de bagatellas. Procurei-a para lhe entregar quarenta mil cruzados...

' A minha mulher?— balbuciou o mestre de musica, apanhando os occulos, que lhe resvalavam ao pendor do nariz.

' A mim! — exclamou ella, apontando-se com o dedo, e procurando d'um relance uma lembrança que lhe justificasse a verosimilhança de tal surpresa.

« Justamente; salvo se a senhora não é Emilia Mascarenhas. Eu vou já sabel-o por uma pergunta...

' Eu sou Emilia do Loreto Mascarenhas... mas poderá haver outro nome assim...

Deixa fallar este senhor, Emilia — disse o senhor Joaquim dos Reis, pondo o lenço vermelho em postura de receptaculo á destillação do tabaco, que, no justo extasis de tal surpresa, lhe cania nos folhos da camisa em grossas pingas.

« A senhora conhece Azarias Pereira?

' Eu que te disse, Emilia? — atalhou o inquieto consorte, violentando o nariz repleto a sorver uma pitada com solemne estampido.

Conheci, sim, meu senhor!... respondeu titubiando de vergonha a filha de Anacleta.

« Conheceu, ou não? — parece-me que a vejo embaraçada na resposta.

' Conheceu perfeitamente... Isto são mulheres — occorreu o providente marido — Envergonham-se de dizerem certas cousas... Mas em fim, não ha remedio senão dizel as... isto é uma historia comprida; mas la vai...

— Este senhor — disse Emilia, corando — não te pediu ainda que lhe contasses alguma historia

« Não pedi, nem quero. O caso é muito simples. Azarias Pereira manda entregar á senhora D. Emilia de Mascarenhas quarenta mil crusados. Tem alguma rasão de suppor que este dinheiro lhe deve ser entregue, minha senhora?

' Tem, tem... — disse com vehemente enthusiasmo o senhor Joaquim dos Reis.

— Tenho... — confirmou Emilia, vendo que Salema esperava uma resposta.

« Pois b m. Queira passar o recibo... Eu chamo-me José dos Campos Salema.

Em quanto Emilia escrevia, o millionario chamava da janella o creado da tabua, que entrava com uma saca de dinheiro em ouro, á qual o negociante ajuntou um masso de notas do banco, e letras sobre o erario. Passado o dinheiro sob as vistas titubiantes do pianista em disponibilidade, Salema retirou-se com o recibo, entrou na carruagem, e mandou tocar para Odivellas.

Emilia entrou no seu quarto, e accendeu a lampada a Nossa Senhora da Rocha, diante da qual resou quantas devoções sabia. Seu marido, menos susceptivel de fervores religiosos, olhava estupidamente para aquelle dinheiro, e receava um attaque apopletico, ou uma subida de sangue á cabeça, receio que nunca o inquietara nas horas mais calorosas das suas perdidas creações de arpejos! Sigamos Salema a Odivellas. Antonia Mascarenhas era, pela primeira vez, ahi procurada por um homem estranho. Esta visita coincidia com o momento em que a irmã adoptiva de Sebastião de Mello contava as desventuras de sua mãe e as suas á condessa de Sancta Barbora. Com os olhos mal enchutos das lagrimas, e o coração arquejante, Antonia pediu á sua amiga que a acompanhasse.

A condessa entrou com ella na grade.

« Qual das senhoras é D. Antonia Mascarenhas?

' Sou eu, senhor.

« Venho encarregado de entregar-lhe quarenta mil cruzados...

' Enviados por quem?

« Por Azarias Pereira.

' Esse infeliz ainda vive?

« Vive, sim, minha senhora. Nego, porém, que seja infeliz. Quem saca sobre minha casa duzentos contos de réis... será tudo, menos infeliz.

' Deus permitta que a sua felicidade lhe não venha só do ouro...

« Pois, minha senhora, queira passar-me um recibo, e receber a quantia..'

' Não recebo, senhor.

« Não recebe? Essa é boa! Venho de entregar uma igual quantia á senhora D. Emilia Mascarenhas, que naturalmente...

' É minha irmã... Esse dinheiro não me pertence... Se v. s.ª está encarregado de fazer uma restituição, em nome de Azarias, queira dirigir-se ao marquez do Val, a quem essa quantia pertence...

« Eu não me dirijo a mais alguem. Quem quizer que me procure em minha casa. Já cumpri a pedido d'alguem obrigações que não tinha, e compromissos estranhos ás ordens, que me foram dadas. O que posso, minha senhora, é deixar-lhe aqui o meu nome, a minha residencia, e a certeza de que este dinheiro será entregue á ordem de D. Antonia Mascarenhas seja a quem fôr.

' V. s.ª póde fazer-me um obsequio... Decerto o não negará a uma mulher, que lh'o pede com anciedade.

« Queira mandar-me, minha senhora.

' Na travessa da Junqueira, n.º 44, mora um sugeito chamado padre Diniz Ramalho e Sousa. Tenha v. s.ª a generosidade de procural-o, e dizer-lhe de minha ordem que faça entregar essa quantia ao marquez do Val Sei que elle cumprirá. Mereço-lhe este sacrificio?

« Cumprirei, sem a mais leve repugnancia.

Salema sahira, quando a condessa como transportada de respeito e admiração, abraçou Antonia.

' Ah! que é um anjo, minha querido amiga.

« Em que, senhora condessa? Eu que fiz, que não fosse um dever? Aquelle dinheiro era de meu pai; mas meu pai era um ecclesiastico...

' Que importa? Não foi perfilhada, D. Antonia?

« Fui; mas meu pai, nas agonias da morte, quando conhecesse que fôra envenenado pela mãi de suas filhas, amaldiçoaria aquella desgraçada mulher, e a raça que bebeu o leite daquelle seio. Não posso... não podia vêr um dinheiro, que fez de minha pobre mãi um verdugo... Perdoa-me, infeliz martyr!... Se estás na presença de Deus, condoe-te de tua filha, que talvez, neste momento, recebeu de ti a inspiração para regeitar aquelle dinheiro, que tem o segredo de cinco cadaveres...

Antonia escondera o rosto no seio da condessa, e humedecera-lhe com lagrimas as mãos.

Retiraram-se da grade, e entraram na cella onde, como duas flores de virtude, se respiravam mutuamente os aromas, que brevemente deviam subir á presença de Deus, que as confiára ás vigilias de um anjo.

XXV.

O senhor Salema tinha sobejas razões para affirmar a paixão do Alberto de Magalhães pela va-

lida do defuncto conde de Sancta Barbora. Dias antes áquelle em que vimos o proprietario dos nove navios cumprir as ordens do israelita Azarias Pereira, procurava elle Alberto para negocios muito urgentes que só com o chefe de uma vasta rede de corsarios podiam ser tractados.

Salema exigia que Alberto de Magalhães, a titulo de uma viagem a Constantinopla, sahisse de Lisboa para reconciliar com a sua presença desintelligencias perigosas de alguns commandantes de navios, por causa de uma presa que um tal Lima fizera nas costas da China, e contra os compromissos sagrados da seita sonegara no inventario.

Salema sabia que o tal Lima se refugiara em Gibraltar, e procurava desquitar-se das obrigações de pirata subalterno, entrando em Portugal, como um honesto brazileiro que se retira do commercio, e vem saudar na patria o formoso clima da sua infancia.

Era, por tanto, forçoso punir um refractario; e o capitalista, alma destas complicadas operações, desde muito, delegara em Alberto a supremacia, o imperio absoluto no mar, sobre dez navios com mil e oitocentos homens entre os quaes Alberto era conhecido por *Barba-Roixa*.

Salema allegara ao seu tenente-rei as razões urgentes da sua partida. Alberto ouvira-o com enfado, e respondera-lhe que deixasse o Lima em paz, que lhe não pozesse estorvos á sua entrada em Portugal, que todo o homem tinha direito a vir dissi-

par em terra as penosas economias do mar, que o Lima, com vinte annos de serviço, apenas poderia recolher com oitocentos contos, e não havia de que pedir-lhe saldos.

Satema conveio na imperiosa decisão do inflexivel Barba-Roixa, e entendeu que o coração daquelle homem perdera a consistencia do ferro. A humanidade de taes sentimentos não era natural ao seu caracter. O millionario conhecera-o resfolegando sangue pelos olhos, quando, no alto mar, o faro da presa lhe vinha exasperar a sede d'ouro. Quem poderia transfigurar-lhe o genio? Neste mundo ha só dous milagres que podem d'um abysmo de perdição levantar um homem, cadaver de sentimentos nobres, e insuflar-lhe a vida d'um anjo: é a religião, e a mulher. Os sentimentos religiosos de *Barba-Roixa* eram, pouco mais ou menos, os de *Come-facas*. Alberto de Magalhães, na sociedade, tinha um atheismo illustrado; no mar, em face das tempestades, confessava Deus na sua consciencia; e, como não podia conciliar a pequenez do homem com a magestade da tormenta, concluia que o verme não era responsavel pelas suas miserias. Ainda assim, quando uma vaga lhe mostrava as fauces verde negras, Barba-Roixa não consentia que a maruja blasfemasse.

Não fôra, por tanto, a piedade que afeminara o coração, e enfraquecera o braço do corsario. Tinha muita razão o credor da divida insoluvel da marqueza de Pena-cova. Andava alli influencia magica

de mulher. Nesta convicção, o senhor Salema farejou a lura onde a lebre esperava o macho — como elle grutescamente dizia — e deu com Eugenia nos suburbios de Cintra n'uma carruagem, com Alberto de Magalhães, que lhe pousava languidamente sobre o hombro nu a cabeça, que, tantas vezes, desgrenhadapelas rajadas, no mar, parecia desafiar a colerados elementos, e marcar com os olhos o mastro em que o raio, resvalado, devia abysmar-se a seus pés.

Eugenia era senhora do coração de Alberto. Contra todas as leis do habito, contra todas as precedencias do opulento viajante, que deixára nas capitaes da Europa a reputação de facil conquistador, e mais facil despresador de invejadas conquistas, Eugenia, sem querer encarecer-se por artificios, em cada novo dia, aos olhos do seu amante fascinado, irradiava uma nova seducção, uma bellesa moral, espontanea e inesperada.

Sem ser aconselhada pela arte, a forçada rival de D. Angela de Lima, sabia tudo que o instincto ensina, e que a educação mais acurada não suppre em muitas mulheres de grosseira inflexibilidade.

A fidalguia das maneiras, sem requebros estudados defronte d'um espelho, sem quebramentos de pescoço e cintura, que muitas vezes confundem a mulher mais elevada com os geitos da mais invilecida, em Eugenia era tudo a tempo, occorriam as posturas e as palavras com encantadora naturalidade, compunham-se-lhe as fórmas tão ao proprio com

as evoluções do espirito, que seria preciso ambicionar o impossivel para desejar algum novo dom naquella mulher.

E depois, veio-lhe de subito o que era para desejar-lhe algumas vezes: a melancolia. No principio, Eugenia, fóra das recordações pesarosas da sua escravidão, como ella lhe chamava, era gilhofeira, finamente mordaz, e demasiado falladora, mas nunca desengraçada. Ora isto, não se ajustava tal qual com o caracter sombrio de Alberto. Mas, a seu pesar, era tal o melindre com que a tractava que nunca elle ousou dizer-lhe o que lhe faltava para ser perfeita.

Não foi preciso. A natureza completou o trabalho daquella bella organisação. Logo que o espirito se affeiçoou ao manjar, que Alberto lhe aconselhara, e que a leitura lhe engrandeceu o mundo da intelligencia, que apenas adivinhara pelo instincto, Eugenia era perfeita, entristecia-se sem azedume, scismava com os lindos olhos pasmados nos labios do amante, como se não quizesse deixar nos labios a pronuncia completa d'uma ordem, antes de ser pelos olhos adivinhada e obedecida.

« Principio a sentir a verdadeira felicidade, Eugenia — disse Alberto, sentado em uma pedra musgosa dos Pisões, em Cintra, em quanto ella fazia um ramo de flores agrestes.

« Ès feliz, Alberto? Por me veres tão alegre, não é?

« A minha generosidade não iria tão longe!...

Sou feliz por que sou feliz... A ventura alheia... que importa ao egoismo do homem? Bem podêra a tua alegria entristecer-me, por eu não poder sentil a comtigo!... Sou feliz... devo-te tudo, Eugenia. Hoje é que eu principio a receár alguma grande tempestade nesta minha vida, que tanto amo, que tão outra do que foi me amanheceu ha poucos dias...

'Pois que pressentes, meu filho?! Não o'lhes assim para mim que me fazes mal!... Meu Deus! tu tens lagrimas, Alberto! Que é? Esta solidão não é boa para ti... Arrependo-me de ter lembrado a nossa vinda para o campo. . Vamos para Lisboa, ámanhã, queres?

« Não. Tu não sabes o sabor destas lagrimas... Quando se é triste assim, é abençoada a tristeza... O amor faz isto, Eugenia!... Faz de conta que estas duas lagrimas são entre nós uma alliança eterna... Juntos toda a vida, Eugenia! Quando Portugal nos der um momento de mortificação, fugiremos d'aqui. O céu é bello em toda a parte do globo, quando a alma não está solitaria... Senti desesperações dolorosas no Oriente, no meio-dia, no tumulto de Londres, e nas ruinas desertas de Cartago... em toda a parte a proscripção, o desalento, e a morte. Faltavas-me, Eugenia!... e nem sequer o coração me vaticinava a esperança de encontrar-te. Agora, sim... iremos de paragem em paragem.. até descançarmos ambos em uma, onde digamos: « Vivemos pouco, por que era muita a felicidade... Aqui, descança-se no seio da morte. »

' Tão triste, Alberto !... E vês tu... goso tanto ouvindo-te fallar assim !... E' por que todos esses pensamentos são meus... adivinhaste-m'os... Eu tambem desejo abrir uma manhã os olhos para vêr um mundo que nunca me visse.. Pois sim, meu anjo !... quando receares um desgosto em Portugal, vai, mas não me deixes, que, sem mim, não serás feliz, em parte alguma. Não te rias desta minha vaidade, não ? Não deves... Eu sinto isto, por que penso que se não pó le amar tanto, e amar duas vezes assim... Se o amor é hoje a tua felicidade, como esquecerás tu a pobre mulher que te fez sentir alguma cousa do bem que lhe fizeste ?...

« Que te fiz eu, Eugenia..! Quasi nada !..

' Olha, Alberto ... vês estas flores ?.. são agrestes nasceram ali sem que ninguem as cultivasse, n'aquelle silvado. Eu era assim, quando me colheste entre espinhos. E' no que eu pensava, quando fazia este raminho. Toma-o.. Olha, tu decerto lhe não darias mais valor, se estas flores viessem d'um jardim, cultivadas com grande esmero para ti... pois não ?... responde... não penses...

« Não, decerto, Eugenia.

' Pois eu estou sendo para ti o que são essas flores... Ellas e eu devemos-te uma estimação, que ninguem nos daria... O peor é murcharem as flores.. e eu não queria a sorte d'ellas... Que triste desenlace teve a minha comparação !...

Neste momento da estrada de Lisboa chegava o mordomo de Alberto, com um masso de papeis,

que appresentou a seu amo. Este abriu, leu, e a meia voz, disse ao creado: Entregue-os ao prior... diga-lhe que não falta nada; passado um quarto de hora, estarei lá.

« O cavallo vinha tão suado!..

Disse Eugenia, referindo-se ao do mordomo.

' Era necessario vir de Lisboa com prestesa...

« Mas não é nada que te inquiete, Alberto, pois não?

' Cousa nenhuma, filha, A nossa vida é tranquilla como o murmurio d'aquella fonte... Todas as novas são sempre bem-vindas... Presagias alguma cousa triste?

« Eu, não... Não me vês tão contente, capaz de saltar de ramo em ramo como aquelles passarinhos? E seria ingrata a Deus e a ti, se me não contentasse com a felicidade que tenho. Ah! as que o coração de uma mulher possa ambicionar mais?

' Pode...

« Pode!?.. o que, Alberto?

' Tu, Eugenia... falla-me com a sinceridade com que fallarias a Deus, tu não ambicionas mais nada?

« Muito... o impossivel... queria a immortalidade, mas assim como hoje a vida nos corre.... Do contrario não; ao menor dissabor, á mais pequena nuvem neste nosso ceu, quero a morte... Ora aqui tens a minha ambição, querido da minha alma!.. Tudo o que não for isto... tudo o que for cousas dos homens e da terra... acho-as pequenas,

para valerem a ambição d'uma mulher como eu, que adora um homem como tu...

' Que cousas da terra chamas tu pequenas?

« O que muitas mulheres... quasi todas... reputarão a suprema felicidade, a grandeza da sua missão, a realidade magnifica do seu sonho... Não me perguntes mais nada, Alberto. Ha cousas que se não devem perguntar a uma mulher na minha situação...

' Porque?

« Teimas, máo?!

' So esta e mais nenhuma. Qual é a tua situação para que se te não devam fazer certas perguntas?

« Para que?.. porque o coração responde a ellas ingenuamente; mas o rosto não pode deixar de corar...

' Comprehendi-te, minha filha... Agora mais pergunta nenhuma... Aqui tens tu a igreja parochial de Cintra... O exterior é mesquinho... queres vel-a por dentro?

« Pois, sim; eu gosto muito do silencio das egrejas... e agora ao pôr do sol deve ser bonita a refracção da luz... Ella está aberta, penso eu...

' Está.

Entraram no templo, e foram direitos á sacristia. Achavam-se alli dous clerigos, o prior e o cura, e o mordomo de Alberto de Magalhães. Eugenia ficara observando um painel da esquerda do altar mor, e ahi se conservava enlevada no enthusiasmo

da arte, quando sentiu passos ao pé de si. Era Alberto, e o prior aparamentado de sobre-peliz, e estola. Eugenia não ligou importancia áquelle grupo, que parecia esperal-a na ultima escada do altar.

« Eugenia — disse Alberto — vem aqui ajoelhar comigo.

A fysionomia da esposada tinha alguma cousa de celeste. Por debaixo do veu transparecia-lhe o rubor do delirio, da alegria, da surpresa, de todas as paixões grandes reunidas, de todos os extasis abrasados n'uma expansão unica, que devia matal-a ou endoudecel-a, se fosse duradoura.

Sem articular dous sons, Eugenia ajoelhou, e quando o ministro do sacramento lhe disse as palavras que ella devia repetir : « recebo por meu legitimo marido Alberto de Magalhães... » a tremula menina, vacillante sobre os joelhos, fez-se côr de cera, e segurou-se ao braço de seu marido, que acabava de jurar as ultimas palavras do sacramento.

Ao erguerem-se, ambas as faces tinham lagrimas. As de Alberto seriam— e eram filhas de uma paixão satisfeita ; mas tambem eram, por ventura, o egoismo do homem, que dava a uma mulher o goso de ambições, que ella nunca sonhara. As de Eugenia... que importa explical-as ao homem ?.. O coração da mulher que as adivinhe... E' a ella que Deus confiou o privilegio de idealisar as sensações que tocam immediatamente com a divindade

por todas as fibras nobres do coração humano. Em quanto os anjos não fallarem na voz do homem, serão a filha de Hypathias e Joanna d'Arc, e as sybillas sagradas da religião do sentimento, serão as mulheres de eleição, as predestinadas do genio, as que possam decifrar, em palavras, as commoções e as lagrimas de Eugenia.

XXVI.

A recommendação de D. Antonia foi lealmente satisfeita. O marquez do Val, que acompanhava D. Miguel, recebeu a boa nova dos quarenta mil cruzados, ao pé do Porto, e pediu immediatamente licença para vir embolçar, em Lisboa, uma quantia que, alguns mezes depois, lhe valeu muito na emigração. Ha quem diga que o marquez, n'um excesso de reconhecimento a seu defunto irmão D. Theotonio de Mascarenhas, lhe resara por alma d'um só jacto, tres *Padres-nossos*.

Cumprido o encargo, padre Diniz foi a Odivelas abençoar a nobre e virtuosa resolução da filha de Anacleta. Encontrou-a doente. As golfadas de sangue, com intermittencias de febre repetiam-se de modo, que a pobre senhora mal podia vir á grade, encostada á sua querida confidente, a condessa de Sancta Barbara. A saude desta não promettia mais vida. O que a outra não tinha tanto era a fortaleza de organisação, porque Angela de Lima, ha mais d'um anno, fôra julgada heotica.

Padre Diniz encarava as duas senhoras como duas lampadas a bruxulearem os ultimos lampejos. « Daqui a pouco — dizia-se elle — a minha vida é completamente escura. Tudo, que me rodeava, vai desapparecendo. E Deus quer que eu veja de pé esta longa agonia das pessoas que me alimentavam o coração... Seja feita a vontade de Deus! »

Principiava o sacerdote fallando na restituição, quando bateram à porta interior da grade. Era uma creada da Prelada, que pedia licença para sua ama fallar ao senhor padre Diniz. A donna abbadeça entrando, não demorou a causa da sua vinda:

« Por lhe não dar incommodo, senhor padre Diniz, pedindo-lhe o favor de entrar na minha grade, vim sabendo que estava aqui com as minhas amigas, e suas. O fim para que o procuro reverte em honra e gloria de Deus. A fama das suas virtudes chegou á cabeceira de um meu sobrinho, que se acha gravemente doente. Minha thia condessa de San'Gens pede me que rogue eu a v. s.ª o obsequio de procurar meu sobrinho Alvaro Faria, primo direito do general Gervasio Faria, fusilado em 1817....

A prelada não continuaria se reparasse na convulsão do padre, na palidez de Antonia, e na perturbação de D. Angela.

' Para satisfazer-lhe — continuou a abbadeça — a grande devoção que elle tem de confessar-se com v. s.ª

« São obrigações do padre, minha senhora

que se não rogam, lembram-se-lhe. Irei, e muito breve, se é urgente a minha ida.

' Já, sendo possivel. Eu sabia que v. s.ª viria aqui hoje, por m'o ter dito a minha amiga condessa, e preveni-me, mandando vir uma carruagem, que está á espera de v. s.ª

« Irei já minha senhora... Ao Lumiar é perto, e eu prefiro ir a pé; necessito deste movimento; e Deus permittirá que o enfermo não perigue com a minha demora d'alguns minutos. . . . . .

. . . . . .

Padre Diniz entrou no quarto, onde um enfermo rodeado de filhos, e irmãos, e parentes de todas as ramificações do venerando tronco, não ouve uma só palavra que o console nas afflictivas angustias que lhe precedem a morte, como um cortejo de larvas. O terror está pintado nas fysionomias que lhe contemplam, com impotente piedade, os tardios remorsos.

Alvaro Faria é um homem de cincoenta a cincoenta e cinco annos. Uma velhice extemporanea arregoou-lhe profundamente os tegumentos do rosto, que parecem rasgados pela proeminencia dos ossos. Como n'um rosto de reprobo, aberto a capricho em cera, veem-se dous globulos que volteam, e saltam, e rodam nos eixos em vertiginoso dilirio. São os olhos, que buscam na vista de cada circumstante o segredo do seu remorso.

Quando se abriu a porta do quarto, e appareceu o aspecto sereno do levita, os tocantes trasso-

d'aquella formosa fysionomia de velho, os mas gestosos contornos do elegante d'outras eras, esquecidos para muitas pessoas que ali se achavam, e um dia viram Sebastião de Mello... quando padre Diniz appareceu, disia-mos nós, retiraram-se todos.

« Tenho muita fé nas suas virtudes, senhor !.. Disse o doente, estendendo ao padre a mão descarnada.

' Tenha muita confiança na sua contricção, e na misericordia divina.

' Desejo confessar-me.

« Ouvil-o-hei.

' Antes de principiar a confissão queira dizer-me se posso escolher a culpa, que mais me pesa na consciencia.

« Pode; e exponha a maior culpa com a mesma confiança da menor. Ha crimes que é necessario uma grande violencia no arrancal-os do coração para os expor-mos na presença de um estranho. Esses receios tem-os o homem de pouca fé, e contrição tibia. Nesta posição, considere-me superior ao barro do homem. Veja-me como um instrumento de perdão, e esqueça-se de que eu posso ser um dos que não saldaram contas com a justiça de Deus.

O enfermo reanimou-se O aspecto do ministro do Altissimo era mais eloquente que as palavras. Alvaro Faria, cumpridas as formulas penitenciarias do Sacramento, fallou assim :

« Ha quinze annos que foi fuzilado por crime de rebellião meu primo o general Gervasio Faria. Na vespera de ser justiçado, confirmou com um testamento a perfilhação d'uma filha que tinha. Esta menina no futuro devia ser herdeira de seu pai, e eu procurei todos os meios de obstar a que ella crescesse com o conhecimento de ser filha de meu primo. Devorava-me uma ambição infernal! Eu era rico, mas com um crime ignorado podia ser riquissimo. Espionei a existencia desta creança, e soube que ella vivia em poder da ama que a creara, e que sua mãi desapparecera. Uma noite, com os meus criados, entrei em casa da ama, e arrebatei a creança do berço. Era uma menina de tres annos, linda como um anjo, e sorria-me d'uma maneira, que então me parecia uma supplica de piedade, e hoje me parece um escarneo ás minhas agonias. Aconselharam-me que a matasse...

« E matou-a?

« Não tive coragem. Mandei-a para uns cazeiros que tenho no Algarve, e deixei-a lá estar até aos doze annos. Quando a menina chegou a esta idade, soube, pelos cazeiros, que ella queria procurar em Lisboa uma casa onde servisse. Disse aos cazeiros que a deixassem fazer a sua vontade. Nessa occasião appareceu no Algarve o mordomo de um fidalgo de Lisboa, viu a pequena, soube que ella queria servir uma casa, como criada grave d'uma senhora, e trouxe-a comsigo para casa de seu amo.

Ha poucos mezes que essa menina existia... Devo restituir-lhe a herança de seu pai?

« Deve.

' Mas, senhor, os meus filhos ficam arruinados.

« Que mendiguem. Tem filhas, senhor?

' Uma.

« Deus não permittirá que ella encontre um amo, que a force á deshonra, como Eugenia.

' Eugenia!... esse nome é o da...

« Amante do defunto conde de Sancta Barbora.

' Então o senhor conhece-a?

« Conheço... nada perde com isso...

' E é indispensavel a restituição?

« Se ella a não dispensar.

' Isso é impossivel!... Os meus filhos não podem ficar pobres!...

« V. exc.ª não me disse que era rico, antes de roubar essa menina, e a herança de seu pai? Se lh'a restituir, rico fica.

' Não é assim! Tudo que me veio dessa herança... perdeu-se! Era um palacio em Campolide; devoraram-no as chammas, e não ficou pedra sobre pedra. Eram cem contos de réis em mãos d'um tal Moysés, judeu, que falliu em Amsterdan, e os credores perderam todos. Aqui tem, senhor, essa herança não a possuo; se a restituo do que é meu, meus filhos pedirão uma esmola.

« Imitarão o filho de Deus, que a pediu, e não lh'a deram.

' E' impossivel ! A religião não põe assim o punhal ao peito d'um moribundo !...

Os tregeitos do enfermo eram horriveis. Fechava os punhos, e nitria com os dentes, por entre os quaes a lingua respingava sangue. O padre, na presença daquelle espectaculo, cruzou os braços, e desviou os olhos, elevando-os para a imagem de Christo. Quebrado do accesso, Alvaro cahiu em profundo somno, pouco diverso de outro somno de que se amanhece na presença de Deus. O sacerdote esperou.

Accordado em convulsões, o penitente, irreconciliavel com as condições um pouco sérias da restituição, ainda viu o padre, que o encarava com a mesma austeridade.

« Cuidei que se tinha retirado, senhor padre!... Em quanto á restituição, tenho de consultar algumas pessoas religiosas, que de certo não hão-de querer que os meus filhos mendiguem, para que a filha bastarda de meu primo saia da vil condição de creada de servir para herdar os bens de meus avós... Ah !... agora me lembro... os meus bens são vinculos... não podem ser alienados fora da familia...

' Isso é uma legislação absurda, senhor Alvaro. Os seus bens são vinculo ; mas o rendimento dos seus bens é alienavel até á ultima geração. O direito civil não absolve o roubo

« Isso hade ainda discutir-se...

' Não se perca, senhor. A sua demanda vai de-

cidir-se no tribunal de Deus; deixe a seus filhos litigarem a natureza dos seus bens... Vou dar-lhe uma esperança, não salutar para a alma, mas póde milhoral-o no corpo, e o tempo fará o resto.

'Qual é?

« Essa menina, que v exc.ª considera na vil condição de criada de servir, dispõe de doze milhões.

'O senhor está a zombar!

« Não acho opportuna a occasião para zombarias. Essa senhora casou ante-hontem em Cintra com Alberto de Magalhães.

'Nesse caso, poderei salvar-me, sem a restituição... que lhe parece, senhor padre?! Eu tenho muita fé na sua virtude! Poupe-me os meus filhos de pedirem esmola...

« O que posso fazer a v. exc.ª é pedir a essa senhora que lhe conceda a esmola de cento e tantos contos a seus filhos.

'A esmola? Isso é uma affronta ao meu nome.

« Nesse caso, pedirei a Eugenia que approveite a occasião de *receber a honra* de não fallar a seus filhos nos cento e tantos contos... Senhor Alvaro, a hyronia não fica bem ao meu caracter... Sou pequeno em virtude ao pé da obduração em que está sua alma. Antes de quarenta e oito horas, v. exc.ª terá de Eugenia de Magalhães uma renuncia dos bens que poderiam pertencer-lhe de seu pai.

XXVII.

Alberto de Magalhães encostado ao piano, com o contentamento de expansiva ternura nos olhos, escutava as maravilhas da arte, que só o talento creador de Eugenia, em tão pouco tempo cultivado, podia adivinhar.

Toda fragrancia e mimo, sensivel a cada olhar, estremecendo de carinho a cada palavra meiga, a cada gesto apaixonado, a ditosa esposa quizera exprimir no som do piano o que não podia trazer do coração em palavras. Tanta felicidade embriagava-lhe o sentimento em delirios de a tornarem febril. Tinham decorrido quarenta horas, quarenta fugitivos instantes, depois que pronunciara a palavra esposo. O somno não ousara tocar-lhe as palpebras, sempre abertas para vêr bem junto aos seus lábios o somno placido, povoado de sorrisos, em que o seu anjo parecia saborear os fructos d'uma feliz consciencia.

Alberto viera encontral-a no piano, e alli ficára enlevado na magica pallidez de uma noite mal dormida, que tão suave colorido augmentava ao viço das rosas us rosto infantil de Eugenia. Assim se deleitavam os dous entes absolutamente venturosos, quando foi annunciado padre Diniz Ramalho e Sousa.

Eugenia, como surprehendida, estremeceu e córou. Alberto, sem hesitar um instante, mandou entrar para aquella sala o seu antigo amigo Sabino Cabra, o cigano.

' Alberto... retiro-me?

« Não, filha... hoje queria eu que todo o mundo te visse...

Padre Diniz cortejara Eugenia, quasi sem a fixar. Com Alberto, abraçou-se, pela primeira vez.

« A que devo eu o prazer de o vêr em minha casa?

' Venho felicitar-vos, Alberto de Magalhães; e reprehender-vos. Hontem foi o vosso casamento, e nem se quer vos mereço, já não digo um convite de amigo velho, mas ao menos a appresentação de vossa esposa. Approximai-vos de mim, menina, e não repareis no tratamento que vos dá o velho padre. Estes cabellos dão-me direitos de paternidade.

Eugenia approximou-se com timidez.

' Não vos quero assim acanhada. Conversai comigo, fallai-me de Cintra, dos amores de Bernardim Ribeiro com a ingrata Beatriz, que *menina e moça* foi levada de casa de seus pais; dizei-me se o vosso coração não tem muita vida aqui debaixo deste ceu, que o meu amigo Byron achou indigno desta raça de escravos... Pobre lord, encontrei-o em Veneza procurando nos canaes o cadaver d'uma boa rapariga, que se matou por elle!... Era um generoso coração! Queimava o cadaver dos amigos, desenterrava do lodo o cadaver das amantes, fazia versos á filha, e não lhe dava os sobejos das suas dissipações; vendia aos inglezes os poemas em que os insultava; pintava comicamente o caracter da mulher na mãi do D. João... era uma excellente

creatura, que nos dava a honra de nos chamar *barbaros*... Estou-vos enfastiando, meus amigos... Tendes razão...

‘ Pelo amor de Deus, não diga tal... — atalhou Eugenia. — Vê como as suas palavras me restituiram o desembaraço?... Agora já sou outra... parece-me que o conheço ha muitos annos...

«Pois é assim que eu vos quero. Então, Alberto, já sabeis quem era a pessoa que me mandaste a casa?

‘ Já... disse-m'o Salema, que vos levou oitenta mil cruzados d'uma restituição...

« Então não fallemos disso mais... Sabei que tenho fome... Dai-me de almoçar, se não recolho-me ao conventinho dos pobres monges que lá estão em cima nas suas cellas de cortiça . . . . .

. . . . . .

Sentados á mesa, dizia Alberto:

‘ Não sabe, meu caro padre, o que minha mulher me disse um dia?

‘ Não digas, Alberto...

« Porque não ha de elle dizer? Se dissestes mal de mim, Eugenia, fostes injusta...

‘ Mal... nunca!.. — acudiu ella.

« Mal, não — tornou Alberto — disse que lhe tinha medo, e certo medo, que não é antipathia.

‘ Valha-me Deus!.. As rugas da velhice assustam as creanças... Ja agora, filha, é sorte de velho!

« E quando eu lhe disse que padre Diniz sabia tudo, quanto se passava...

, Enganastel-a...

« Quanto se passava debaixo do ceu, sorriu-se.

' E teve mais juiso que vós, Alberto... Dai-me um desses biscoutos torrados, Eugenia.

« E accrescentou que vos faria uma pergunta...

' Alberto!.. és um chocalheiro... — disse Eugenia, com o resentimento do mimo

« Uma pergunta?.. dizei la, menina; mas primeiro dai-me uma colher de assucar. Os velhos são como as creanças: gostam do doce. Agora dizei lá a vossa pergunta..

' Não digo, snr. padre Diniz; eu estava a brincar com Alberto: estou quasi zangada com elle...

« Isso é que eu não quero... Quereis ahi chá, Alberto?

' Se me faz o obsequio... Digo o que foi, Eugenia?

« Ha de ella dizel-o... — atalhou o padre.

' Pois então... será logo.. — disse Eugenia, tentando em vão esconder o sobresalto.

Findo o almoço, passaram a uma sala.

« Agora, Eugenia... A pergunta?..

' Meu Deus!.. Ella não é vergonhosa, mas eu temo passar por louca, querendo achar em v.s.ª as qualidades d'um adivinho.

« Dizei... riremos ambos, depois.

• Com essa condição... digo... Queria saber quem era meu pai e minha mãe..

« Sim? A'manhã vol-o direi, minha boa menina.

Eugenia, convencida da seriedade da resposta ficou branca, tranzida, e immovel. Alberto procurava na fysionomia do padre um signal de folia naquella resposta.

« Ficais perplexos? Tendes rasão. Olhai, porem, que não sou feiticeiro, nem desencanto genealogias. A'manhã, Alberto, estareis, vos e vossa senhora, em minha casa ás duas horas. Jantareis comigo... Dai-me um abraço, filhos !.. e adeus.

Padre Diniz sahira.

Eugenia, abraçada a seu marido, dizia :

« Isto é um sonho, Alberto ?

• Não, filha. O padre Diniz é um homem superior... eu não t'o disse ?

. . . . . .

Ao mesmo tempo, as seculares condessa de Sancta Barbora, e D. Antonia Mascarenhas recebiam licença do patriarcha para estarem fóra do mosteiro o praso de tempo necessario para a restauração da sua saude. Esta licença ia acompanhada de uma carta de padre Diniz, que convidava as duas senhoras a apparecerem em sua casa, no dia immediato, á uma hora da tarde.

Mediava, portanto, uma hora entre a vinda das senhoras e a dos noivos de Cintra.

. . . . . .

Um quarto antes de uma hora chegou a carruagem de D. Angela de Lima. As senhoras passaram, como familiares daquella casa, pela saleta de antar, e viram cinco talheres e uma mesa, ricamente adornada de preciosas peças de ouro e prata. O luxo inesperado surprehendeu-as menos que o numero de talheres.

Padre Diniz entrava no momento em que as seculares se consultavam com os olhos, e sorriu benignamente áquelle pasmo em que as viu tão entretidas, que nem se voltaram para cumprimentar o dono da casa.

« Foram pontuaes, minhas amigas.

« Ah !.. o snr. padre Diniz !.. — exclamou Angela, correndo com Antonia, a abraçal-o,

« Acham demasiada opulencia em casa d'um padre? Teem rasão, mas o padre, quando as circunstancias o collocam a par das classes elevadas, é necessario sacrificar á decencia a humildade... Isto são cousas velhas, que minha irmã nunca viu cá em casa... Nem a mim me lembravam ja...

« Mas quantos somos a jantar?.. — disse Antonia.

« Os talheres são cinco !.. — accrescentou D. Angela.

— E' que são cinco os convivas... — disse o padre, encaminhando-as para a livraria.

Nenhuma das senhoras cedeu á anciedade de saber quem eram as duas pessoas estranhas. D. An-

gela lembrou-se de seu filho... mas quem seria o outro? D. Antonia lembrou-se de sua irmã... de Azarias... mas seria possivel este encontro?..

« Ja sabem uma nova? — disse o padre — casou Alberto de Magalhães.

' Deveras?! — interrogaram ambas.

« Ha dous dias, em Cintra.

' Com quem?

« Com uma menina pobre.

' Que virtuoso homem! — disse Angela — Naturalmente era alguma menina de boa familia...

« Descendente de duas familias muito illustres...

' Bastarda, não?

« Sim, minha querida Angela... é bastarda.

' Ora vejam! Alberto parecia um homem insensivel... Quem sabe se foi um casamento de capricho?

« Casamento de paixão... — disse o padre, com a firmesa da convicção.

' Ha muitos assim, que não acabam felizes como principiam... Mas taes serão as virtudes dessa menina... Namorou-a nos salões?.. é muito natural...

« Namorou-a na rua... é extraordinario!

' Na rua?

« Na rua, senhora condessa...

' Não entendo bem, ou o acontecimento é original...

« Não é original... Encontrou-a, offereceu-lhe o

seu coração, a menina acceitou-o, e por fim considerou-a tão elevada pelas virtudes que a fez sua esposa, e rehabilitou-a de desventuras passadas, que a sociedade intitula *deshonra*.

' Pois ella...

« Tinha sido violentada a ser amante d'um poderoso, que a tinha como sua serva...

' Mas não me disse que descendia de duas familias illustres essa menina?

« E confirmo o que disse... A infelicidade não annulla o nascimento...

' Então foi abandonada por seus pais? — retorquiu Antonia.

« Ella é que lhe ha de contar a sua historia, minha irmã.

' Pois é ella a que vem...

« Com o seu marido jantar comnosco... Ahi está uma carruagem... São elles. Entrem na sala das visitas... Minha irmã, restituo-vos a vossa supremacia... Espero que fareis a honra da casa. Vinde receber a esposa de Alberto de Magalhães.

Antonia desceu alguns degraus da escada para dar a mão á bella menina que subia, com o padre, que lhe dera o braço.

« Temos cá a senhora D. Antonia de Mascarenhas! — disse Alberto — Como passa, minha senhora?

Entravam na sala, trocando-se os ditos communs da civilidade, quando Eugenia deu de face com a condessa de Sancta Barbora. Eugenia aper-

tou o braço do padre, como pedindo-lhe um apoio, e uma rasão d'aquelle encontro. A condessa, esvahida e corada ao mesmo tempo, não respondia ao cortejo de Alberto, que tambem não comprehendia a imprudencia do sacerdote. D. Antonia não participava das emoções, que se passavam nas fysionomias de todos, menos na do sacerdote, cuja impassibilidade estava sendo para Alberto uma suspeita de que aquelle homem, ao cabo de trabalhosos soffrimentos, entrava na crise d'uma demencia. O facto inesperado, este absurdo encontro, não se explicava de outra maneira.

Padre Diniz, quando o silencio da quella falsa posição começava, disse tranquillamente:

« A hora dada para o jantar é mais tarde. Sentemo-nos e conversemos. Senhora condessa, vou communicar-lhe o resultado da missão nobre, que hontem me foi ordenada pela senhora donna abbadeça de Odivellas. Tractava-se de confessar um primo do general Gervasio Faria, fusilado em 1817. Eu não vou revelar o segillo da confissão. E' por ordem do ceu, que vou cumprir uma promessa feita ao moribundo... D Antonia... coragem! Vejo-a desmaiar!... O seu coração deve estar endurecido na dor, para afrouxar tão depressa debaixo de uma impressão, que Deus lhe manda!.. Então!.. Bem!.. Pode chorar, mas quero que me escute...

« Esse general tinha uma filha, que fez sua herdeira. Essa menina fôra roubada dos braços da ama, aos tres annos de idade... Quem a roubou foi

o meu penitente... Não a matou, por que a viu muito linda, e a coragem arrefeceu-lhe no coração pervertido pela ambição, porque, diz elle, nos labios desta creança voava um sorriso, que se parecia com uma supplica de piedade...

'Então a minha filha.. vive!.. — exclamou Antonia, correndo para o padre com as mãos erguidas.

« Já que viestes, minha irmã, sentai-vos aqui mais perto de mim.. Ora ahi tendes o que é uma precipitação!... Aqui estão Alberto, e sua esposa, sabendo que tivestes uma filha... Não repareis, senhores... Esta senhora tem chorado assim, muitas vezes, com a face sobre o meu coração... Deixai-a chorar, e depois continuaremos.

« Continue... eu sinto-me capaz de ouvir tudo... — balbuciou Antonia, escondendo no lenço o sangue que lhe vinha com os fluxos d'uma tosse, quasi imperceptivel. Eugenia, sem acção, sem vida nas feições, encarava aquella senhora, e sentia em si os aturdimentos d'um sonho, como nos instantes que se seguem ao despertar.

Padre Diniz continuou:

« A fortuna usurpada, por um mysterioso processo da divina providencia, desappareceu. O ladrão á hora da morte, pressente a eternidade das penas; quer salvar-se; mas não quer restituir, por que, se restitue, seus filhos pedirão esmola. A salvação deste homem é possivel sem restituição? Elle quer que seja; mas o ministro de Deus não o absolve!

Contra elle ha dous brados que clamam vingança ao ceu: o de uma pobre mãi, privada de sua filha; e da filha privada de sua mãi, e da sua herança, e do seu pão. Para que o meu penitente se salve, sem deixar seus filhos a mendigarem, é necessario que a mãe da menina roubada lhe perdôe as tormentosas afflições de quinze annos!.. Antonia! perdoareis a este homem?

" Sim, sim; mas, se minha filha vive, que m'a entregue.

« Bem... O moribundo ja tem o vosso perdão; mas não basta isso .. E' necessario que a menina privada da herança, e de sua mãe, lhe perdôe a orfandade, a fome, os desastres que possam ter decorrido na sua existencia de quinze annos de abandono, e de miseria... Sem isso, a salvação do agonisante é impossivel... Eugenia!.. perdoais ao homem que vos privou de mãe, e da fortuna? Vossa mãe já perdoou.... agora vós!....

Não tentaremos o impossivel. Esta scena não se descreve. Padre Diniz está em pé, com o braço direito estendido na postura em que o finha, apontando para Antonia, quando disse: « Vossa mãe o perdoou! » Antonia, quando comprehende a significação daquellas palavras, e olha para o padre espavorida como interrogando-o pela realidade d'aquelle sonho, sente uma nevoa bassa toldar-lhe a vista, e o alento que se lhe esvahe n'uns braços que já não vê. E' Eugenia, que ajoelha com sua mãe nos braços, e a condessa, tambem ajoelhada, que

ampara a cabeça da sua amiga chegando o ouvido á quasi exhausta respiração dos labios. O coração de Antonia bate debaixo da mão de Alberto, que dobrou um joelho, e não tira os olhos dos de sua esposa, que parecem nubelar-se. Padre Diniz, inferior a Deus, e superior a todos os homens, olha aquelle grupo com um sancto sorriso, como o dos martyres glorificando a Deus. Alberto chama Eugenia, como receoso de a vêr desfallecida.

« Não temas — disse ella — esta força vem-me de Deus. Minha mãe não morrerá... pois não, senhor padre Diniz?

« Não, filha... Não vê que se lhe abrem os olhos? Quando estivesse morta, o amor de mãi resuscital-a-hia. Antonia!... Não é um sonho... Eu adivinho as perguntas do vosso coração. Esta menina é vossa filha... Alberto é o seu esposo... Angela é a vossa querida amiga. Vêde, já o é tambem de vossa querida filha. Olhai como ellas se abraçam e choram... Parece que estão, como duas inimigas contrictas, pedindo-se perdão com as supplicas da alma... Eu, que vos tenho nos braços, e no coração vos tenho tudo, ha dezeseis annos, serei sempre o vosso irmão... Estaes melhor? penso que sim... Não tendes força para ir abraçar a vossa filha?... Olhai, é ella que vem beijar-vos a mão... Abençoai-a... Chorai muito, que, na vossa situação, não ha palavras... Mas não quero que o banquete seja de lagrimas... Deixemol-as, Alberto... Vinde vêr a minha mesa. Direis que Luculo convida

Crasso a jantar. . . . . .

. . . . . .

O jantar esperava as senhoras, quando Angela veio dizer que era impossivel conduzir Antonia á mesa. Que a sua amiga estava gravemente incommodada do peito, e pedia licença para recolher-se á sua antiga cama. Eugenia pedia licença para acompanhar sua mãi, e a condessa de Santa Barbora encarregava se de as servir, levando-lhes uma gota de caldo, e jantando com ellas, para compartir da felicidade das suas amigas.

Padre Diniz e Alberto de Magalhães, como organisações feitas na provação dos abalos, não abandonaram completamente o apetitoso jantar, que lhe era servido. Em fugitivos instantes, deixaram a mesa onde as palavras que trocaram foram muito poucas. Recolhidos em si, digeriam, por assim dizer, a impressão que receberam com coragem; mas o coração era de homens, e o homem não póde evitar os effeitos de tudo que é sublime, pelo bello, ou pelo horrivel.

Passando ao quarto de Antonia, encontraram-a febricitante. A estas horas, era certo um crescimo, desde que padre Diniz a visitara, na sua volta de Santarem. Eugenia vellava sua mãe; Angela de Lima juntava os disvelos de amiga aos disvelos da filha.

Padre Diniz chamou Alberto de Magalhães ao seu gabinete, e escreveu o seguinte bilhete:

Eugenia de Magalhães renuncía a herança que tinha a receber de Alvaro Faria.

« Dizei a vossa mulher, que assigne esse bilhete... Levai-lhe esta penna . . . . . .

. . . . . .

Terminava o prazo das quarenta e oito horas, quando Alvaro Faria recebia o perdão da filha do general, conduzido por um frade capuchinho encarregado de lhe ouvir a sua confissão.

Ainda viveu alguns mezes. Foi necessario dizerem lhe que o conde de Villa Flor estava defronte de Lisboa para morrer de pasmo... que de remorso... era impossivel.

XXVIII.

Estamos em 28 de Agosto de 1833.

Alberto de Magalhães vive em Cintra com sua esposa, cada vez mais querida, e sua sogra, que pede com incessantes supplicas um anno mais de vida para conhecer, na sua carreira de quarenta e dous annos, um só de felicidade Os carinhos de sua filha não a salvam. O outono virá brevemente confundir no susurro da folhagem, que rola no chão, o ultimo gemido daquella mulher.

Na casa proxima á de Eugenia, vive a condessa de Sancta Barbora, só, desconhecida á sua propria criada.

Na quinta fronteira, em uma pobre casa de lavoura, vive padre Diniz, que, no dia 24 de Julho,

incapaz de sentir o enthusiasmo dos liberaes na praça do Rocio, foi interrogado, sobre *quem vivia*. O sacerdote, sem impallidecer, perguntou a Deus e á sua consciencia que peso teria a sua vida, na balança dos partidos. O seu silencio ia ser punido, quando um homem d'entre as multidões, armadas de lanças e chuços e espadas, o tomou pelo braço, e o affastou do holocausto. Era Alberto, cujo laço azul e branco impunha respeito, e mais ainda o seu nome impresso no cathalogo dos benemeritos credores da causa da liberdade, para a qual o suspeito espião de D. Pedro contribuira com duzentos contos de réis. Neste conflicto, um homem de catadura sinistra abraçou Alberto, erguendo-o tres vezes ao ar.

« Não me conhece, intrepido Barba-Roixa?

' Conheço...

« Viva a liberdade!

' Viva a liberdade!

« Somos todos eguaes!

' Justamente, todos eguaes!

« Viva o povo, povo de valentes, e de heroes!.. Abaixo o despotismo!

' Abaixo o despotismo... — repetia sempre Alberto com um sorriso de escarneo.

« Uma nova época vai ser inaugurada! — continuava o orador.

' Diga-me... que fogueira é aquella? — perguntou friamente Alberto.

« São os moveis do Miguel Alcaide, que foi

enviado ao diabo esta manhã! O povo faz justiça por suas mãos! O povo é rei!

« Viva, por tanto, o povo!

« E morram os frades!

« Elles morrerão...

« E tambem os padres! os infames! os hypocritas! os jesuitas! os inquisidores... morram os padres!

« Sois muito cruel, senhor Lima! — atalhou mansamente padre Diniz.

« Quem lhe disse o meu nome! Eu não conheço este sotaina! Olha o diabo, que aqui me apparece!

« Este sotaina — replicou o padre — é um homem que remiu em Inglaterra a sua vida, senhor Lima, condemnada a carcere perpetuo por certas abordagens nas costas da America...

Lima, o pirata, que o millionario Salema queria punido, encarou padre Diniz com respeito, curvou-lhe a cabeça, e estendeu lhe a mão. O padre repelliu-o, e seguiu impassivel o seu caminho. Alberto de Magalhães, preparado para evitar qualquer aggressão do seu facinoroso collega do mar, seguiu o sacerdote.

E desde esse dia nunca mais voltaram a Lisboa.

A condessa affeita ao amor de Antonia, seguiu-a, porque a sua amiga não podia separar-se da filha. Padre Diniz convivia em ambas as casas, testemunhando uma felicidade, preparada por elle,

como instrumento do ceu. Pedia a Deus que o não deixasse sobreviver ás duas senhoras, que eram a sua familia, a nutrição dos seus affectos, o amparo daquelle coração, que não tinha, por morte d'ellas, senão a saudade d'um anjo, e a esperança de encontral-o no ceu.

Deus tinha disposto.

Antonia, ha quinze dias de cama, rodeada de medicos, conversou uma noite com padre Diniz até ás tres horas da madrugada. Recordou os lances todos da sua vida. Contou-lhe episodios da infancia, a historia minuciosa, sentimento por sentimento, da sua paixão pelo pai de Eugenia. Pediu-lhe que repetisse o martyrio de sua mãi; as palavras que se trocaram, e a descripção da capellinha em que ella morrera.

O padre concebeu, um momento, esperanças de uma favoravel crise na doença. Principiava a dar-lhe consolações, e citar exemplos de curas inesperadas, quando Antonia, sorrindo á ternura do seu bemfeitor, murmurou:

« Meu amigo, meu pai. . pessa a Deus que me receba no seu bemdito seio, por que a minha vida está no fim... Devo á Virgem Sanctissima esta revelação... pedi-lhe sempre, que me désse o pressentimento da morte proxima... Morro feliz, meu anjo bom, morro feliz... podendo, na minha... talvez... ultima hora, dizer-lhe: « padre Diniz... devo-lhe esta morta... Vou esperal-o na bemaventurança!... »

Antonia fechou lentamente os olhos ; mas respirava. Era o somno precursor do somno eterno. O padre ajoelhou diante do crucifixo, quando entraram Eugenia e Angela.

« Morreu ? — exclamou Eugenia.

' Ainda não ! — murmurou o padre.

« Oh minha mãe ! — bradou Eugenia, beijando-a na testa humida de suor. Antonia abriu os olhos, sorriu, levou ao coração as mãos de ambas, e perguntou por Alberto.

O marido de sua filha chegou ao leito, e afastou-lhe os cabellos da testa...

' Que é, minha querida mãi... sente-se melhor?

« Sinto-me bem... e padre Diniz, onde está?

Olharam todos, e não o viram. Alberto procurou-o em casa, e soube que tinha sahido ; voltou a perguntar se deveria procural-o em casa delle ; Antonia acenou que sim ; e disse á filha : « dizme o coração que o não torno a vêr. »

Padre Diniz entrara em casa. Quando voltou, e disse que o não encontrára, Antonia murmurou : « Eu não vos dizia ? Seja feita a vontade do Senhor?... Angela, minha querida amiga, deixo-a depositaria desta lagrima que vert'o na sua mão... é de padre Diniz... diga-lhe que a moribunda não podia deixar-lhe outra lembrança... a minha ultima lagrima... Eugenia !... Angela !... Alberto... a memoria da minha desgraçada vida ahi vos fica para nunca vos esquecer esta pobre mulher... »

Fechou os olhos... Os gemidos que chamaram por ella, ouvil-os-hia... mas na eternidade.

Eugenia desmaiou nos braços do marido. Angela, apertou a mão do cadaver, e murmurou:

« Até logo, minha amiga!

Será verdade que uma grande afflição purifica a natureza humana, sanctificando-a com o dom da profecia?

Aquelle « até logo! » não seria inspirado por uma voz sobrenatural, que disse a Angela: « vem, oh martyr! »? . . . . . .

. . . . . .

Algumas horas depois, a condessa de Sancta Barbora recebeu a seguinte carta:

« Eu pedi a Deus, com todo o fervor da minha alma, que cerrasse os meus olhos, cansados de vêr e chorar, antes que o tumulo me escondesse dous anjos que me foram consolação na velhice, e vaidade, sem culpa, no coração.

« O Senhor não attendeu a oração do peccador. Minha « irmã » a flor que levantei debaixo dos pés da sociedade, que fiz reverdecer com os meus disvelos, que ensinei a fortalecer-se na seiva de suas proprias lagrimas, a minha primogenita, deixai-me assim chamar-lhe, nas entranhas do coração... morreu!

« A estas horas, Antonia, que me estava na alma, no sangue, no pensamento de todas as horas, quebrou-se deste vinculo de dezeseis annos, e

deixou-me no mundo como guarda de mais um tumulo.

« Condessa de Sancta Barbora, minha filha tambem, que te aparentaste comigo pelo martyrio, que respiraste comigo o ar que mata o pulmão por onde se respiram as lagrimas na terra, Angela, se póles d'um lance d'olhos, compenetra-te do meu dramaem menos de vinte annos. D'aqui até ao meu berço... decorrem cincoenta e quatro... Os tormentos dessa longa juventude... morrerão comigo.

« Estou rodeado de tumulos. Aqui Pedro da Silva, o anjo da tua mocidade, Angela. Ao pé, sellado por um mysterio da providencia, o tumulo do conde de Sancta Barbora. Sobre o coração o peso da pedra, que me esconde as cinzas de Francisca Valladares. Ali os ossos de minha mãe abraçados pelo cadaver dilacerado de meu pai. Alem, a sombra de Arsacleta, a martyr que conversa com a tempestade do ceu no alto das montanhas. Aqui, na minha mão, o calor ainda do ultimo beijo que fechou os labios de Antonia.

« O que tenho eu sido na face da terra? O espectador sinistro que contempla todos os infortunios, e leva comsigo a morte ao desenlace de todos os dramas.

« Se ha generosos sacrificios na minha vida, quaes são as consolações com que a justiça eterna me indemnisa? A solidão, a orfandade, a queda de cada ente que levanto, mas a queda n'um abismo, onde os gritos da saudade não tem um ecco.

« Eu não blasfemo, Angela ! O meu desalento não é um prejurio ás mortificações de Christo, que eu jurei adorar, como professo na vida da resignação, e como homem que procura, ha trinta annos, penitenciar-se com o riso nos labios, e com a mão estendida para o algoz.

« Não blasfemo, filha. Sinto que a ultima hora da minha expiação não tenha soado.. sinto, por que estou fraco, por que não posso mais, por que ouço estalarem as molas deste barro quebradiço.

« Quando vos deixei, pobres senhoras, recebendo o ultimo suspiro de Antonia, que devia ser vosso, ajoelhei, com os olhos no ceu, e pedi ao Senhor que abrisse diante da minha velhice um largo horisonte, uma vasta perigrinação, sobre espinhos, um grande amphiteatro em que as carnes me fossem retalhadas, em que o martyrio saldasse as minhas contas com o supremo juiz.

« Era necessario fugir debaixo deste ceu. Era necessario fugir de ti, minha filha, para não ver o teu cadaver. O resto das minhas forças, e a pouca vida que as anima, devia gastal-as em me afastar destes sitios, onde brevemente fecharás os olhos, Angela.

« Quero ignorar o teu fim: quero imaginar que vives: quero sonhar que um dia voltarei a Portugal, rojando sob o peso da decrepitude, a expirar nos teus braços.

« E todas estas illusões, extremo ar da minha

alma, morrerão, onde eu viver. Partirei, Angela!

« Se um dia voltar, e me disserem que o penultimo tumulo se fechou... se tiveres morrido... ajoelharei sobre a ultima pedra que deve erguer-se para esconder o segredo do derradeiro conviva neste banquete de desgraças...

« Condessa de Sancta Barbora, não conspiremos contra a soberania de Deus! Face em terra, filha!.. e murmuremos uma acção de graças, quando o raio nos estallar sobre a cabeça...

« Alberto e Eugenia... são dignos do teu amor... Alberto tem a scencia da desgraça... Eugenia tem a herança do coração de sua mãe... Nos braços delles podem correr tranquillos os teus ultimos dias.

« Teu filho será um dia o reflexo das virtudes de Angela de Lima... Se na sua volta a Portugal, vos encontrardes... falla-lhe de mim, e diz-lhe que em poder de Alberto de Magalhães existe o seu patrimonio. Um dia receberá o meu legado, que não é ouro com que se compram baratas as virtudes, e se nutrem facilmente as paixões famintas... Será um *livro*.

« A benção de Deus afaste de sobre a tua cabeça os tormentos do remorso, minha filha. Adeus »

A condessa leu, com a mesma serenidade, a primeira e a ultima palavra. A vida exterior era a mesma; a morte, porem, estava dentro. Cada minuto era um anno; cada aspiração era um halito ve-

nenoso, que lhe quebrava os vinculos do espirito á materia inalteravel.

Finda a leitura, Angela passou á sala de espera, onde estava o portador da carta:

‘ Onde lhe entregaram esta carta?

« Em Bellas.

‘ Disseram-vos que tinha resposta?

« Não, minha senhora.

. . . . . .

Angela veio ao quarto de Eugenia, e pediu-lhe a sua carruagem para vir a Lisboa. Alberto, assustado por tão improviso destino, pediu a significação deste lance. A condessa entregou-lhe a carta.

Eugenia, que a ouvira ler, perguntou:

« E que faz com a sua ida a Lisboa, minha querida amiga?

‘ Quero despedir-me... abraçal-o como filha... é uma anciedade do coração...

« Mas tem a certeza de encontral-o?.. Decerto, nenhuma... — replicou Alberto.

‘ Diz-me o coração que o verei... Se o não vir, paciencia... Deus me levará em conta este desejo vão...

Abraçaram-se. Eugenia chorava, e a condessa entrava na camara onde Antonia expirara, e dava um beijo nos labios roixos do cadaver.

. . . . . .

A carruagem partiu.

Na Porcalhota a condessa sentiu uma vertigem.

Julgou que devia ser o resultado d'uma horrivel impressão... encontrara alguns cadaveres do exercito realista, que estanceava n'aquellas paragens, e vira dois soldados colericos a agonisarem encostados a uma ribanceira, ao lado da estrada, pedindo uma gota d'agua, que ninguem lhes dava.

A' primeira seguiu-se uma segunda vertigem, caimbras, vomitos, arrepios, e um suor glacial. A carruagem parou. Um cirurgião militar chegou á portinhola, e disse ao boleeiro que a recolhesse depressa a Lisboa, se não queria levar um cadaver. D. Angela pedia agua. Deram-lhe quanta quiz beber, e lançou-a logo. Alguns militares rodeavam a carruagem, e um de superior patente offereceu-lhe a sua casa. A condessa recusou, e pediu que a conduzissem depressa a Lisboa. Sentia falta de ar, e olhava para as mãos que de repente se tornaram de uma cor asulada. O cirurgião disse ao ouvido do seu visinho: está morta dentro d'uma hora... ja tem a *cyanose*. Ora a *cyanose* na colera de 1833, era o symptoma infallivel d'uma proxima asfixia.

A carruagem, a todo o trote, parou na travessa da Junqueira n.° 44.

O boleiro ia bater, quando a porta foi aberta por padre Diniz, que correu a abrir a portinhola. Recuou... Angela tinha os olhos abertos, mas os labios mudos. Padre Diniz estendeu-lhe a mão, que devia apertar-lhe a sua... não se moveu. Reparou de novo na face da condessa salpicada de manchas

azues, e viu que os olhos se tinham fechado. Tomou-lhe o pulso... nem uma palpitação...

« Parece que está morta... — disse o boleeiro...

' Está... ajudai-me a tiral-a...

Padre Diniz subiu ... depositou a sobre um canape, ajoelhou...e disse em voz que tinha em si alguma cousa sobrenatural... um mixto de terror, de sanctidade, e de sarcasmo:

« Está feita a vossa vontade, senhor! Quem quizer servir-vos, hade sentir-se esmagado de baixo da sua cruz !.. Senhor !.. aqui estou ! que quereis de mim?

FIM DO SEGUNDO VOLUME.

NOTA.

Comparando o 1.º com o 2.º volume, salta aos olhos da critica (que tem olhos) uma desigualdade de esthetica, uma desharmonia de conceitos, de fórma, e de estylo que denuncía dous escriptores, ou duas indoles no mesmo escriptor. As paginas do 1.º volume são escriptas pelo author que falla de si, que avulta no quadro que descreve, assombrando-o das cores melancólicas de que sua alma devia estar escurecida.

No 2.º volume, do 4.º ou 5.º capitulo em diante já não é author o filho da condessa de Sancta Barbora. O masso que o nosso amigo nos enviou do Brazil continha, além do 1.º volume organisado, poucos capitulos do 2.º, e o resto eram apontamentos de que nos servimos, como genuinos, por que não podemos duvidar dos esclarecimentos que os documentavam. Enganar o publico, isso é que de modo nenhum.

Sem offender a arte, nem a verdade, continuamos o romance, e abstivemo-nos de attribuir ao cavalheiro, que morreu no Rio de Janeiro, o que era nosso na fórma, com quanto delle na substancia. Estas duas entidades (substancia e fórma) que deram muito que entender á philosophia escholastica da idade média, esperemos que não perturbarão a ordem em que se acha a litteratura moderna.

Deve notar-se mais que os pseudonimos de que nos servimos é um ultrage que fazemos ao trabalho de D. Pedro da Silva. O mysterioso amigo do guarda-livros, que nos honra com a sua amisade, era um historiador fiel, nomeava as pessoas com toda a evidencia do baptismo, descreve muitas como hoje as conhecemos, e mandaria queimar a sua obra, sem pretenções de Virgilio, se soubesse que um desastrado editor lh'a sacrificaria á lei das conveniencias.

Que a sua alma nos não persiga por esta infracção!

PQ
9261
C3M84
v.2

Castello Branco, Camillo
Mysterios de Lisboa

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 05 01 01 005 5